



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS**  
**PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**ARTESANATO *NO E PARA* O MERCADO:  
AS REDES DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS  
ARTESANATOS DAS FEIRAS HIPPIE E DO CERRADO DE  
GOIÂNIA - GO**

Mestranda: Cristiana de Andrade Fernandes

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo S. Maia

Goiânia, setembro de 2008.

**CRISTIANA DE ANDRADE FERNANDES**

**ARTESANATO *NO E PARA* O MERCADO:  
AS REDES DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS  
ARTESANATOS DAS FEIRAS HIPPIE E DO CERRADO DE  
GOIÂNIA - GO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás para a obtenção de título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Natureza e produção do espaço

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo S. Maia.

Goiânia, setembro de 2008.

**CRISTIANA DE ANDRADE FERNANDES**

**ARTESANATO *NO* E *PARA* O MERCADO:  
AS REDES DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS  
ARTESANATOS DAS FEIRAS HIPPIE E DO CERRADO DE  
GOIÂNIA - GO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio – Ambientais da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do grau de Mestre, aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Izabela Tamaso

---

Prof. Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts

---

Prof. Dr. Carlos Eduardo S. Maia  
Orientador

---

Prof. Dr. João Batista de Deus  
Membro Suplente

Goiânia, setembro de 2008.

## AGRADECIMENTOS

Considero que essa dissertação foi muito importante na construção da minha vida pessoal e acadêmica. Foi um processo ardoroso e difícil no qual tive que enfrentar diversos obstáculos e lutas até comigo mesma. Com certeza só consegui chegar até aqui devido ao apoio, ao carinho e o companheirismo de várias pessoas que me ajudaram a não desistir e continuar esse longo processo de construção do conhecimento que me fez tornar uma pessoa mais madura e mais forte.

Agradeço imensamente ao meu namorado Jeferson M. dos Santos que mais que um apoio foi minha sustentação, meu amigo, meu descanso, enfim a pessoa que mais me ajudou e me “agüentou” nesses dias.

À minha grande amiga Luiza Machado, companheira de trabalho de campo, de feira, de pastel, de ansiedades, de choros e de elucubrações intelectuais, o meu muito obrigada. Às minhas amigas Alessandra Tenório e Clarissa Valadares que também me ajudaram muito na aplicação dos questionários e também nas horas de choro. Aos meus colegas Fábio, Alexsander, Lídia, Clarisse e Adriana pelo companheirismo e atenção E aos meus outros amigos que compreenderam minha ausência e minha falta de tempo.

Agradeço também aos meus pais, minha irmã e meu sobrinho pela paciência e carinho de todas horas e que não tiveram a atenção merecida durante o tempo em que permaneci no mestrado, peço desculpas a eles por isso.

À minha psicóloga, Dra Flávia, pelo apoio e dedicação recebido nos momentos mais difíceis desse processo, por me ajudar a lidar com minhas falhas e indicar alguns caminhos para conseguir passar por tudo isso.

À fotografa Noêmia Braga pelas lindas fotografias que compõem esse trabalho, obrigada pelo profissionalismo e cuidado. E a amiga Elisabeth Mesquita pela elaboração dos mapas e pelo apoio.

Agradeço a CAPES, pelo apoio financeiro concedido por um ano que foi fundamental aos meus estudos.

Agradeço também os professores da banca de qualificação João Batista de Deus e Alecsandro Ratts pelas considerações e sugestões ao meu trabalho. Este último meu agradecimento especial por também ter aceitado fazer parte da banca de defesa. Agradeço a amizade e dedicação da Profa. Dra. Izabela Tamaso que antes mesmo da

dissertação pronta fez algumas sugestões e contribuições que engrandeceram muito meu trabalho e por também por ter aceitado o convite para compor a banca de defesa.

Agradeço ao meu orientador Carlos Maia que aceitou me orientar apesar das dificuldades devido à falta de maturidade e por eu ter vindo de outro curso. Agradeço a ele também pela paciência, dedicação, compreensão e cuidado com minha dissertação, além das grandes sugestões e contribuições feitas.

E por último e não menos importante, aos diversos artesãos e artesãs que foram muito atenciosos e disponibilizaram um pouquinho da atenção em seus momentos de trabalho e até em suas próprias casas, com certeza sem eles essa dissertação não teria sentido. A eles dedico esse trabalho.

## RESUMO

Considera-se neste trabalho que artesanato são peças feitas com técnicas manuais e que pressupõem ausência ou pouca utilização de auxílio de máquinas industriais. A aceleração do consumo propiciada pela globalização, o constante avanço da tecnologia, a indústria cultural e o turismo são alguns fatores que alteram o artesanato na medida em que há o risco de padronização dos objetos e conseqüente modificação no seu significado e sentido. Considerando-se tais pressupostos, analisa-se o comércio e a produção, ou seja, o artesanato *no e para* o mercado, tendo como foco aquele exposto nas feiras Hippie e do Cerrado em Goiânia, recuperando-se sua rede organizacional. O artesanato nas feiras, além de ser um meio de sobrevivência para os diversos feirantes, possui singularidades e particularidades que se destacam na cidade de Goiânia. Ressalta-se que tanto a produção quanto a comercialização são parte do circuito inferior da economia, por possuírem características como informalidade, seja no sistema de produção caracterizado por ser familiar, seja no modo de comercialização nas próprias feiras. A produção das peças é constantemente influenciada pela televisão e pelas tendências da moda. Mas devido a contextos específicos, como local de comercialização e público que compra as peças, notamos que o artesanato apresenta algumas modificações em cada uma das feiras estudadas. A pesquisa justifica-se pela carência de produção geográfica versando sobre esta atividade, apesar de sua relevância, já que comumente, mesmo nas viagens de curta distância, não há quem não compre uma “lembrancinha” ou não se admire com a habilidade de alguém para produzir tal ou qual objeto, ao circular por uma feira. Metodologicamente, recorrem-se às técnicas de observação, entrevistas e questionários estruturados e semi-estruturados aplicados em trabalhos de campo, além das análises documental e bibliográfica.

**Palavras-chave:** Artesanato, Artesanato-Produção e comercialização, Redes (Geografia), Feiras (especiais), Feira Hippie – Goiânia (GO), Feira do Cerrado – Goiânia (GO).

## ABSTRACT

In these work is considered that Craftworks are pieces made with manual techniques that presuppose lack or a few utilization of industrial machines help. The consumption's acceleration provided by the globalization, the constant technology's breakthrough, the cultural industry and the tourism are some of the factors that alter the craftwork in so far as that appear risks of objects padronization and consequent change on its meaning and sense. Considering those suppositions, the market and production analisation, in other words, the craftwork *in the* and *for* the market having as focus what was showed on the Hippie and Cerrado markets in Goiânia, recovering its organizational net. The craftwork on the markets, besides being a way to survive for the many merchant, has peculiarities and particularities that strick out in Goiânia's city. It's emphasized that so the production as the comercialization are parts of economy's inferior circuit, for owning characteristics like informality, whether on the production system characterized by being familiar, or in the way of comercialization on the own market. The pieces production is constantly influenced by the television and by the fashion's tendency. But due to specifics contexts, as comercialization's place and public that buy the pieces, we notice that the crafwork brings up some modifications in each market studied. The research is justified by the need of geographic production that are about these activity, in spite of its relevance, seeing that, ordinarily, even in the short distance's trips, there are no one that don't buy a little present or don't admire the skill of someone who produces such or what object when go around the markets. Methodologically, we drew on the techniques of observation and interview with structured and semi structured questionnaires applied in fieldworks, besides the documental and bibliographic analysis.

**Keywords:** craftwork, nets, production, comercialization.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Mapa de localização da área de estudo	15
Figura 02. Divisão de áreas da Feira Hippie	19
Figura 03. Mapa de localização Feira do Cerrado- Jardim Goiás	23
Figura 04e 05 Foto. Atração musical na Feira do Cerrado – Apresentação de Batuque - Bloco Negroíde - Batuque do Cerrado	32
Figura 06. Quadro síntese demonstrativo das etapas do desenvolvimento do trabalho artesanal	36
Figura 07. Foto de florzinhas em crochê	39
Figura 08. Foto: Esculturas em gesso - Feira Hippie	46
Figura 09. Quadro: Características dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos	59
Figura 10. Gráfico: Principal Fonte de Renda relacionado ao Sexo - Feira Hippie e do Cerrado	69
Figura 11. Gráfico: Escolaridade dos artesãos - Feira Hippie e do Cerrado	70
Figura 12. Quadro: Dimensão organizacional	80
Figura 13. Gráfico: Modo de comercialização – Feira Hippie e do Cerrado	81
Figura 14. Gráfico: Naturalidade dos artesãos - Feira Hippie e do Cerrado	83
Figura 15. Gráfico: Origem dos artesãos da Feira Hippie	83
Figura 16. Foto. Artesão ao lado de artesanato feito em jatobá - Feira Hippie	84
Figura 17. Foto. Artesanato feito em Jatobá – Feira Hippie	84
Figura 18. Foto. Artesanato feito em jatobá - Feira do Cerrado	85
Figura 19. Foto. Artesanato feito em jatobá - Feira do Cerrado	85
Figura 20. Foto. Artesanato em casca de árvore – Feira do Cerrado	92
Figura 21. Foto. Artesão fazendo peça na Feira do Cerrado	97
Figura 22. Foto. Artesã fazendo peça na Feira Hippie	97
Figura 23. Foto. Pilões em madeira – Feira do Cerrado	99
Figura 24. Gráfico: Modelos ou moldes para fazer as peças - Feira Hippie e do Cerrado	99
Figura 25. Gráfico: Inspirações para fazer as peças – Feira Hippie e do Cerrado	100
Figura 26. Foto. Lugar de produção de pequenos aviões de madeira - artesanato da Feira Hippie	102

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 01: Comercialização em outros locais - Feira Hippie e do Cerrado	71
Tabela 02. Outras feiras de comercialização - Feira Hippie e do Cerrado	71
Tabela 03. Outros locais de comercialização - Feira Hippie e do Cerrado	74
Tabela 04: Público que geralmente compra o artesanato - Feira Hippie e Feira do Cerrado	75
Tabela 05: Público que geralmente compra o artesanato - Feira Hippie	76
Tabela 06. Valor médio das peças - Feira Hippie	77
Tabela 07. Valor médio das peças - Feira do Cerrado	78
Tabela 08. Idade dos artesãos - Feira Hippie e Feira do Cerrado	87
Tabela 09. Local de compra da matéria-prima – Feira Hippie e Feira do Cerrado	90
Tabela 10. Tipos de artesanatos - Feira Hippie e Feira do Cerrado	93
Tabela 11. Há quanto tempo trabalha e/ou faz artesanato	95
Tabela 12 - Proporção de empresas do setor informal em relação ao total de empresas, por tipo, segundo indicadores de formalização - Brasil – 2003	102

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b>	vi
<b>Abstract</b>	vii
<b>LISTA DE FIGURAS</b>	viii
<b>LISTA DE TABELAS</b>	ix
<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>CAPÍTULO I - Artesanato: historicidade, usos e apropriações</b>	27
1.1 O artesanato: das corporações de ofício ao capitalismo	30
1.2 Artesanato: arte X arte popular	40
1.3 O uso e apropriação do artesanato	43
<b>CAPÍTULO II - O artesanato <i>no</i> mercado: aspectos organizacionais da rede comercial de artesanato nas feiras Hippy e do Cerrado</b>	50
2.1. O espaço e as redes	51
2.2 As redes e a análise geográfica	56
2.3 Os dois circuitos da economia	59
2.3.1 O circuito inferior e a dinâmica organizacional das feiras	62
2.3.2 Emprego e desemprego no circuito inferior: trabalho informal	64
<b>CAPÍTULO III - Artesanato <i>para</i> o mercado: aspectos organizacionais da rede de produção do artesanato nas feiras hippie e do cerrado</b>	79
3.1 Agentes sociais	81
3.2 Origem	88
3.3 Natureza dos fluxos	89
3.4 Finalidade	94
3.5 Existência	96
3.6 Construção	97
3.7 Formalização	101
3.8 Organicidade	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	105
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS</b>	108
<b>ANEXO 1</b> Questionário sobre artesanato	114
Roteiro de entrevistas sobre a produção de artesanato	116
<b>ANEXO 2.</b> Relação das feiras especiais de Goiânia	119
<b>ANEXO 3.</b> Relação das feiras livres de Goiânia	120

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intuito discutir o artesanato no espaço das feiras Hippie e do Cerrado de Goiânia, compreendendo como estes estão inseridos em redes de relações sociais e econômicas que interferem na comercialização e no modo da produção dos objetos, as quais possuem nítida materialidade espacial. Para isto, é necessário caracterizar e analisar a rede organizacional de comercialização e produção dos artesanatos expostos nas duas feiras, bem como discriminar as relações de trabalho, as técnicas, o instrumental, a exposição e a comercialização dos artesanatos verificando as diferenças e semelhanças dos espaços de comercialização e de produção nas duas feiras.

Atualmente é constante a discussão sobre a descaracterização dos bens culturais e a refuncionalização dos objetos, principalmente do artesanato. Deve-se ressaltar que essa descaracterização é devida à dinamicidade da cultura e à inserção do artesanato no mundo globalizado, no qual alguns atores sociais massificam os bens culturais e/ou insere-os na operacionalidade e na lógica do mercado de souvenirs.

Considera-se neste trabalho que artesanato são peças feitas com técnicas manuais e que pressupõem ausência ou pouca utilização de máquinas industriais na produção. E que como exemplifica García Canclini pode adquirir diversos significados:

Um manto bordado para a festa da padroeira de uma aldeia pode mudar em poucas horas o seu significado e a sua função ao passar a servir de decoração numa habitação urbana, ainda que a mesma índia que o usava na sua aldeia, transportada para esta cidade, mantenha por muitos anos as crenças que a levavam a participar da festa (1983, p.91).

Também é importante ressaltar que a inserção dos objetos em diferentes contextos e espaços faz com ele seja refuncionalizado e ressignificado. Por isso, o artesanato *no e para* o mercado é diferenciado, já que o intuito do processo de produção é a mercantilização dos objetos. O artesanato analisado é aquele encontrado nas Feiras Hippie e do Cerrado, já que as duas feiras tiveram suas origens ligadas à produção de objetos artesanais.

A Feira Hippie pode ser caracterizada como aquela que possui um público mais “popular”, ou seja, de menor poder aquisitivo<sup>1</sup>. Na pesquisa de Motta (2000) há uma análise a partir de dados sobre renda familiar dos frequentadores das feiras em Goiânia e

---

<sup>1</sup> Ressalte-se que há presença de sacoleiros até de outros estados, que não podem ser caracterizados como pessoas de baixo poder aquisitivo. Porém, estes também se caracterizam pela compra e revenda de produtos de menor preço agregado em seus locais de comercialização.

a autora pressupõe que a Feira Hippie é mais popular, pois “se agruparmos informações de renda, localização e acesso para cada feira, observamos que a Feira Hippie por ser a de mais fácil acesso dos bairros da periferia recebe pessoas com renda familiar inferior” (p.48).

A Feira do Cerrado foi escolhida por ser uma feira que só vende produtos artesanais e foge ao padrão daquelas outras que, além de artesanato, também vendem produtos industrializados, atraindo, assim, um público seletivo e interessado nesse tipo de objeto. Ela se localiza em um setor nobre de Goiânia e o público que a frequenta possui uma maior poder aquisitivo. Vale ressaltar que não foi feito nesse trabalho uma pesquisa de levantamento da renda dos frequentadores, por isso a análise é feita a partir da observação em campo e tendo em vista o alto valor das mercadorias vendidas nessa feira.

Também relativo à forma de produção do artesanato e importante para ser analisado é o processo de semi-industrialização da produção do artesanato. Historicamente, várias são as feiras que surgem com intuito de vender artesanato regional e acabam vendendo uma infinidade de outras coisas que, muitas vezes, não podem ser consideradas como artesanato, devido os meios utilizados na sua produção. Isso faz com que nestas feiras sejam vendidos mais “industrializados” do que peças feitas artesanalmente. Assim, a produção de artesanato e a sua finalidade se tornam diferenciadas, refletindo-se também nos locais de comercialização, já que o artesão tem que modificar suas peças principalmente para atender o mercado. Deste modo, feiras que anteriormente só comercializavam artesanato são descaracterizadas e transformadas em feiras de variedades, tamanha a diversidade de seus produtos. É o caso da Feira Hippie, que começou como local de venda de peças artesanais e, atualmente, comercializam-se diversos objetos, utilidades domésticas e até animais de estimação.

Há feiras que surgem exclusivamente para a comercialização de artesanato, como é o caso da feira do Cerrado. Esta ainda não passou pelo processo de diversificação de produtos pelo qual a Feira Hippie atravessou, vendendo apenas produtos artesanais. A permanência deste tipo de feira está ligada ao fenômeno do consumo e, mais ainda, à disseminação do discurso de que seus produtos artesanais devem ser valorizados, por serem rústicos e de elementos “naturais”, trazendo em si os rótulos da valorização do trabalho manual e da preocupação com o meio ambiente, fatores altamente midiáticos e valorizados nos dias atuais. García Canclini se refere a essa questão com uma pergunta pertinente: “Por que os

promotores da modernidade, que anunciam como superação do antigo e do tradicional, sentem cada vez mais atração por referências do passado?” (2000, p.51). Essa é uma das perguntas que ao longo do texto também tentaremos responder.

Ressalte-se que a pesquisa justifica-se, entre outros aspectos, pela carência de produção geográfica versando sobre esta atividade, apesar de sua relevância no quadro cultural e econômico na atualidade, já que se tornou comum, mesmo em viagens de curta distância, o costume de comprar pelo menos uma “lembrancinha” para amigos ou parentes, o que pode ser percebido, por exemplo, na quantidade de camisetas ou objetos estilizados com o nome da cidade turística em que a pessoa frequentou. Também se valoriza o processo técnico de construção de determinados objetos, onde se estima a habilidade daquele que produz algum artefato manual e o comercializa nas feiras de artesanato. Assim, neste estudo será feita uma interpretação de como esses objetos são criados e refuncionalizados no contexto atual globalizado.

### **Caracterização da área de estudo**

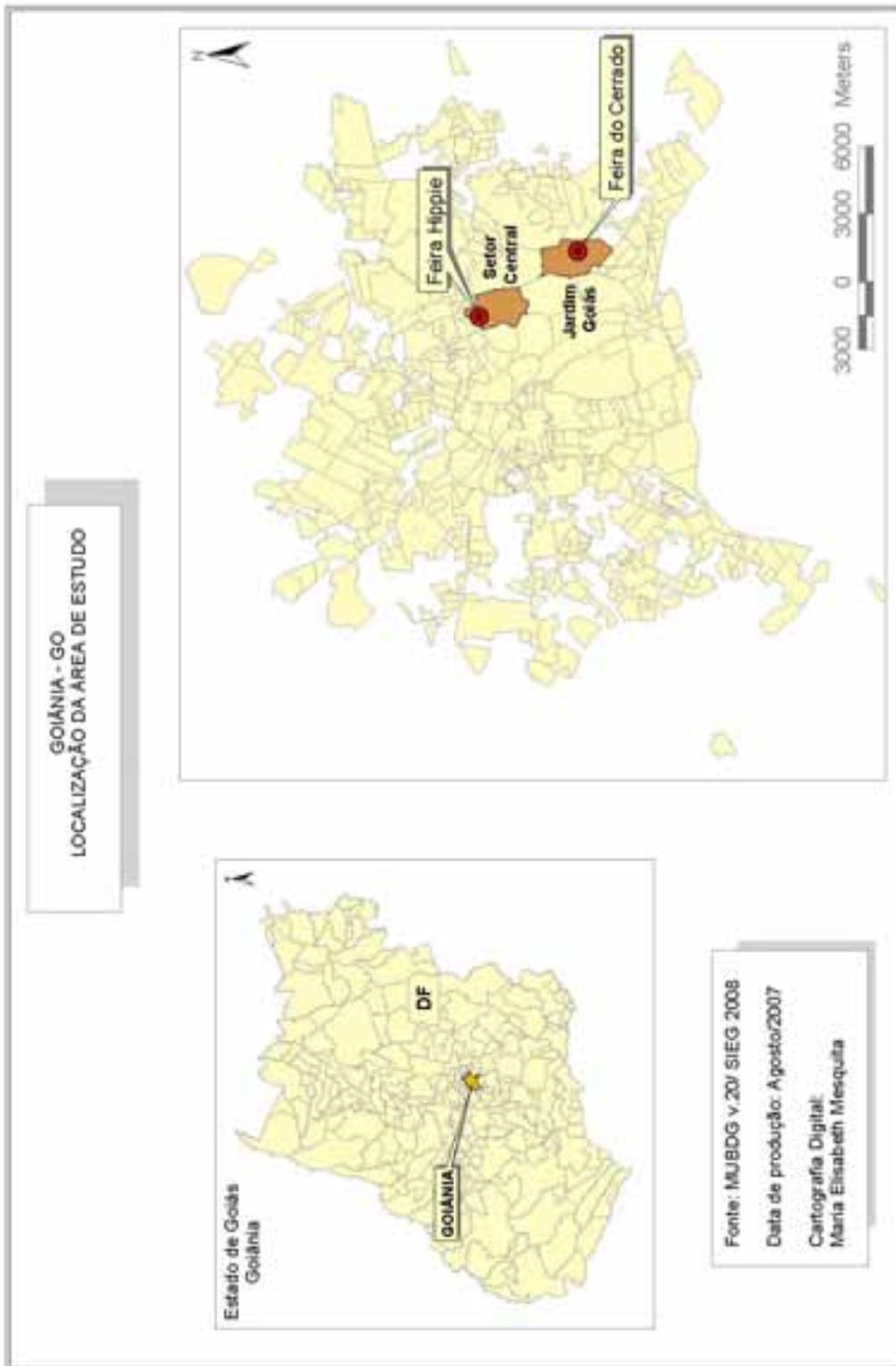
Segundo dados do jornal O Popular, de 13 de janeiro de 2008, há aproximadamente 172 feiras para 391 bairros<sup>2</sup>. Sendo que dessas 20 são clandestinas e mais de 10 estão com processo de regularização tramitando na Secretaria de Desenvolvimento Econômico do município (SEDEM). Vale ressaltar que, em Goiânia, podemos encontrar dois tipos de feiras: livre ou especial. Nas feiras livres são vendidos produtos alimentícios, tais como hortifrutigranjeiro, e nas feiras especiais são comercializadas roupas, calçados, artesanato, comidas e pressupõem que não haja venda de verduras. Porém, a realidade encontrada é outra, conforme observação em campo em julho de 2007, já que em ambas há uma mistura de tudo, não há como separar o que é feira livre ou feira especial dado, por exemplo, encontrarmos em feiras livres roupas, calçados, artesanato e nas feiras especiais podem ser encontradas verduras. A diferenciação atribuída pela SEDEM órgão que regulamenta as feiras é assim puramente de cunho organizacional e administrativo. As feiras pesquisadas são consideradas feiras

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar que não é tão fácil mensurar o número de feiras encontradas, já que os trâmites para regularizar e instalar as feiras perpassa por interesses políticos. É constante a discrepância nos dados, é o que afirma o jornal O Popular, de 13 de janeiro de 2008, segundo o Titular da Sedem João de Paiva Ribeiro há na capital 120 feiras livre e 24 especiais empregando 18 mil pessoas. Já o coordenador geral de feiras da Prefeitura, Adão da Feira, diz que há 125 feiras livres e 27 especiais empregando 25 mil pessoas (Jornal O Popular notícia de 13 de janeiro de 2008).

especiais, apesar da Feira do Cerrado não ser regulamentada pela SEDEM e ser administrada pelos próprios expositores.

A seguir demonstramos a figura 01. que representa a localização das Feiras Hippie e do Cerrado em Goiânia.



### a) Feira Hippie: à procura de um hippie

Esta feira foi criada por um grupo de pessoas que fazia parte do movimento hippie. Porém, há poucos registros e bibliografia a respeito. Dentre as fontes pesquisadas, destacam-se o livro de Mendonça (2008), os relatos dos entrevistados e os artigos de jornais como nossas principais referências.

O grupo de fundadores, que a partir de agora serão chamados somente de hippies, reunia-se e expunha suas peças conjuntamente na Praça Cívica, sendo sua comercialização popularmente identificada pelo nome de Feira Hippie. Porém, não há certeza acerca de sua origem histórica. Há relatos de que ela se iniciou no Parque Mutirama e uma terceira versão afirmando que se originou na praça universitária. Mendonça comenta um pouco dessa história a partir do relato de um dos fundadores, o senhor Maurício Vicente de Oliveira, também chamado de Mauricinho Hippie:

Mauricinho só se recorda de alguns nomes de fundadores da Feira Hippie, como por exemplo, o Escurinho, o Reinaldo, o seu Joaquim e o Valdeci. Conta-me que a feira se iniciou as suas atividades no parque Mutirama, entre os anos 1968 e 1969. Ali funcionou apenas três domingos, quando terminava o dia. (...) Outra versão consta que, no ano de 1986, a feira estava instalada na praça universitária e havia, além de produtos artesanais feitos pelos hippies, venda de livros usados. Isso se confirma com o relato de Célio Rosa, mas alega que a feira acontecia no calçadão próximo ao chafariz, mas ficou ali por apenas dois meses, justificando a alegação de muitas pessoas de que não houve a transferência para aquele local (2008, p.20-23).

Observa-se que por mais que não possamos identificar claramente sua origem, ela se estabeleceu e se tornou mais visível somente quando ocorria na Praça Cívica, onde provavelmente assumiu maior visibilidade. Os produtos mais vendidos eram trabalhos manuais feitos pelos hippies: colares, brincos, anéis e bolsas, além de comidas típicas. A feira também possuía como característica marcante a sociabilidade que ela proporcionava, pois era um lugar de encontro, lazer e diversão para seus expositores e visitantes, já que lá também ocorriam manifestações culturais diversas, como apresentações musicais de bandas, além de brinquedos e espaço para crianças se divertirem. Sobre isto o Sr. Darci Accorsi, ex-prefeito de Goiânia, afirma:

A feira hippie nos anos 70 era um local mais de prazer, de encontros com os amigos do que de compras, e predominava o artesanato. A gente aprendia a admirar os trabalhos dos artistas de Goiânia e do entorno. O consumo se dava mais pelos habitantes locais, não vinham pessoas de fora para a feira (ACCORSI, *apud* MENDONÇA, 2008, p.22).

Com o passar dos anos, a feira se tornou ainda mais visível e obteve uma dimensão maior com a inserção de produtos semi-industrializados, industrializados e

importados, o que ocasionou um crescimento desordenado, conforme o próprio Accorsi comenta:

No final da década de 70 para início dos anos 80 surge um novo tipo de feira com a entrada de produtos industrializados, importados, etc. Foi crescendo rapidamente, descentralizando o interior da feira e transferindo-a para a Avenida Goiás, onde se expandiu. (*apud* MENDONÇA, 2008, p.23).

A partir deste crescimento, a feira foi transferida para Avenida Goiás. Porém, neste local ela também continuou a causar problemas, pois, devido a seu grande crescimento, as bancas se estendiam ao longo da avenida, atrapalhando o trânsito e causando insatisfação entre os moradores da região e os próprios feirantes. Assim, em 1995 foi transferida para a Praça do trabalhador, pelo então prefeito Darci Accorsi, local no qual está estabelecida nos dias atuais, é o que confirma Mendonça: “Havia pouco espaço para as pessoas se movimentarem, as barracas estavam praticamente umas sobre as outras e já havia um movimento intenso devido à vinda de caravanas de outros Estados (2008, p.23)”. Segundo Maia e Coelho, a transferência para a praça do trabalhador trouxe vantagens para os expositores e clientes “já que o antigo tumulto e a frequência de furtos diminuíram sensivelmente, o trânsito na área *core* do Setor Central teve seu fluxo normalizado e o deslocamento dos transeuntes na feira, pelo menos em termos de espaço disponível para a circulação, foi facilitado” (1997, p.11).

Neste momento, a feira conseguiu atrair maior número de revendedores e comerciantes de outras cidades e estados, pois nela se encontrava uma diversidade de produtos, principalmente roupas, com preços baixos e populares, com melhores condições de segurança, conforto e variedade. Mendonça (2008) afirma que o número de bancas cadastradas antes da transferência era de 450, saltando para mais de 4000 quando transferida para a Praça do trabalhador.

Atualmente, segundo dados da SEDEM (2007) a feira conta com aproximadamente 8 000 bancas e continua tendo como destaque o setor de confecções de roupas, o que a fez se tornar uma centralidade, apresentando no entorno um grande mercado, tanto formal quanto informal, atraindo pessoas de diversas cidades e regiões do Brasil, o que pode ser percebido no grande número de ônibus inter-estaduais encontrados nas imediações. Segundo Mendonça, na feira há

pessoas de toda parte do país lotam em média quarenta ônibus para compras no atacado por domingo (...) Como exemplo podemos citar: Araguari, Belo Horizonte, Montes Claros, Pato de Minas, Patrocínio, Uberaba e Uberlândia (MG); Aragarina e Tocantinópolis (TO); Belém (PA); Brasília (DF); Campo Grande (MS); Catanduva, José Bonifácio e Santos (SP); Cuiabá (MT), Ji Paraná (RO); Ponta Porã (MS); e São Luís (MA) (2008, p.43-44).

O comércio de artesanato, no entanto, foi relegado ao esquecimento, fato que pode ser observado na diminuição do número de bancas com esse tipo de produto, a partir da forte mudança das características de seu comércio. Segundo Maia e Coelho, na década de 90 a feira era:

certamente um fenômeno sócio-econômico distinto daquele gerado no seio do movimento *hippie*. Do pequeno comércio de produtos alternativos e artesanais, passamos a um grandioso e eclético mercado popular; da pechincha “boca a boca”, à pechincha radiofônica (com a divulgação das ofertas na Rádio Híppie); do estilo rebelde hippie de suas mercadorias e comerciantes, ao “urbanóide rural” da *country generation* difusora da ideologia de uma Goiânia semelhante *country*. Apesar de e exatamente em virtude de suas transformações, a Feira Híppie tem se constituído e se consolidado como uma referência turística para a cidade, atraindo visitantes das mais diversas origens, que aí encontram um mosaico da cultura goiana e uma variedade enorme de produtos e mercadorias para satisfazer suas necessidades e sonhos de consumo (1997, p.12).

Prova destas modificações nos dias de hoje é a dificuldade em se encontrar um hippie e o espaço destinado à venda de produtos artesanais. No primeiro trabalho de campo, realizado em junho de 2007, passamos cerca de 1 hora procurando a área destinada ao artesanato ou algum hippie na feira e só encontramos a área com ajuda de ambulantes. Mesmo assim, nenhum hippie foi encontrado naquele dia. Isso ocorreu em parte porque a área de artesanato, chamada de área A<sup>3</sup>, sofreu diversas mudanças e foi transferida há cerca de 2 anos da antiga Estação Ferroviária para a Avenida Goiás, próximo à área R, em frente ao estacionamento do Araguaia Shopping, como podemos visualizar na figura 01:

---

<sup>3</sup> A feira é dividida em 18 áreas identificadas por letras, como podemos perceber no mapa. Essa divisão foi estabelecida na transferência da feira da Avenida Goiás para a Praça do Trabalhador, para organizar e ajudar na localização dos expositores. Além disso, houve a padronização do espaço das barracas (cada barraca deve ter um espaço de 2m x 1m), instituiu-se uma cor comum (azul) para a cobertura das barracas e também tentou se cadastrar todos os feirantes, para que fosse cobrada uma taxa anual a prefeitura.

**Figura 02. Divisão de áreas Feira Hippie**



Fonte: Site: <http://www.feirahippiego.com>, acesso em jul.2008

A mudança da área se deu há aproximadamente 2 anos, segundo relato de artesãos entrevistados e o livro de Mendonça (2008), devido a denúncias de que o prédio da estação ferroviária e suas imediações estavam sendo depredados e danificados. Isso porque a antiga área faz parte do acervo arquitetônico e urbanístico art déco<sup>4</sup>, construído nas décadas de 40 e 50 e foi inscrito nos livros do tomo Arqueológico, etnográfico e paisagístico, histórico e das belas artes, aprovado pelo Conselho Consultivo do Patrimônio cultural em sua 38ª Reunião, realizada em 11 de dezembro de 2002 e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) pela portaria de número 507 em 18 de novembro de 2003, segundo dados do IPHAN e da Prefeitura de Goiânia. Por isso, o IPHAN instituiu que até 50 metros os feirantes não poderiam se estabelecer e a prefeitura, através da SEDEM, deslocou os artesãos para outro espaço da Praça do Trabalhador.

<sup>4</sup> Nesse acervo estão incluídos 22 prédios e monumentos públicos, o centro original de Goiânia e o núcleo pioneiro de Campinas (localidade que deu origem à capital de Goiânia), que são, a saber: Coreto da Praça Cívica; Fontes luminosas; Fórum e Tribunal de Justiça; Residência de Pedro Ludovico Teixeira; edifício do antigo Departamento Estadual de Informação; Obeliscos com luminárias; Palácio das Esmeraldas; Edifício da antiga Delegacia Fiscal; Edifício da antiga Chefatura de Polícia; Edifício da antiga Secretaria geral; Torre do Relógio; Edifício do Tribunal Regional Eleitoral; Edifício do Colégio Estadual Lyceu de Goiânia; Edifício do Grande Hotel; Edifício do Teatro de Goiânia; Edifício da antiga Escola Técnica de Goiânia; Mureta e Trampolim do Lago das Rosas; Edifício do antigo Palace Hotel; Edifício da antiga Subprefeitura e Fórum de Campinas; Traçado viário dos núcleos urbanos pioneiros. Fonte: Prefeitura de Goiânia, disponível em <http://www.goiania.go.gov.br/> acesso em jul.2008.

Muitos artesãos ficaram insatisfeitos com a mudança do local de exposição, o que acarretou diminuição nas vendas. Eles alegam que o local é de pouca visibilidade, que é de difícil acesso e ainda que não tem divulgação suficiente. Esta também é a opinião de um dos artesãos, pintor de quadros:

O movimento tá fraco, tem mês que vende, tem mês que não vende, e piorou de mais a mudança do local de artesanato na feira, modificou muito, porque a maioria dos clientes que chega lá e não sabe aonde a gente tá e o pessoal não dá informação que a gente tá do lado de cá. Porque era embaixo do relógio, tem mais de 2 anos que mudou. (entrevista concedida em jul.2008)

O controle e cadastramento dos artesãos ainda não foram feitos pela SEDEM. Assim, a maioria dos que estão naquele espaço o fazem de forma irregular, não pagando impostos para a prefeitura nem desfrutando da estabilidade conferida para aqueles que são legalizados. Deste modo, as dificuldades pelas quais passam o artesanato e os artesãos da Feira Hippie são o resultado do descaso com o setor, refletindo-se na falta de organização do local e nas várias desistências de artesãos/feirantes, motivados ainda pelas dificuldades na comercialização.

Os hippies que continuam fazendo trabalhos manuais também sofrem empecilhos na exposição dos produtos. Alguns deles alegam que não têm conseguido expor seus produtos no interior da Feira Hippie e que quando tentam comercializar seus artefatos na Avenida Independência e/ou na Avenida Goiás são abordados pela fiscalização urbana que, juntamente com policiais militares, apreendem suas mercadorias. Nestas condições, é comum não ter nenhum hippie na Feira Hippie.

Assim, a pesquisa irá analisar, a partir desses pressupostos, como é o artesanato da Feira Hippie e como essas e outras questões interferem na produção e no comércio desses objetos.

## **b) Feira do Cerrado**

Há poucos dados e registros históricos sobre sua fundação da feira. Por isso, os relatos orais dos feirantes e alguns artigos de jornais são a nossa principal fonte.

A feira do Cerrado acontece sempre aos domingos, das 8 às 13 horas, no Parque da Criança, ao lado do Estádio Serra Dourada, no Jardim Goiás. Foi criada em 2004

pela Fundação Pró – Cerrado<sup>5</sup> juntamente com o Governo do Estado que, conjuntamente, elaboraram um projeto de revitalização de uma área abandonada, próxima ao estádio Serra Dourada. Isolada, esta área tinha se tornado ponto de usuários de drogas, aumentando consideravelmente os índices de violência na região, elemento que justificava a intervenção daquelas instituições. O projeto também criou o Parque da Criança e a escola de Circo Lahetô.

A fundação Associação Vida e Natureza – AVINA -<sup>6</sup> foi uma das patrocinadoras do projeto, que também contou com o apoio do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE.

No início da feira, segundo um dos artesãos que vende doces, havia 6 bancas que comercializavam bijuterias. A feira tinha com principal objetivo vender somente produtos artesanais, valorizar o artesanato goiano e também promover a educação ambiental. A feira foi crescendo a partir da inserção de outros expositores e atualmente conta com aproximadamente cento e trinta e cinco bancas.

Em entrevista à Agência de Notícias do Sebrae em 14/03/2006, um membro do ex-Conselho Gestor da feira, Luiz Carlos de Vasconcelos, explica que “a Feira do Cerrado visa valorizar e divulgar o produto artístico-cultural regional, com conceito ecologicamente correto, sem destruir o cerrado. Por isso, a comercialização de produto industrial é vetada na feira”. Além do artesanato, a feira ainda conta com um espaço para apresentação de manifestações culturais locais e regionais.

---

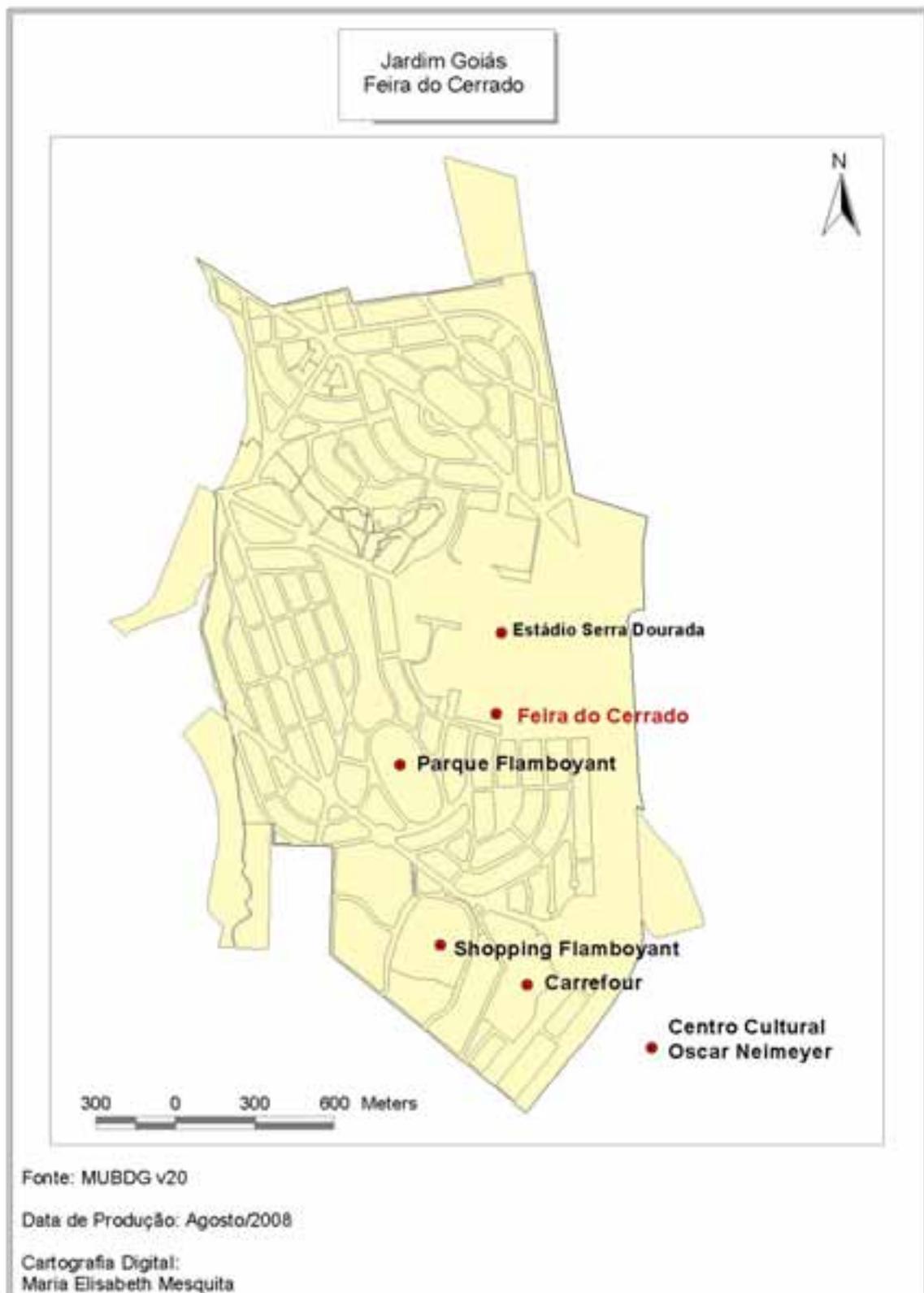
<sup>5</sup> A Fundação Pró-cerrado é uma organização não governamental instituída em 01 de fevereiro de 1994 e tem como principais objetivos, segundo seu estatuto, a divulgação, o intercâmbio, a pesquisa, o ensino e a preservação do meio ambiente do cerrado brasileiro – “o grande celeiro produtor de alimentos para a Humanidade; realizar eventos que divulguem tecnologias, pesquisas e incentivos para o desenvolvimento do cerrado; propagar, pelos vários meios de comunicação, entre cidadãos rurais e urbanos a capacidade produtiva do cerrado e a necessidade de sua preservação ambiental; investir no ensino fundamental visando aumentar o nível cultural daqueles que tenham ligações diretas com o cerrado priorizando, nesse caso, a criança; favorecer a compreensão da biodiversidade do cerrado incentivando de todos os modos a sua preservação; promover o homem em todas as dimensões de seu bem - estar, executando programas educacionais, sociais, culturais, ambientais, habitacionais, esportivos, de lazer, de saúde, de capacitação profissional, geração de emprego e renda e tantos outros capazes de promover e beneficiar os menos favorecidos, os portadores de deficiências físicas, os excluídos e minorias”. Fonte: Fundação Pró Cerrado. Disponível em <http://www.fpc.org.br>, acesso em jul.2008.

<sup>6</sup> AVINA é uma organização filantrópica fundada em 1994 pelo empresário suíço Stephan Schmidheiny, é mantida por VIVA Trust (proprietário do GrupoNueva), para promover o desenvolvimento sustentável por meio de alianças entre a empresa privada bem-sucedida e responsável, e as organizações filantrópicas que fomentam a liderança e a criatividade. Uma das características da instituição é promover uma ligação entre quem tem projetos sociais e os empresários. Para ganhar o apoio da Avina, a pessoa precisa se comprometer a buscar patrocínio de alguma empresa. Fonte: disponível em <http://www.avina.net> acesso em jul.2008.

A sua organização é feita pelos próprios feirantes, sendo presidente o Sr. Mário Kichese Neto, que foi eleito há um ano e meio. Anteriormente, havia um Conselho Gestor formado por 23 pessoas, sendo que a maioria pertencia à fundação Pró-Cerrado, porém há um ano e meio este foi extinto e posteriormente houve eleição. Os expositores pagam uma taxa de 15 reais todo domingo pela concessão da banca, sendo que 10 reais são para a montagem da banca e 5 reais para a gestão da feira.

Os artesãos não encontram dificuldades e nem reclamam do espaço da feira que, por se situar em um bairro nobre de Goiânia, Jardim Goiás, atende um público seletivo, mais “elitizado” e com maior poder aquisitivo. Vale ressaltar também que o setor Jardim Goiás, tem se tornado lócus de investimentos imobiliários e comerciais fazendo com que haja uma maior valorização do lugar. A seguir podemos visualizar o mapa de localização da Feira do Cerrado bem como alguns pontos comerciais e de lazer que a margeiam.

Figura 03. Mapa de localização Feira do Cerrado - Jardim Goiás



## Metodologia da pesquisa e estrutura da dissertação

Realizada a caracterização da nossa área de estudo, podemos perceber que o problema da pesquisa recupera uma contradição, pois uma das feiras investigadas (Hippie) tem sua origem na venda de artesanato e, atualmente, lá se comercializa uma infinidade de produtos, muitos dos quais industrializados, o que contribui para incrementar o seu público. A outra, por enquanto, ainda permanece como feira exclusivamente de artesanato, mas com público alvo relativamente restrito. Desse modo, além dos negócios dos produtos em si, não haveria nas feiras uma negociação pelos seus espaços e pela visibilidade de mostrar o objeto vendido como *artesanato*, o que provavelmente relacionar-se-ia com a sua trama organizacional de produção e comercialização, os tipos de artigos produzidos, as relações de trabalho do artesão-feirante na atualidade e seu potencial artístico?

Para responder essa, entre outras questões, recorreremos ao trabalho de campo que foi desenvolvido a partir da aplicação de questionários e realização de entrevistas com os feirantes nas duas feiras, pesquisa documental e bibliográfica, além de visita e entrevista no órgão da SEDEM e na Associação de Artesãos do Estado de Goiás - ASAEGO.

A aplicação dos questionários foi feita durante os meses de abril, junho e julho de 2007 em três feiras: Hippie, do Sol e do Cerrado. No momento da qualificação, optamos por afunilar e estudar somente as feiras Hippie e do Cerrado. Ao todo foram aplicados 56 questionários. Sendo 18 questionários na feira hippie, 26 na feira do Cerrado e 13 na feira do Sol. O modelo do questionário está em anexo.

Foi escolhido um questionário para cada tipo de artesanato e os sujeitos foram escolhidos aleatoriamente. No caso da feira Hippie, só foram aplicados questionários na área destinada ao artesanato, área A<sup>7</sup>. A Feira do Cerrado teve mais bancas estudadas devido ao fato de que nela aglomera-se uma maior variedade de objetos artesanais e há utilização de materiais diversificados para a produção do mesmo objeto. Este fato fica claro, por exemplo, na confecção de colares, onde aparecia maior variabilidade em relação à utilização de materiais. Na Feira do Cerrado, para a sua elaboração utilizou-se de matérias primas como sementes, vidro, miçangas e linha de algodão, sendo que na Feira Hippie havia apenas colares construídos de sementes e miçangas.

---

<sup>7</sup> Nos outros espaços também podemos encontrar artesanato em decorrência da desorganização, falta de controle e fiscalização, fatores que são decorrentes da expansão da feira.

Os questionários tiveram como objetivo saber qual o perfil dos artesãos das feiras e os principais tipos de artesanatos vendidos. Para isso, o questionário foi estruturado brevemente da seguinte forma: Perguntou-se sobre o espaço do artesanato na feira e os principais problemas, visto que estes aspectos eram constantes no relato dos artesãos/comerciantes com quem previamente conversamos. Uma outra questão levantada nesses questionários diz respeito à rede organizacional de produção e comercialização dos artesanatos. Nesta parte, as perguntas foram direcionadas também para se saber quais são os principais locais de comercialização (além da feira) e os locais de compra da matéria prima. Estas questões foram avaliadas inicialmente em um pré-teste com a aplicação de 5 questionários, no qual foram feitas alterações e correções, como por exemplo, a inserção da pergunta: quais as dificuldades na comercialização e produção? Posteriormente aplicaram-se os questionários juntos aos artesãos.

Para tabular e analisar os dados coletados com a aplicação dos questionários utilizou-se o sistema SPSS (acrônimo de Statistical Package for the Social Sciences). Este é um programa muito utilizado nas Ciências Sociais, sendo útil para fazer testes estatísticos, tais como os testes da correlação, multicolinearidade, e de hipóteses; pode também providenciar ao pesquisador contagens de frequência, ordenar dados, reorganizar a informação, e serve também como um mecanismo de entrada dos dados, com rótulos para pequenas entradas. Acredita-se que este programa facilitou a interpretação e análise dos dados, através da sistematização das informações, construção de tabelas e gráficos.

Nos meses de junho e julho de 2008 foram realizadas entrevistas com 3 artesãos-feirantes em cada feira e visitados 3 locais de produção a fim de coletar mais informações sobre o processo produtivo do artesanato e para esclarecer algumas dúvidas. Também foram feitas entrevistas com dois hippies que encontramos na Avenida Independência, próximo a Avenida Goiás, porém estes só trabalham ocasionalmente na feira e estão em Goiânia há um ano, não podendo dar informações sobre a fundação e origem da feira, só esclareceram e destacaram as dificuldades que os hippies possuem na atualidade.

A partir dos dados coletados e da revisão bibliográfica sobre o tema é que estruturamos a dissertação em três capítulos da seguinte maneira: no primeiro capítulo discutimos a partir do conceito de *Homo faber*, o início da fabricação de utensílios e objetos como um determinante da vida social; descrevendo como as técnicas foram se

desenvolvendo e como as mudanças no meio social, a exemplo de criação e produção de excedentes, deram origem a novas relações na produção e início nas relações de troca e comércio.

Com as mudanças na produção dos utensílios e o incipiente comércio, o artesanato também adquire outras peculiaridades, novos significados e a tentativa de denominação do que passa a ser esse “outro” produto criado. As inovações tecnológicas posteriores a esse processo, que não são tão lineares quanto parecem e tampouco menos conflituosas, também vão interferir na construção da categoria artesanato e conseqüentemente na produção desses objetos. Por isso, descrevemos as principais etapas desse processo até a ascensão do modo de produção capitalista, sendo que este último é de nosso total interesse; visto que nos incumbimos de analisar como os objetos artesanais ainda persistem no espaço das feiras, como, por que e quais são as mudanças atribuídas a estes.

Compreender como o artesanato está inserido *no* mercado, em várias redes e entremeado por diversos significados, é o que está exposto no segundo capítulo. Discute-se a partir dos conceitos de redes e dos dois circuitos da economia, propostos por Santos (2004), a comercialização dos artesanatos nas feiras, bem como o perfil e a condição dos artesãos nas feiras.

No capítulo 3, é discutido o artesanato *para* o mercado tendo em vista os aspectos organizacionais da rede de produção do artesanato, dando ênfase à dimensão organizacional proposta por Corrêa (2001), na qual as variáveis agentes sociais, origem, natureza dos fluxos, função, finalidade, existência, construção, formalização e organicidade são evidenciadas para melhor entendimento do processo produtivo do artesanato.

Nota-se que as redes de comercialização e de produção nas feiras são interligadas e são uma maneira possível para se analisar o artesanato goianiense. Por mais que as duas feiras possuam motivo semelhante em sua origem, ou seja, a comercialização de produtos artesanais, observa-se que o artesanato é diferenciado em cada um desses espaços, devido a características como contexto de surgimento, público, espaço, expositores, relações de trabalho e de produção, enfim as tramas e os dramas organizacionais são diferentes, porém, fatores, como o desenvolvimento urbano, a mercantilização dos objetos, a indústria cultural, o consumo cultural, o turismo e a ampliação do mercado e dos meios comunicacionais têm influenciado a produção e comercialização dos artesanatos da Feira Hippie e do Cerrado.

## I. ARTESANATO: HISTORICIDADE, USOS E APROPRIAÇÕES

A história do artesanato, entretanto, não é uma sucessão de novas invenções ou de novos e únicos (ou supostamente únicos) objetos. A bem da verdade, o artesanato nem tem história, se considerarmos história uma série ininterrupta de mudanças. Não há cortes bruscos, mas sim continuidade, entre passado e presente. O artista moderno deseja conquistar a eternidade, e o designer, conquistar o futuro; o artesão deixa-se conquistar pelo tempo. Tradicional sem ser histórico, intimamente ligado ao passado, mas não datado, o objeto feito à mão refuta as miragens da história e as ilusões de futuro. O artesão não busca vencer o tempo, mas participar de sua corrente. Por meio de repetições, que vêm na forma de variações imperceptíveis, mas genuínas, seus trabalhos se tornam parte de uma tradição perene. E ao fazê-lo, eles existem por muito mais tempo que o objeto da “última moda”.

(PAZ, 2007a, s/p)

Para encetar esse capítulo sugerimos que a maioria dos primeiros objetos artesanais foram concebidos para ser úteis, e não para serem belos<sup>8</sup>. Essa é uma afirmação que parte do princípio de que os primeiros seres humanos existentes na Terra já produziam artesanato, porém a principal finalidade era ajudar na sua sobrevivência. Considera-se, desse modo, que a condição humana está intimamente ligada à produção ou fabricação de utensílios, instrumentos e objetos, com isso destaca-se a idéia que o ser humano é *homo faber*.

*Faber* vem da palavra latina *facere*, que significa fazer. Como afirma Silva:

*homo faber* tem seu ofício marcado pela fabricação de infinita variedade de peças cujas somas constituem o artifício humano. Essa atividade é realizada fora do mercado e não tem compromisso imediato com a produtividade. Assim, *homo faber* pode inventar seus instrumentos e com eles construir novos objetos (2006, p.12).

Este conceito de *homo faber* parte da designação da espécie de *homo sapiens* (ser humano moderno), para a qual a fabricação de objetos e utensílios é condição indispensável à vida social. O construtivo, o racionalismo e o funcionalismo são fundantes quando se tem em conta o *homo faber*, diferente, por exemplo, do paradigma

---

<sup>8</sup>Pode se dizer também que alguns objetos surgiram para serem contemplados, para decoração e para fins ritualísticos. A produção de cerâmica, por exemplo, em algumas culturas é ligada à aspectos mítico-religiosos fazendo parte da maioria dos rituais e de seus modos de vida. Um exemplo disso é mencionado por Levi-Strauss: “Os índios Pueblo acreditam que todas as suas peças de cerâmica possuem alma; também as consideram como seres personalizados. Os potes passam a ter essa essência espiritual assim que são modelados e antes de serem cozidos, e por isso dentro do forno são colocadas oferendas ao lado do pote a ser cozido. Quando o pote quebra devido ao calor, emite um ruído que provém do ser vivo que escapa” (1986, p.45).

do *homo ludens*, que julga ser mais importante do que o desenvolvimento do raciocínio e o fabrico de objetos a questão do jogo, postulando-se, em efeito, “que é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e desenvolve” (HUIZINGA, 1979, p.136).

De acordo com a teoria do *homo faber*, a transformação da natureza pelo homem lhe dá aparatos para viver em sociedade e construir a vida social; ou seja, a artificialidade, a produção da obra a partir da natureza, possibilita o ser humano sua condição de mundanidade. De outro modo, “ao fabricar objetos de uso dotados de certa durabilidade, construindo um mundo humano, o homem inaugura sua identidade humana” (ZUBEN, 1989, p.1). De modo complementar Arendt afirma:

Para que venha a ser aquilo que o mundo sempre se destinou a ser - uma morada para os homens durante sua vida na terra - o artifício humano deve ser um lugar adequado à ação e ao discurso, a atividades não só inteiramente inúteis às necessidades da vida, mas de natureza inteiramente diferentes das várias atividades de fabricação mediante a qual são produzidos o mundo e todas as coisas que nele existem (2001, p. 187).

Dentro da teoria evolucionista, por exemplo, observa-se que os primeiros seres humanos já buscavam fabricar os utensílios, que consistiam em pedras lascadas com uma borda cortante servindo para esfolar animais e cavar buracos, quer dizer, para ajudar na sua sobrevivência e na construção da vida social. Com o desenvolvimento das técnicas e com as mudanças no modo de vida, esses instrumentos foram se aperfeiçoando e ficaram cada vez mais úteis.

No período Neolítico, devido à vida sedentária, eram comuns trabalhos em cerâmica, fabrico de tecidos e de cestos. “A cerâmica, especialmente, apresentava desenhos muito interessantes. A cerâmica cozida em fornos era executada em muitas áreas, com pinturas e entalhes decorativos. A fiação e a tecelagem foram aperfeiçoadas, usando as técnicas aprendidas na fabricação de cestos” (CASELLI, 1983, p.22).

Já no Antigo Egito havia trabalhos em cerâmica, na madeira e no metal, além da tecelagem que, graças ao clima da região, resistiram ao tempo, servindo de base para vários estudos sobre a vida cotidiana e a alta qualidade do artesanato daquele povo.

No Brasil, segundo Cascudo, “antes mesmo do descobrimento do Brasil, o artesanato já era praticado pelos indígenas, habéis na confecção de armas para caça, utensílios caseiros, instrumentos musicais, vasilhames de barro cozido e outros objetos. Aproveitando a matéria prima abundante – carnaúba, piaçaba e outras palmeiras -, faziam também bolsas, esteiras, cestos e arupemas, para uso doméstico” (2002, p.26).

### Falar de artesanato, segundo Tedesco é

no mínimo, correlacionar tempos, culturas e contatos; é ter presente elementos que são apreendidos, acrescidos, intercambiados e enriquecidos com o contato cotidiano inter e intra-étnico, com heranças européias, formas e traços culturais produzidos pela relação ambiental e social no contexto do vivido, pelas readaptações e invenções em razão das mudanças sociais, do ambiente e dos recursos e domínios tecnológicos presentes em temporalidades variadas (2006, p.227).

Isso porque, além de tudo, os objetos são marcados pela cultura e pelo modo de vida daquele grupo ou pessoa que o concebeu. Assim, a produção do artesanato é e foi importante na construção da cultura e do espaço em diversas épocas. De um modo mais específico, esta nos aponta para uma rede de relações, como expõe Tedesco:

os ditos *saberes da mão*, ou artigos/objetos *feitos a mão*, são produtos e produtores de uma relação dinâmica entre o espaço cultural dos sujeitos, com sua dimensão ecológica, com o ambiente o qual imprimiu e imprimiu-se de história, em geral, no âmbito coletivo na família e estendida às redes de reciprocidade, parentesco e interconhecimento (2006, p.223).

A partir do momento em que a transformação da natureza em objetos utilitários se volta para as primeiras relações de troca e comércio, havendo uma modificação do sentido da produção, surgem as feiras e o comércio varejista. Sendo assim, as relações de troca e o conseqüente espaço de comércio podem ser evidenciados em tempos primordiais, segundo afirma Jacobs:

Desde o Neolítico, a troca está associada à idéia de cidade e o mercado público ao centro urbano. Nestes lugares era possível, (...) encontrar produtos raros à disposição para a troca. Grupos de caçadores e cultivadores de aldeias e tribos dirigiam-se a esses centros com a finalidade de trocar produtos de seus territórios de caça (a exemplo de animais, peles, alimentos silvestres, etc.) por cobre, conchas, pigmentos, talismãs, e outros” (*apud* CLEPS, 2004, p.120).

O conceito de artesanato modifica-se e se adapta, pois, de mero utensílio, como visto anteriormente, passa a ser definido como mercadoria; posto que esta produção não é mais voltada apenas para suprir as necessidades básicas, mas sim para ser trocada.

Vale ressaltar que não só a produção dos objetos, mas também a sua comercialização são fatores que atualmente explicam o modo de vida, a organização e a dinâmica social dos indivíduos em sociedade. Os sistemas e padrões de troca variam conforme os tipos de sociedade e estão baseados sobre os sistemas de valor, moldados por processos econômico-político-culturais que influenciam todos os aspectos da vida.

Por isso, neste trabalho, investiga-se o porquê desses objetos “diferenciados” e elaborados como trabalho manual serem importantes numa sociedade globalizada, em

que materiais e objetos são produzidos em larga escala, enquanto, paralelamente, valores estéticos são estandardizados, ou seja, procura-se responder, entre outras questões, qual é o espaço do artesanato ou como se espacializa a produção e o comércio do artesanato na atualidade? Para isso, discutamos brevemente a constituição do ofício do artesão e das feiras.

### **1.1 O artesanato: das corporações de ofício ao capitalismo**

O artesanato é, antes de tudo um objeto, dada a sua importância na constituição do cotidiano e da vida social, pois “sem dúvida os objetos desempenham um papel regulador na vida cotidiana, neles são abolidas muitas neuroses, anuladas muitas tensões e aflições, é isto que lhes dá uma ‘alma’, é isto o que os torna ‘nossos’, mas é também isto que faz deles o cenário de uma mitologia tenaz, cenário ideal de um equilíbrio neurótico” (BAUDRILLARD, 1968, p.98). Não seria exagero sugerir que no artesanato manifesta-se a psique de quem o faz e, conforme observa Paz,

uma vez que é feita por mãos humanas, a peça de artesanato preserva as impressões digitais – reais ou metafóricas – do artesão que a criou. Essas impressões não são a assinatura do artista; elas não são um nome. Nem são uma marca registrada. Antes, são um signo: a cicatriz quase invisível que denota a irmandade original dos homens, e sua separação. Além de ser feito por mãos humanas, o artesanato também é feito para mãos humanas: não apenas podemos vê-lo, mas tocá-lo com nossos dedos (2007b, s/p).

É o que também afirma um dos artesãos da Feira do Cerrado, ao ser perguntado sobre qual a vantagem em se trabalhar com artesanato:

Primeiramente é uma terapia, deixa a pessoa mais *clean*, menos estressados, por causa dessa correria desenfreada de conquista, nesse dia a dia de hoje, a competitividade tá mais acirrada, e é uma coisa que eu gosto de fazer minha auto estima aumenta porque o cliente reconhece o trabalho da gente dá mais força para gente, trabalha mais melhor e com isso você sente bem, é muito gostoso trabalha com arte, principalmente porque tem peça que a gente mesmo fica surpreso com beleza da peça (entrevista concedida em 01-06-2008)

O artesanato se distingue da maioria dos outros utensílios, em primeira instância, porque neste o artesão faz parte de todo processo de transformação da matéria-prima em produto final (desde a escolha, coleta ou compra da matéria prima até o acabamento). Essa é uma característica predominante do século XI, quando o artesanato era desenvolvido em oficinas por mestres de ofícios e aprendizes. Esses últimos serviam de mão de obra barata e aprendiam com o mestre de ofício, mestre-artesão, detentor do

saber e do conhecimento técnico. Ambos compunham as corporações de ofício, onde não havia divisão do trabalho e as próprias corporações eram responsáveis pelo controle da produção e também pelo comércio incipiente realizado nas feiras.

A origem do mercado, e das feiras, se dá por volta do século XIII, visto que a comercialização ocorria nos feudos e era basicamente de trocas, pois a maioria da produção era voltada para consumo próprio comercializando-se apenas o excedente. Segundo Sousa essa formação de excedentes da produção foi a principal causa da origem das feiras, ou seja, “com as sobras de uns, contra as faltas de outros, é que houve a necessidade de intercâmbio de mercadorias, a princípio inter-grupos, sem a exigência de um lugar, onde a busca de se conseguir as mercadorias que necessitam é mais intensa” (2004, p.194). Hoje em dia notamos uma situação bem distinta, já que o que se comercializa não são as “sobras” ou excedentes, tampouco fazem-se trocas, mas pratica-se a venda de produtos feitos para este fim.

É válido discutir esses aspectos dado que “um entendimento completo das instituições comerciais deve se basear não somente no estudo de processos econômicos contemporâneos, mas também no contexto social e no desenvolvimento histórico da atividade comercial” (BROMLEY, SYMANSKY e GOOD, 1980, p. 184).

Segundo Cleps, no período feudal o comércio apresentava-se, basicamente, de duas formas:

havia os mercados locais semanais localizados junto a um mosteiro ou castelo, ou numa cidade próxima que, sob o controle dos bispos ou dos senhores feudais, comercializavam apenas o excedente produzido pelos artesãos e servos. (...) As feiras constituíam a outra forma de comércio da época. Eram imensas, anuais e negociavam mercadorias que provinham de todas as partes do conhecido mundo. Funcionavam como centros de distribuição onde os mercadores vinham comprar e vender mercadorias (2004, p.121).

Uma outra característica presente nas feiras naquele período era que estas não se restringiam apenas ao comércio, elas também se caracterizavam como principais pontos de transações financeiras e espaços de lazer. De outro modo, “as feiras e os mercados públicos nas áreas centrais das cidades, transformaram-se em lugares de encontros, de festas, de liberdade, de acordo, de contratos e de negócios” (CLEPS, 2004, p.122).

Nelas se efetuavam trocas de dinheiro (câmbio, pois estas se tornaram locais estratégicos e centrais para a efetivação do escambo, tornando-se assim também lugar de encontro de mercadores), proporcionando ainda distração e divertimento a seus

freqüentadores; daí sua importância não ser exclusivamente econômica, mas social em sentido amplo. Esta é uma característica encontrada também nos dias atuais, pois ainda há tentativa de se aliar comércio e lazer, a exemplo das várias apresentações musicais e teatrais em dias e locais de feira. No caso da Feira do Cerrado são comuns atrações musicais e teatrais, como demonstra as figuras 04 e 05, que fazem referência à temática “cerrado” com cantores e artistas locais.

Em datas comemorativas (como festa junina), a feira se transfigura e traveste de elementos referentes ao dia da comemoração, isso para atrair mais freqüentadores e possíveis vendas.



**Figura 04 e 05. Foto. Atração musical na Feira do Cerrado – Apresentação de Batuque - Bloco Negroíde - Batuque do Cerrado**

Fonte: BRAGA, N. fev.08

Nos períodos posteriores ao feudalismo, há uma consolidação desse comércio e maior destaque à produção artesanal. Na fase do pré-capitalismo os artesãos receberam o nome de artífices e foram os primeiros assalariados manuais e trabalhadores qualificados. Hobsbawn esclarece a diferença entre artífice e aprendiz no que se refere aos sindicatos e aos movimentos sindicais:

Embora os sindicatos gradualmente abolissem a palavra *journeyman* (artífice) de seus títulos, a própria palavra continuou como descrição do trabalhador qualificado, não mais em oposição aos “mestres” de seu ofício, mas sim em contraste com os aprendizes cujos números ele procurava controlar, e especialmente com os “peões” ou “faz tudo” contra os quais ele defendia seu monopólio de função (1987, p.352).

O artífice, formado por aprendizado, “era o tipo ideal de aristocrata do trabalho, não só porque seu trabalho exigisse técnica e ponderação, mas porque um ‘ofício’ fornecia uma linha de demarcação formal, idealmente uma linha institucionalizada,

separando os privilegiados dos não privilegiados” (HOBSBAWN, 1987, p.353). As feiras também ganham maior destaque localmente e regionalmente e movimentam mais cidades e pessoas.

As mais famosas feiras foram as de Champagne, nas cidades de Lagny, Provins, Bar-sur-Aube e Troyes. Constituíam-se recintos extremamente animados que atraíam pessoas de grandes distâncias promovendo fluxos de caravanas que viajavam de feira em feira. Outras cidades que se destacaram na realização das feiras foram Genebra, Lião e Antuérpia (CLEPS, 2004, p.121).

No Brasil também há algumas feiras famosas de produtos artesanais, entre elas estão as feiras de Feira de Santana, Sobral e Caruaru. A permanência destas está ligada ao fenômeno do consumo e, mais ainda, à disseminação do discurso que seus produtos artesanais devem ser valorizados por serem rústicos e de elementos naturais.

No início do capitalismo e com a inserção dos novos padrões do modo de produção que iria se instalar, o trabalho do artifice não se modificou muito. Pois, nesse período, aguça-se a divisão de trabalho, mas somente eles detinham o saber técnico e ainda possuíam o sindicato que os apoiavam:

o artifice não teve nenhuma dificuldade em chegar a um acordo com uma economia de capitalismo industrial, já que esta economia decidiu aceitar suas modestas reivindicações de habilidade técnica, respeito e privilégio relativo, e nitidamente oferecia oportunidades de expansão e aperfeiçoamento material (1987, p.359); (...) Ela era protegida basicamente pelo monopólio do emprego garantido pelo sindicato e pelo controle da oficina (HOBSBAWN,1987, p. 365).

Isso faz com que as relações de troca comerciais também se estabeleçam, apesar de que a maior parte do lucro se concentrava na mão dos comerciantes, intermediários, e não nas mãos dos produtores. Lucrava mais quem comprava e revendia a mercadoria, não quem produzia.

No período manufatureiro, que vai de meados do século XVI ao último terço do século XVIII, começam-se a modificar as relações de trabalho e os meios de produção. Esse período, segundo Marx:

se origina e se forma, a partir do artesanato, de duas maneiras. De um lado, surge da combinação de ofícios independentes diversos que perdem sua independência e se tornam tão especializados que passam a constituir apenas operações parciais do processo de produção de uma única mercadoria. De outro, tem sua origem na cooperação de artifícios de determinado ofício, decompondo o ofício em suas diferentes operações particulares, isolando-as e individualizando-as para tornar cada uma delas função exclusiva e um trabalhador especial (1989, p.388).

A principal característica desse momento é a maior divisão do trabalho social, no qual o produto não é mais produzido por um único artífice, e sim por vários atores. Assim, “a mercadoria deixa de ser produto individual de um artífice independente que faz muitas coisas para se transformar no produto social de um conjunto de artífices, cada um dos quais ininterruptamente a mesma e única tarefa parcial” (MARX, 1989, p.388).

Há um crescimento da produção devido à divisão do trabalho. Esta passa a ser parcelar, ou seja, cada peça ou cada etapa da produção era desenvolvida por um trabalhador, que muitas das vezes não detinha os meios de produção e nem de comercialização. Se antes um produto era feito por um único artesão e levava dias, semanas e até meses para ficar pronto, com a divisão do trabalho capitalista isso muda, pois cada pessoa faz uma parte e a peça fica pronta no mesmo dia, na maioria das vezes. Isso gerou uma espacialização de funções e de espaços de produção.

A produção nesse caso foi afetada pela interferência de agentes capitalistas, pois estes é quem compravam a matéria-prima e determinavam o ritmo e o que iam produzir. Junto a isso houve também uma ampliação do mercado consumidor e aumento do comércio exterior, demarcando o início da expansão comercial. As feiras também já começam a se consolidar, perdendo o caráter temporário e se transformando em centralidades permanentes nas cidades. Tal característica pode ser verificada mesmo em cidades que foram fundadas com padrões modernos de planejamento, a exemplo de Goiânia, onde encontramos espaços destinados a este fim, como por exemplo, o Mercado Aberto da Av. Paranaíba. Este foi estabelecido em atendimento ao que estava previsto no Decreto nº. 3.547, de 6 de julho de 1933, que previa a destinação da área para o estabelecimento de feiras, para diversões e comércios periódicos, como demonstra o trecho a seguir: “A larga faixa formada pela Avenida Paranaíba e que separa a zona comercial da zona industrial, ficará reservada para feiras e todos os divertimentos ou comércios periódicos” (SEDEM, 2001 *apud* Sousa Filho, 2005).

Ao fim do século XIX, portanto, começam a diferenciar e a modificar a produção artesanal desde então. Os ofícios vão ser ameaçados pelo capitalismo industrial:

a verdadeira crise do artífice se instalou quando os operários qualificados tornaram-se substituíveis por operadores de máquinas semi-especializados, ou através de uma divisão diferente do trabalho em tarefas especializadas e tarefas de aprendizado rápido, ou seja, aproximadamente nas duas últimas décadas do século XIX (HOBBSAWN, 1987, p.365).

Ao encontro dessa crise do artífice, as relações de trabalho começam a ser modificadas, na medida em que há diferenciação do trabalho, dos cargos e dos salários a serem pagos. É o que chamamos de hierarquização da força de trabalho em mais qualificados e menos qualificados, pois “a manufatura propriamente dita não só submete ao comando e à disciplina do capital o trabalhador antes independente, mas também cria uma graduação hierárquica entre os próprios trabalhadores” (MARX,1989, p.412).

Paralelamente, a inserção de novas máquinas, fazendo com que a produção se torne mais industrial, com capacidade de produzir mais e gerar maiores lucros para o investidor capitalista, afasta os trabalhadores. Estes não eram mais “donos” do processo, “enquanto a cooperação simples, em geral, não modifica o modo de trabalhar do indivíduo, a manufatura o revoluciona inteiramente e se apodera da força individual de trabalho em suas raízes” (MARX,1989, p.412). Isto descaracteriza a manufatura que passa a não ser mais só uma produção manual e se torna uma “maquinofatura”, ou seja, parte do processo produtivo era feito por máquinas e outro, manual.

Com a divisão do trabalho social e a industrialização, os trabalhadores se especializam em uma determinada função ao longo do processo produtivo, transformando-se em operários sem um “ofício” determinado, como acontecia antes aos marceneiros, alfaiates e outros das corporações de ofício. Assim, “o período manufatureiro simplifica, aperfeiçoa e diversifica as ferramentas, adaptando-as às funções exclusivas especiais do trabalhador parcial. Com isso, cria uma das condições materiais para a existência da maquinaria, que consiste numa combinação de instrumentos simples” (MARX, 1989, p. 392).

Deste modo, também não dependiam mais da habilidade técnica manual do artífice, pois a maquinaria vai processualmente transformando o modo de produzir e, conseqüentemente, modificando o artesanato.

Quando uma máquina-ferramenta isolada toma o lugar da cooperação ou da manufatura pode ela a servir de base a um novo artesanato. Mas, essa reprodução do artesanato baseado na maquinaria é apenas uma transição para o sistema fabril, que em regra se estabelece quando a força motriz mecânica, o vapor ou a água, substitui a força muscular humana na movimentação da máquina. (MARX,1989, p.395)

O período manufatureiro “abre as portas”, assim, para um outro período denominado industrial, no qual a produção em série é feita por meio de máquinas, em que se elimina o ofício manual como princípio regulador da produção social e se inserem cada vez mais diferenças no modo de produzir os objetos e, concomitante, mudanças no seu significado. Os objetos se tornam mercadorias e estão atrelados ao

fenômeno do consumismo, no qual tudo se transforma em objeto de consumo e a arte, a paciência, a criatividade são relegadas a segundo plano. O que há é a tentativa de simular algo feito artesanalmente, rústico, para se chamar atenção na tentativa de obter lucro. “A mercadoria é uma coisa que, por suas propriedades satisfaz alguma necessidade do homem”, nos lembra Marx (1989, p.396); de outro modo, “não existe valor comercial sem valor utilitário e sem satisfação de necessidades, sejam elas alimentares ou imaginárias” (ROCHE, 2000, p.26).

Fica clara, assim, a modificação no sentido da produção, pois o trabalho se torna simplificado e parcelar com a introdução das máquinas. As características particulares dos indivíduos, como a habilidade, não são levadas em consideração no ato da contratação, já que o trabalho pode ser realizado por qualquer pessoa que domine a programação da máquina que fará o serviço. Um exemplo disso é a produção de blusas de tricô, que primeiramente eram feitas por uma única pessoa que tinha o saber-fazer tricô e levava várias horas, até dias, na produção. Com a introdução das máquinas não é necessário o saber fazer tricô para sua confecção, dado que se deve saber como se opera a máquina de tecer. A inserção do maquinário busca aumentar o ritmo da produção, visto que isto possibilita a maior colocação de produtos no mercado com menores custos e maiores lucros. Por isso, é comum também encontrarmos lojas e quiosques em shoppings fazendo bordados computadorizados.

No quadro abaixo podemos observar mais sucintamente as etapas do desenvolvimento do trabalho, para posteriormente discutirmos as características do capitalismo e a apropriação do artesanato pelo capital.

**Figura 06. Quadro síntese demonstrativo das etapas do desenvolvimento do trabalho**

<b>Etapas do desenvolvimento do trabalho artesanal</b>	<b>Características</b>	<b>Tempo de produção</b>	<b>Produtividade</b>	<b>Resultado</b>
Cooperações de ofício	Um artifice desenvolvia o trabalho do início ao fim	vários dias	Menor	Produto artesanal
Divisão trabalho social	Vários artifices e trabalho parcelar	Poucos dias	Maior	Produto artesanal
Inserção das máquinas	Produção mais industrial, menos trabalhadores, trabalho parcelar.	Um dia ou horas	Maior	Produto semi-artesanal

**Fonte:** FERNANDES, C.A. 2008.

O sistema econômico capitalista, segundo Rezende, chega à sua ascensão<sup>9</sup> quando ao mesmo tempo é implantada uma nova forma de produção a fabril. Rezende Filho caracteriza esta como sendo o “tipo de produção que permite o crescimento do volume através do aumento da produtividade, via introdução contínua de inovações técnicas ao mesmo tempo em que assegura a reprodução do capital, dentro da própria esfera produtiva” (1991, p.138).

Nesse sistema, originalmente, há concentração dos meios de produção (capital, terras, ferramentas etc.) nas mãos de uma única classe social (burguesia) e a maior parte da população que se vê excluída (proletariado) é obrigada a vender a sua força de trabalho e não detém o processo e os meios de produção; ou seja, “o capitalismo extrai excedente dentro do próprio processo de produção, de um produtor livre, através da diferença de valor, que esse produtor recebe pela venda da mercadoria força de trabalho, em relação às mercadorias que essa força de trabalho produz” (REZENDE FILHO, 1991, p.139). Este sistema parte da ideologia liberal, *laissez faire, laissez passer*, que se pauta em idéias contrárias à intervenção do estado, pois, anteriormente, no período mercantilista, havia predominantemente o intervencionismo estatal. Uma outra característica é o mesmo ser favorável à livre concorrência no mercado e à exacerbação dos direitos individuais. Além disso, os produtos na economia capitalista exercem a função de regular e ditar as ações sociais, através do caráter intrínseco da mercadoria que é o fetiche<sup>10</sup>.

É também nesse período em que há um aumento na produtividade e no fluxo de mercadorias colocadas no mercado mundial e, conseqüentemente, aumento do comércio. Assim, o desenvolvimento do comércio, varejista e atacadista, fez-se notório a partir desse momento pela necessidade cada vez maior de abastecer um maior número de pessoas que estavam querendo consumir. Cleps (2004) acrescenta que a reprodução da sociedade leva a um consumo correspondente que, por sua vez, é determinado pela

---

<sup>9</sup> Segundo Bottomore o capitalismo como fase da história não tem uma demarcação definida “suas linhas de demarcação foram sempre controversas, sua origem tem sido fixada em épocas mais remotas ou mais próximas, conforme as teorias sobre seu aparecimento e, particularmente nos últimos anos, sua periodização também tem sido muito discutida” (2001, p.52).

<sup>10</sup> Essa análise é feita por Marx que afirma que a mercadoria tem como caráter intrínseco, o “fetiche”. Pois, ela surge como realidade autônoma e resultado de uma relação de produção alienante. Segundo o autor: “Objetos úteis se tornam mercadorias, por serem simplesmente produtos de trabalhos privados, independentes uns dos outros. O conjunto desses trabalhos particulares forma a totalidade do trabalho social. (...) Os trabalhos privados atuam como partes componentes do conjunto do trabalho social, apenas através das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio destes entre os produtores. Por isso, para os últimos, as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem de acordo com o que realmente são, como relações materiais entre pessoas e relações sociais entre coisas, e não como relações sociais diretas entre os indivíduos em seus trabalhos” (1989, p.82).

própria reprodução desta sociedade. Conforme se refere Marx “a produção não produz, pois, unicamente o objeto de consumo, ou seja, não só objetiva, como a produz subjetivamente. Logo, a produção cria o consumidor” (1974, p.116).

As feiras, nesse contexto de industrialização, se caracterizam como define Sousa como espaços que

têm diversificado ao máximo possível o seu lastro de comércio, possuindo desde produtos sofisticados até mínimas coisas que a classe mais pobre precisa. As feiras constituem realmente o princípio fundamental que define mercado (...) numa abordagem econômica, as feiras constituem um ponto de encontro entre compradores e vendedores para trocarem seus produtos, se bem que hoje em dia, dadas às concentrações oligopolísticas e cartelizações, as feiras que hoje coincidem com os mercados (2004, p.195).

Atualmente, estas são utilizadas, e muitas são criadas, por uma iniciativa municipal no intuito de dinamizar a atividade econômica da cidade e ainda incluir no mercado de trabalho parte da população que já trabalha de maneira informal nas ruas e aquelas pessoas que estão desempregadas. Também ajudam a fomentar a comercialização de produtos locais e que servem como um elemento de promoção turística. Nas feiras em que se vendem artesanato, particularmente, pretendem-se dinamizar o município durante as temporadas de verão e também atrair turistas e residentes.

Em conseqüência dessas características, os objetos nas feiras também adquirem novos significados e sentidos, dado que sua produção está conectada aos fenômenos do consumismo<sup>11</sup> e da globalização<sup>12</sup>, que requerem produtos diferenciados e maior produtividade. Um artesão que antes podia produzir conforme sua criatividade e habilidade, hoje têm que produzir o que está na moda ou o que está em algum programa da TV. Um exemplo são as florzinhas de crochê que viraram moda por terem aparecido com uma das integrantes de um *reality show*, sendo encontradas na maioria das bancas das feiras na época de ida a campo. É o que demonstra a figura 07:

<sup>11</sup> Um dos aspectos constituintes da cultura contemporânea ocidental. Consumo exacerbado de produtos e mercadorias por determinadas pessoas influenciadas pela produção maciça de mercadorias, pela mídia, pelas propagandas e pelos programas de TV que auxiliam e influenciam nas escolhas e no modo de vida social.

<sup>12</sup> Globalização segundo Santos é: “de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista (...) No fim do século XX e graças aos avanços da ciência, produziu-se um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-se e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária. Só que a globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes. Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais valia globalizada” (2003, p.24).



**Figura 07: Foto de florzinhas em crochê**

Fonte: FERNANDES, C. A. Trabalho de campo. Abril/2007.

Com a necessidade do aumento da produtividade, passam-se a usar, como já foi dito anteriormente, as máquinas. Porém, como o saber fazer artesanal é atualmente muito valorizado, muitos artesãos nem falam que utilizam máquinas, na tentativa de obter mais lucro. Isto acontece porque um objeto que utiliza a mesma matéria prima e envolve mais tempo para a sua confecção possui um valor agregado maior do que aquele que foi criado com a necessidade de menor tempo, tendo em conta um trabalhador medianamente qualificado. Assim, por exemplo, um objeto que leva 20 min para se fazer é considerado fácil, desvalorizado e barato. Já um produto que leva 2h é fruto de um maior trabalho, mais elaborado e, portanto, mais valorizado e mais caro. Essa é mais uma característica do capitalismo, pois nele o valor das mercadorias considera o tempo despendido na sua produção:

O valor é medido medindo-se, em unidades de tempo, o trabalho abstrato em média necessário para produzir a mercadoria em questão. Assim, quando esse tempo de trabalho é reduzido, como pode ocorrer em consequência de um aumento de produtividade generalizado entre todos os produtores, o valor da mercadoria cai. Deste modo, o valor de uma mercadoria é diretamente proporcional à quantidade de trabalho abstrato nela materializado e inversamente proporcional à produtividade do trabalho concreto que a produz (BOTTOMORE, 2001, p.398).

Isso ocorre devido ao tempo socialmente necessário para a produção, fator este discutido por Marx, que é uma das principais características delimitantes da produção de mercadorias no capitalismo:

O tempo de trabalho socialmente necessário é o tempo de trabalho necessário a produção de qualquer valor de uso sob as condições de produção normais em uma determinada sociedade e com grau de habilidade e de intensidade de trabalho predominantes nessa sociedade (...) O que determina exclusivamente a magnitude do valor de qualquer produto é, portanto, a quantidade de trabalho socialmente necessário ou o tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção (1989, p.46).

Apesar do preço ser a quantidade de dinheiro com que se compra uma mercadoria, observa-se que esta tem preço que expressa com precisão o tempo de trabalho a ela incorporado. Vale ressaltar que essa variável (tempo) faz parte da dimensão organizacional de produção e comercialização dos artesanatos estudados e será discutida posteriormente dado que esta se relaciona diretamente ao processo de confecção dos objetos nas redes. Por enquanto, nos limitaremos a estudar e caracterizar o que é artesanato, seu uso e apropriação na contemporaneidade.

## 1.2 Artesanato: arte X arte popular

Definir o que é artesanato está intimamente ligado ao que quer dizer arte e qualquer manifestação do ser humano que consiste em transformar matéria-prima, da natureza ou não, em algum objeto utilitário, estético ou lúdico. Por isso, cabe aqui discutir e demonstrar as diversas conceituações, nomeações como arte, arte popular ou artesanato aos artigos encontrados nas feiras. Cumpre ainda observar como estes conceitos dependem do contexto histórico e da maneira dos indivíduos identificarem os produtos. Com isso também se pretende delimitar o que é artesanato para podermos contextualizá-los nas feiras, Híppie e do Cerrado atualmente.

Começemos por discutir arte. Esta é uma palavra de origem latina *ars*, *artis* e corresponde ao grego *téchne* e quer dizer qualquer meio apto à obtenção de determinado fim, ou ainda, segundo o *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0*, “Capacidade que tem o ser humano de pôr em prática uma idéia, valendo-se da faculdade de dominar a matéria; capacidade natural ou adquirida de pôr em prática os meios necessários para obter um resultado” (FERREIRA, 2004, s/p). Porém, conceituar o que é arte é uma questão que permeia os discursos desde a antiguidade.

Várias foram as perspectivas que definiram a arte como essência, existência, experiência, imitação, vivência e prática sociocultural. Assim surge a necessidade de estudá-la, visto que ela representa a realidade ou que realidade a representa?

Para Cassirer essa discussão que permeia os campos da beleza e da natureza é definida como autônoma e representativa da realidade: “A arte não é a mera reprodução

de uma realidade dada, já pronta. É um dos caminhos que conduz a visão objetiva das coisas e da vida humana. Não é imitação, mas descobrimento da realidade” (1977, p.228). De modo semelhante, Melo afirma:

não se trata de estabelecer uma verdade acerca da arte, mas, repensá-la a partir do entendimento de sua importância, de seu papel na vida dos indivíduos, de sua função social, encarando-a fundamentalmente como uma forma específica de contato com a realidade, que traz impactos para além da própria obra em si (2004, p.17).

Desse modo, a arte serve como parâmetro de análise da realidade e da forma como os indivíduos podem se relacionar com espaços, objetos e o mundo social.

Ela é uma parte importante de nossa vida (somente não assim reconhecida em razão dos quadros de tensões sociais) e possui uma ligação inextricável com a realidade. Portanto, a experiência artística (compreendida, ressalta-se, como produção de um objeto específico, mas também como diálogo crítico com as obras) passa a ser uma vivência fundamental para que os seres humanos melhor compreendam o que está a seu redor (MELO, 2004, p.18).

Assim, o artesanato, enquanto arte demonstra-nos, em primeira instância, um modo como a realidade é revelada, ou descoberta, pelo sujeito; sendo passível de interpretação de maneiras de apreender a natureza, a sociedade, o belo, o autêntico, mas também o “comum”. Vale ressaltar ainda que cada pessoa ou grupo social valoriza e classifica de determinada forma seus objetos produzidos. É o que confirma Geertz:

este processo de atribuir aos objetos de arte um significado cultural, é sempre um processo local; o que é arte na China ou no Islã em seus períodos clássicos, ou o que é arte no sudeste Pueblo ou nas montanhas da Nova Guiné, não é certamente a mesma coisa, mesmo qualidades intrínsecas que transformam a força emocional em coisas concreta (e não tenho a menor intenção de negar a existência destas qualidades possa ser universal) (1997, p.146).

Já o processo de constituição do conceito de arte popular surge atrelado à industrialização da cultura e à inserção dos objetos no mercado, pois é somente a partir disso que há tentativas de se conceituar, categorizar e resguardar a cultura popular.

Os folcloristas foram os precursores nos estudos sobre as manifestações populares. Naquela época, no séc. XIX, quando o termo foi criado, a discussão era se havia necessidade de valorização do povo para se firmar uma identidade, mas esta identidade era percebida sempre em relação com outra (a da elite). Assim, o termo arte popular foi construído para designar a arte feita pelo povo, parte da cultura popular, ou melhor, das classes subalternas e/ou desprivilegiadas mas, tendo como referência, a elite.

No entanto, há várias discussões sobre o termo cultura popular *versus* cultura de elite pautadas de forma bastante crítica sobre as concepções e os estudos relativos ao conceito de *popular*, discutidas, por exemplo, por: Carvalho (1980;1991); Cavalcanti

(2002); Cascudo (2002); Martins (1986). Durante o século XX, a maioria desses estudos era desenvolvido ainda por folcloristas que abordavam o tema de maneira romântica, lírica e simplista. Aqui concorda-se com García Canclini que fala que o termo deve ser desconstruído, “pela necessidade de desfazer as operações científicas e políticas que levaram à cena o *popular*: o folclore, as indústrias culturais, o populismo político”(1989, p.211). O autor prossegue observando que “essa construção é feita de forma desconectada, e essa cisão que condiciona as divisões interdisciplinares é a mesma que confronta *tradição e modernidade*” (GARCÍA CANCLINI, 1989, p.211).

A principal crítica de García Canclini aos folcloristas foi a de que eles não analisavam os processos e os agentes envolvidos dos setores populares na produção de bens culturais quando pretendiam o “resgate da cultura”, além disso, não os inseriram no contexto de mudanças atuais de industrialização e modernização na qual a cultura é produzida. Por isso, o autor propõe uma nova perspectiva de análise do tradicional-popular levando em conta suas interações com a cultura de elite e com as indústrias culturais, pois “o popular é constituído de processos híbridos e complexos” (GARCÍA CANCLINI, 1997, p.221).

Arantes, igualmente, critica os folcloristas, principalmente por utilizarem a tradição como sinônimo de cultura popular: “Um grande número de autores pensam a ‘cultura popular’ como ‘folclore’, ou seja, como um conjunto de objetos, práticas e concepções (sobretudo religiosas e estéticas) considerados ‘tradicionais’” (1981, p.16). Isto, a seu ver, “é reafirmar constantemente a idéia de que sua Idade de Ouro deu-se no passado” (1981, p.17).

A respeito da discussão sobre a arte popular e arte cabe situar o trabalho de Alegre, que entende arte popular como os objetos possuidores de valor estético que, ao mesmo tempo, representam atividades exercidas pelo “povo”, conceito empregado nesse contexto para designar a classe trabalhadora, a população rural e as pessoas das classes menos privilegiadas em geral. Vale destacar que essa é uma discussão constante no que se refere à produção de artesanato atualmente porque alguns objetos como quadros, esculturas são considerados como obra de arte e também como artesanato. Então qual seria limiar entre arte e artesanato? Isto resgata a condição de artista e artesão, pois os produtos hoje “ora são vistos como mercadoria, ora ganham status de obra de arte” (ALEGRE, 1994, p. 26).

Neste estudo, prefere-se concordar com García Canclini que trata dessas manifestações e insere o artesanato na categoria das culturas populares e sobre isso afirma:

se preferirmos falar de cultura e não de arte popular é porque as realizações do povo não nos interessam principalmente pela beleza, sua criatividade ou sua autenticidade, mas pelo que Cirese (...) chama de “representatividade sócio-cultural”, ou seja, pelo fato de que indicam os modos e formas através dos quais certas classes sociais têm vivenciado o processo cultural em relação com as condições de existência reais enquanto classes subalternas (1983, p.42).

O autor sintetiza que as culturas populares são “o resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, no qual realizam uma elaboração específica das suas condições de vida através de uma interação conflitiva com os setores hegemônicos” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.43).

Cabe reafirmar que, na atualidade, o artesanato é de difícil definição, dada a interferência da globalização na sua produção. Esta interferência aparece principalmente nos aspectos da produção em série e com fins mercadológicos. Até mesmo a utilização dos termos popular, rústico e tradicional, vinculados aos objetos artesanais, é feita com tentativa de obter o lucro, pois muitos artesãos às vezes nem são derivados de classes subalternas ou desprivilegiadas. Essas e outras questões serão aprofundadas nas linhas a seguir.

### **1.3 O uso e apropriação do artesanato**

Artesanato é definido aqui como todas as peças feitas predominantemente com técnicas manuais e que pressupõem pouco ou nenhum uso de máquinas industriais na produção. Este pode ser criado constantemente por grupos sociais ou indivíduos. Seu significado pode variar conforme o artesão que detém as técnicas tradicionais de produção (“saber-fazer”); o contexto social onde é desenvolvido; a cultura de determinado grupo, conforme aquele que se apropria do objeto, ou ainda conforme o local em que é comercializado.

Para contextualizar e aprofundar as discussões já feitas sobre esse assunto, cabe demonstrar alguns trabalhos que situam especificamente o uso e a apropriação do artesanato, ao mesmo tempo em que demonstram como esta temática é abordada atualmente.

Brandão (1989) descreve a difícil tarefa em separar arte e artesanato, dada a complexidade dos estudos nessa área e até mesmo a dificuldade dos próprios artesãos e

artistas em definirem seus produtos, pois ora definem como arte, ora como antiguidade, ou artesanato. O autor remete-se a García Canclini para classificar melhor essas categorias:

ele [García Canclini]o identifica como uma passagem do étnico ao típico, onde a primeira categoria quer traduzir a arte ou o artesanato que significam modos de vida e sentidos (valor, identidade etc.) próprios de culturas específicas e são portanto, a possibilidade simbólica de afirmação de sua diferença, de sua peculiaridade interna, onde a segunda categoria denuncia a dissolução do *próprio* ou *apropriados*. (...) Aos olhos do turista, do empresário controlador e, finalmente, do próprio artista, o que se compra, o que circula e o que se cria não são objetos cuja arte está na pessoa do criador e na tradução pessoal de um modo original de cultura, mas objetos produzidos em massa, *padronizados* e *típicos* (1989, p.66).

Há também uma dificuldade dos próprios artesãos em definir se os seus produtos são artesanato ou arte. É o caso dos diversos quadros de pintura a óleo ou em massa acrílica encontrados nas feiras. Os artesãos estão no espaço que é destinado ao artesanato, mas definem seus produtos como sendo obras de arte devido à autenticidade e à originalidade que, para eles, não são mais encontradas nos objetos artesanais.

Na tentativa também de conceituar o que é artesanato concorda-se com o que é exposto no programa Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira, em que se define artesanato como “o artefato produzido de forma não industrializada, que escapa à produção em série, oriundo de um saber advindo da tradição e vivência do indivíduo em seu grupo” (2005). Porém, esta discussão se o objeto pode ser industrializado ou não depende de cada autor. Lima, por exemplo, define que artesanatos “são produtos do fazer humano em que o emprego de equipamentos e máquinas, quando e se ocorre, é subsidiário à vontade de seu criador que, para fazê-lo, utiliza basicamente as mãos” (2005, p.2).

Para nossa análise, esses pontos são de extrema importância, pois os objetos expostos nas feiras se enquadram nessas discussões. Nota-se constantemente que a maioria dos objetos é produzida por técnicas manuais, com auxílio de máquinas em algumas etapas da produção, para o conseqüente aumento da produtividade. Há casos em que os próprios artesãos compram parte do objeto quase pronto em lojas de armarinhos para, depois de costumizá-los, revendê-los na feira. Então esses objetos vendidos na feira são artesanatos ou não?

Observa-se também que a maioria dos objetos tenta acompanhar a lógica mercantil, e não a demonstração da cultura local ou um saber local. Quando isso

acontece, vale ressaltar, é algo forjado muitas vezes pelo turismo<sup>13</sup>, como é o caso dos *souvenirs* que são artesanatos transformados em símbolo local, mas são também encontrados em diversos lugares e feiras.

Por isso, vale afirmar que as conceituações que existem não são satisfatórias, em virtude dos poucos estudos a esse respeito. Nesse ponto cabe relevar a importância desta pesquisa, já que põe em pauta um tema carente de interpretação geográfica, ainda que pese sua relevância, já que, comumente, mesmo nas viagens de curta distância, não há quem não compre uma “lembrancinha”, ou não se admire, ao circular por uma feira, com a habilidade de alguém para produzir tal ou qual objeto.

Retornando à questão da produção industrial e sua interferência no artesanato, amiúde discute-se que, a partir da revolução industrial, houve uma desvalorização dos objetos feitos manualmente por causa da mecanização e da industrialização; já que, antanho, o artesão/artista tinha maior liberdade, criatividade por possuir os meios de produção, pelo alto grau de satisfação e identificação com o produto. Um outro exemplo de modificação no sentido da produção são as esculturas, muito comuns nas feiras, que são demonstradas na figura 08.

---

<sup>13</sup> Um exemplo é o caso dos índios pataxós do município de Santa Cruz Cabralia, norte de Porto Seguro. Os índios começaram a modificar o artesanato produzido quando este começou a ter um fim comercial: “agora se pretende fazer esse artesanato com uma lógica diferente, pois perderá ser caráter utilitário e tornar-se-á registro de um modo de vida indígena – e que não é a mesma lógica também do artesanato comercial (em sua maioria *souvenirs* que o branco compra para guardar uma ‘lembrança do índio’), que pode ou não representar a tradição indígena, delimitando sua fronteira étnica” (...) Os índios tem que desenvolver suas peças acompanhando o ritmo imposto pelos brancos que competem com eles na mesma arena e que usam máquinas, mas têm mesmo fábricas de artesanato (GRÜNEWALD, 2001, p.136-137). Ainda segundo GRÜNEWALD: “as produções de objetos tradicionais passam por mudanças em resposta a imposições comerciais e estéticas de consumidores de lugares às vezes bem distantes – o que é, nas aldeias pataxós, o caso de europeus que encomendam, por exemplo, brincos no atacado para serem vendidos no exterior, mas recomendam um formato para o brinco que venderia bem na Europa e não habitual indígena” (2001, p.137).



**Figura 08. Foto: Esculturas em gesso - Feira Híppie.**

Fonte: FERNANDES, C. A. Trabalho de Campo. Abril/2007

Estas antes eram feitas de argila modelada e, atualmente, essas peças são feitas em gesso e pintadas em série, sem a preocupação de que a peça seja única, exclusiva, o que interessa são as várias peças em poucas horas.

Dentro desse diálogo, Bottomore comenta que “a arte na era do capitalismo adiantado não apenas está degradada em consequência da reprodução mecânica e da difusão ampla, mas também adquire maior poder de pacificar e de integrar classes e grupos dissidentes” (2001, p.19). Sendo assim, a arte é utilizada como ideologia e apropriada por quem detém os meios de produção produzindo peças em série em seus moldes e por quem está no poder estabelecendo valores e padrões estéticos. Por isso defini-la agora parte da pergunta: quem quer defini-la ou para quem ela é destinada? É o que confirma Bottomore,

a cultura e, particularmente, a arte assumem, assim, um papel ambíguo: servem de sustentáculo aos desejos de liberdade e felicidade (a *promesse de bonheur*) que são inviabilizados nas sociedades modernas, mas projetam-nos em uma esfera ilusória, afirmando, assim o *status quo* ao ‘pacificar o desejo rebelde’ (2001, p.95).

Preservar traços da cultura, hoje, é uma demonstração de poder; pois são os que estão no poder que não só conseguem preservar as marcas de sua identidade como, muitas vezes, chegam até a se apropriar de referências de outros grupos (no caso do Brasil, de índios e negros), ressemantizando-as na sua interpretação. Isso quando não recorrem simplesmente à destruição dos vestígios da cultura daqueles que desejam

submeter, ou “conservam-na” de modo residual – o que também possui implicações ideológicas. Trataremos agora da questão do patrimônio cultural.

Patrimônio é uma atribuição de valor, por parte de grupos ou agentes intelectuais, a um determinado bem cultural e que surge em determinado momento histórico em cada país. O patrimônio assim compreende bens materiais e imateriais, porém, essa divisão é apenas de cunho metodológico, pois não há como separar a materialidade dos bens culturais da imaterialidade.

No Brasil as políticas de preservação tiveram início na década de 30 com a criação do IPHAN. Vale ressaltar que aqui podemos verificar três fases de construção do patrimônio através das práticas de preservação. A primeira é a “fase heróica”, o momento fundador que aconteceu no final da década de 30, decorrente do movimento modernista, com a construção do SPHAN. A segunda fase, chamada de “pedra e cal”, que é a continuidade do antigo SPHAN, estende-se de e a terceira fase é da “referência cultural”, que foi criada juntamente com o Centro Nacional de Referência Cultural em 1975. Nesta última houve uma preocupação maior quanto aos bens imateriais, como “saber fazer” e o artesanato, e se propunha a apreender a cultura em sua dinâmica (produção, circulação e consumo) e na sua relação com os contextos socioeconômicos.

A principal crítica é de que nas duas primeiras fases se privilegiava um conjunto de bens móveis e imóveis tombados em lugares e tempos privilegiados, a partir de quem estava no poder e segundo o interesse da classe dominante.

Isso porque as narrativas nacionais, o patrimônio cultural é definido em função de uma construção de nação, ou símbolo de identidade nacional. Através da retórica da perda ou destruição dos bens, características como passado, o popular, o primitivo, o exótico e o autêntico se configuram como símbolos da nação que não podem ser destruídos ou perdidos, onde somente através da apropriação e preservação é que poderá ser constituída a nação. Leite, acerca disto, observa: “parte do que hoje compõe o repertório das chamadas tradições culturais no Brasil não é necessariamente genuína, mas foi ganhando significação como representativa de uma brasilidade à medida que esferas oficiais da cultura a reconheceram como expressivas de uma idéia de nação” (2005b, p.1).

Para Arantes (1984), faz-se necessário tentar definir o patrimônio em função do significado que possui para a população, reconhecendo que o elemento básico na percepção do significado de um bem cultural reside no uso que dele é feito pela

sociedade. É conveniente afirmar que nem sempre os aspectos “globais” prejudicam ou exterminam a cultura local. Deve-se pensar que os bens culturais, por serem dinâmicos, produzem novos ou são (re) significados, (re) funcionalizados. É o que também confirma Paz:

Até poucos anos atrás, era comum pensar que o artesanato estava fadado a desaparecer, substituído pela produção industrial. Hoje, todavia, é justamente o contrário que está acontecendo: artefatos feitos à mão estão agora desempenhando um papel considerável no mercado mundial. Peças do Afeganistão e do Sudão estão sendo vendidas nas mesmas lojas que os mais recentes produtos dos estúdios de design de fábricas italianas e japonesas. (2007b, s/p.)

Aqui consideramos que o artesanato não é mera mercadoria, e sim algo embutido de valores, crenças, modos de vida, enfim de culturas, mas que, devido a aspectos da industrialização, da modernidade e da tecnologia tem que ser debatido, pois há o risco de perdas de aspectos importantes no modo de fazer as peças. Desse modo, propomo-nos a pensá-lo resgatando os seguintes pressupostos elaborados por Leite: “1) o que entende ser o artesanato uma arte de fazer tradicional que deve ser preservada mediante a manutenção dos lastros sociais nos quais são produzidos; e 2) o que defende certas inovações estéticas na produção artesanal como meio de inseri-lo no mercado e assegurar sua reprodutibilidade, ainda que em um estado alterado da tradição” (2005a, p.1). A produção do artesanato, desse modo, insere-se também no contexto da discussão tradição-modernidade.

Arantes também reflete sobre as mudanças dos elementos culturais, cujos resultados podem ser transformações positivas, mas não desconsidera que possa haver um processo de descaracterização negativa dos significados: “é possível preservar os objetos, os gestos, as palavras, os movimentos, as características plásticas exteriores, mas não se consegue evitar a mudança de significado que ocorre no momento em que os eventos culturais são produzidos” (1981, p.26). O autor afirma ainda que “um mesmo objeto pode condensar significados próprios a diferentes contextos” (ARANTES, 1981, p.32) assim, “os significados culturais não são compreendidos através da contemplação passiva do objeto significante, mas com referência ao universo de significados próprios de cada grupo social” (ARANTES, 1981, p.32).

Sobre os impactos negativos dos processos de mudança com o desenvolvimento urbano, a mercantilização, as indústrias culturais<sup>14</sup>, o consumo cultural e o turismo,

---

<sup>14</sup> Indústria cultural, termo utilizado primeiramente por Max Horkheimer e Theodor Adorno, em *Dialética do esclarecimento* em 1947, serve para designar o processo ideológico de reprodução técnica e

García Canclini considera que “essas ‘ameaças’ são contextos, que não só devemos aceitar por serem as condições em que os bens históricos existem, mas também porque contribuem para repensar o que devemos entender por patrimônio histórico e por identidade nacional” (1989, p.95).

Esse aspecto caracteriza a tendência predominantemente híbrida da cultura na alta modernidade, segundo Leite, e a remodelação do local frente ao global, no qual o consumo cultural predomina. Para este autor há uma “*re-localização* da cultura através da qual as tradições são re-elaboradas e passam a dialogar em estado alterado com os processos e/ou produtos do mercado simbólico de bens culturais” (2005b, p.3). Feitas tais considerações, passemos à análise da rede de comercialização do artesanato nas feiras pesquisadas.

## **II. O ARTESANATO NO MERCADO: ASPECTOS ORGANIZACIONAIS DA REDE COMERCIAL DE ARTESANATO NAS FEIRAS HIPPIE E DO CERRADO**

No capítulo anterior, apresentamos a historicidade do artesanato e procuramos situá-lo no contexto da discussão arte X arte popular. Posteriormente, apresentamos os conceitos, os usos e apropriações do artesanato, destacando os problemas que perpassam tais questões. Essas análises nos permitem afirmar que há uma intrínseca relação entre os processos de transformação social e as formas de produção de bens e o comércio. Considerando-se a esfera do capitalismo, nota-se uma nova divisão territorial do trabalho que, junto às inovações tecnológicas, científicas e de transmissão instantânea de informação formam rearranjos produtivos nunca antes vistos.

Os avanços conseguidos na esfera da comunicação, por exemplo, permitem uma comunicação sem fronteiras, interconectando pessoas e lugares, fazendo com que a produção seja cada vez mais complexa e menos isolada, criando assim novas solidariedades. Estes elementos permitem a emergência de reconstruções institucionais e organizacionais, possibilitando mais mudanças sociais.

É nesse quadro de referência que podemos entender a velocidade das transformações e as convivências, conflitantes, entre diferentes formas de se produzir e se relacionar.

Nessa perspectiva Castells (2003) afirma que vivemos em uma “sociedade em rede”, dado que há uma nova morfologia societária em vigor e que esta configura toda a estrutura social. O conceito utilizado por Castells segue a linha de vários autores, tanto sociólogos quanto geógrafos, que afirmam que a sociedade é permeada por um conjunto de nós interconectados que formam e delineam as ações sociais.

a sociedade em rede, baseada no paradigma econômico-tecnológico da informação se traduz, não apenas em novas práticas sociais, mas em alterações da própria vivência do espaço e do tempo como parâmetros da experiência social. Apresentam-se, aí, as idéias de um ‘espaço de fluxos’ e de um ‘tempo intemporal’ (CASTELLS, 2003, p.36).

Assim, este capítulo tem como intuito discutir e caracterizar a rede organizacional de comercialização do artesanato encontrado nas feiras hippie e do Cerrado, definindo-se, inicialmente, o conceito de redes e redes geográficas para posteriormente analisar a rede comercial dos artesanatos.

## 2.1. O espaço e as redes

O termo rede é definido pelo *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0* da seguinte forma: “fios, cordas, arames, etc., entrelaçados, fixados por malhas que formam como que um tecido; qualquer dispositivo feito de rede usado para apanhar peixes, pássaros, etc” (FERREIRA, 2004, s/p). Já na antiguidade a rede era utilizada em forma de metáfora, apesar de não existir uma palavra específica para designá-la. Segundo Musso:

essa mitologia do fio e da tecelagem se enriquece do imaginário das formas da natureza, notadamente dos efeitos de rede observados sobre o corpo humano ou imaginados nos movimentos interiores ocultos, pela medicina de Hipócrates [século V a.C]. A idéia de rede existia desde a mitologia, através do imaginário da tecelagem e do labirinto, mas a medicina de Hipócrates a associa definitivamente à metáfora do organismo onde ‘todas as veias comunicam e escorrem umas nas outras’ (MUSO *apud* Dias, 2005, p.14).

Dessa forma, fica claro que, em sua origem, o conceito possuía um caráter biológico, associado ao organismo, uma vez que na medicina este era mais utilizado, relacionando-se, por exemplo, à circulação sanguínea. Já no século XVIII o conceito aparecia junto às estratégias militares, procurando criar um sistema de fortificações sobre o território francês. No plano civil, as redes relacionavam-se às galerias de minas e às vias de transmissão de água das grandes cidades. Atualmente, em macro-escala, este conceito é ditado pela globalização, pois, quanto mais complexa for a divisão do trabalho (já dita anteriormente), maior será a diversificação e complexidade dos objetos e das ações.

É neste último modelo que o capitalismo interfere nas relações comerciais e na organização espacial, engendrando uma nova configuração territorial. Sob a égide deste modo de produção, percebemos a construção do lucro como algo dotado de uma lógica interna, bem definida, interferindo diretamente sobre o sentido da produção e comercialização dos bens, diferenciando-se, assim, de outros momentos históricos.

Não resta dúvida que em numa fase pré-capitalista havia produção de excedentes e trocas, envolvendo uma separação no tempo e no espaço de consumidores, varejistas, e atacadistas, havendo inclusive empréstimos em dinheiro para a compra de mercadorias para serem revendidas com lucro. Isto, de um lado, não pode ser definido como capitalismo, que se define a partir do investimento de capital sujeitando o trabalho à criação de mais valia no processo de produção (CORRÊA, 2001, p.19).

Várias são as tentativas para definir e entender essa nova organização espacial. Os autores que tentam compreendê-la criam conceitualizações diversas, tais como: redes sociais, redes urbanas, redes geográficas, redes técnicas, redes econômicas, redes

de computadores e redes federativas. Estas representações, no entanto, demonstram a multiplicidade de olhares que as ciências lançam sobre o espaço urbano e o mundo contemporâneo, tornando o termo polissêmico e de difícil conceituação. É a partir desta situação que analisamos algumas das principais formas pelas quais importantes autores tentam definir o conceito rede.

Um dos precursores dos estudos sobre redes na modernidade foi Saint-Simon que, na tentativa de analisar a passagem do sistema feudal para o sistema industrial, influenciado por ideais iluministas e pela fisiologia, construiu uma análise permeada de elementos que faziam analogia ao organismo. Apesar de seus estudos estarem próximos ao que era feito anteriormente pela biologia, o autor limitava sua análise somente ao referencial técnico.

Graças a essa analogia de organismo-rede, Saint Simon dispôs de uma ferramenta de análise para conceber uma ciência política e formular um 'projeto de melhoria geral do território da França', que consistiria em traçar sobre o seu corpo, ou seja, sobre seu território (organismo), as redes observadas sobre o corpo humano para assegurar de todos os fluxos, enriquecendo o país e levando melhoria das condições de vida, incluindo as classes mais pobres da população (DIAS, 2005, p.16).

A principal crítica a esse modelo parte do pressuposto que a análise sansimonista tende a focar somente a rede técnica, ou seja, seria a rede técnica a responsável por produzir, por si mesma, a transformação social. Como nos afirma Dias, "Saint-Simon teria forjado o conceito de rede para pensar a mudança social e, nesse contexto, as redes de comunicação eram percebidas como mediadores técnicos de tal mudança" (2005, p.17).

As constantes transformações e inovações tecnológicas fizeram com que os estudos de rede vinculados antes ao pensamento de Saint-Simon perdessem sua força. Assim,

a analogia entre o funcionamento do cérebro e a estrutura reticular é retomada com o extraordinário avanço das técnicas de informação, especialmente com a invenção do computador (...) a rede é representada como organismo planetário e parece desenhar a infra-estrutura invisível de uma sociedade, ela mesma pensada como rede (DIAS, 2005, p.18).

Sobre a rede na atualidade, Dias também defende que há uma relação direta entre a construção de novas formações sociais e o desenvolvimento da concepção de rede: "A rede, como qualquer outra invenção humana, é uma construção social. Indivíduos, grupos, instituições ou firmas desenvolvem estratégias de toda ordem (políticas, sociais, econômicas e territoriais) e se organizam em rede" (2005, p.22).

Desta forma, são acrescentados também aos estudos de rede noções como democracia, fim das hierarquias, descentralização, aspectos institucionais e serviços públicos, autonomia e poder, na tentativa de ampliar as análises. Desse modo, começam-se a conceber a sociedade e a técnica como pressupostos inseparáveis para o estudo das redes. Segundo Dias é nesse momento que o enfoque de Milton Santos começa a ganhar importância na construção deste conceito:

Os escritos de Milton Santos certamente nos auxiliam a avançar na construção de um conceito de rede casado com o tempo presente. Em A natureza do espaço, suas idéias são muito esclarecedoras para esta discussão. Ele propõe que estamos, sim, diante de uma busca voraz de mais fluidez, o que engendra a procura de técnicas cada vez mais eficazes. Mas defende a idéia de que a fluidez não é uma categoria técnica, é sociotécnica (DIAS, 2005, p.20).

Santos (1997) parte da perspectiva de que as redes são técnicas, mas, acima de tudo, são sociais. Para isso, propõe que a análise seja pautada nos elementos da infraestrutura de operação, na ação de criação humana e no propósito de construção deliberada de um espaço.

Portanto, para Santos (1997) as redes possuem várias características que são influenciadas pela globalização e pelo consumo, a saber: as redes são heterogêneas, não são uniformes, são fluidas, materiais e sociais, agem no global e no local, umas e múltiplas, estáveis e dinâmicas, desintegram e destroem velhos recortes espaciais e criam outros.

As redes, por não serem homogêneas, ou seja, se diferenciam conforme o espaço e o grupo social que estão inseridos, adquirem também o caráter de não serem estáveis. Isso porque a homogeneização e estabilidade é um mito segundo Santos (1997), pois todas relações dentro ou fora das redes são conflitantes e diferentes. Esse caráter das redes não serem estáveis está presente na Feira hippie. Esta se iniciou ao final da década de 1960 e início da de 1970 e perpassou por diversas localidades, conforme afirma Fernandes:

A feira Hippie começou em 1969 no parque Mutirama, depois mudou-se ara Avenida Goiás, e desde de novembro do ano passado está fixada na praça do Trabalhador (O popular, 24 out. 1955 apud MAIA e COELHO, 1997).

Atualmente cogita-se uma nova mudança de local da feira, agora para avenida leste-oeste. Essas diversas mudanças de localizações implicaram e ainda implicam em diversas relações conflitantes e rearticulações da rede de comércio, que são reflexos também do seu crescimento desordenado.

Associado ao seu constante crescimento, a grande circulação de pessoas tem feito com que surjam novos “espaços” nos arredores da feira. Isto pode ser percebido, por exemplo, pelo aparecimento de outros tipos de comércios formais e informais, infraestrutura de apoio - como hotéis e restaurantes-, dentre outros. No caso da feira Híppie, houve um aumento do comércio formal e de ambulantes na Rua 44 (rua próxima à Praça do Trabalhador), a construção de shoppings populares e de um centro de feiras e eventos nas proximidades da Praça do Trabalhador. Através deste exemplo, também podemos notar que as redes não são uniformes, pois, em um determinado local podem existir várias redes, muitas até superpostas. Isso faz com que em determinado local coexistam diversas redes e níveis de circulação e hierarquização no caso, de comércio formal, informal e ilegal.

Através destas redes que se criam ao redor da Feira Híppie, podemos notar que a mesma tem interferido nos preços dos imóveis que a margeiam, sendo, portanto, suas modificações de local fruto de diversos interesses entre os envolvidos. Percebe-se também que a feira e o comércio marginal têm aumentado suas dimensões, assumindo um caráter regional. Este caráter pode ser confirmado pela observação da quantidade de pessoas envolvidas no conjunto de suas atividades e pela intensa aglomeração de ônibus de empresas de turismo que a margeiam, no dia de funcionamento da feira, indicando assim a fluidez nestes espaços.

Esta fluidez, no entanto, não se caracteriza apenas como “uma categoria técnica, mas uma entidade sociotécnica” (SANTOS, 1997, p.218). Ela é uma característica marcante desse período, chamado por Santos de técnico-científico-informacional. Este é definido como espaço de fluxos, pois quanto maior o nível de fluidez haverá mais circulação de idéias, mensagens, produtos, dinheiro e pessoas. É importante perceber, portanto, que essa fluidez “é responsável por mudanças brutais de valor dos objetos e dos lugares” (SANTOS, 1997, p.218).

Daí essa categoria ser de extrema importância para o entendimento da produção e circulação de mercadorias na atualidade: “Não basta, pois, produzir. É indispensável pôr a produção em movimento. Em realidade, não é mais a produção que preside à circulação, mas é esta que conforma a produção” (SANTOS, 1997, p.219).

Deve-se ainda verificar a relação entre o global e o local, pois as mercadorias produzidas caracterizam-se por uma ambigüidade intrínseca. Vejamos o caso das roupas, por exemplo: ao mesmo tempo em que identificam, para o vendedor do interior, um produto da capital, com bons preços e “grife” de capital, necessitam mostrar-se

“anteados” aos movimentos da moda presente em centros produtores e consumidores de maior status, como Rio de Janeiro e São Paulo. Por outro lado, na criação de artesanatos, o local precisa estar presente para sua identificação, geralmente simbolizando um elemento identitário da região de origem. Porém, necessita-se da mesma forma de um elemento global, no sentido de que os próprios discursos e técnicas utilizadas não podem se isolar de um contexto de produção restrito ao âmbito da mera localidade.

Nos termos de Santos: “As redes seriam incompreensíveis se apenas as enxergássemos a partir de suas manifestações locais ou regionais. Mas estas são também indispensáveis para entender como trabalham as redes à escala do mundo” (1997, p.215). É o que também pensa Dias, quando nos diz que: “a rede conecta diferentes pontos ou lugares mais ou menos distantes e permite hoje a ampliação da escala da ação humana até a dimensão global” (2005, p.23). Há também um outro importante elemento a ser pensado a partir desta nova relação entre o local e o global: a possibilidade de uma desconfiguração das tradições locais e a conseqüente desestruturação social. Essa é uma preocupação pertinente, pois a manutenção e afirmação desse modo vida engendrado em rede afeta tanto a esfera das relações sociais e técnicas de produção quanto as manifestações culturais e a tradição.

Os processos de transformação social no tipo ideal de sociedade em rede ultrapassam a esfera das relações sociais e técnicas de produção: afetam a cultura e o poder de forma profunda. As expressões culturais são retiradas da história e da geografia e tornam-se predominantemente mediadas pelas redes de comunicação eletrônica que interagem com o público e por meio dele em uma diversidade de códigos, valores, por fim incluídos em um hipertexto audiovisual digitalizado (CASTELLS, 2003, p. 504).

Essa inquietação é pertinente também quando estudamos a feira Hippie que, devido à multiplicidade locacional e ter se ampliado o seu entorno, tem perdido sua unicidade, já que em meio a essas mudanças perdem-se características “tradicionais”. Caso semelhante já aconteceu na Feira Hippie de Belo Horizonte estudada por Pimentel e Silva. A feira, que também se iniciou como feira de artesanato, mudou de localidade e incorporou a venda de produtos tidos como “variedades” e até alterou seu nome para: “Feira de Artes, Artesanato e Produtores de Variedades”. Segundo os autores:

A mudança não era só física, mas muito mais simbólica. Perdiam-se as raízes historicamente construídas pelas pessoas da cidade, tanto feirantes como fregueses. Nesse caso o novo espaço da feira apresentava-se como vazios de vínculos sociais, identitários e, talvez o mais importante, sem vínculo de memória entre as pessoas e o lugar (PIMENTEL e SILVA, 2006, p.11).

A legitimação da nova feira estudada por Pimentel e Silva foi feita pela prefeitura na tentativa de preservar a identidade, a qualidade dos produtos e diminuir o crescimento desordenado, através da regulamentação, seleção e controle dos feirantes.

Consta-se também que a rede das feiras é una e múltipla: “a unidade primeira é dada pelo mundo, que também nos dá a pluralidade, pelas suas formas diversas de realização, isto é, de funcionalização e historicização” (SANTOS, 1997, p.221). Por ela ser material e social também interliga pessoas, mensagens, valores, informações e idéias: “A rede é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a freqüentam. Sem isso, e a despeito da materialidade com que se impõe aos nossos sentidos, a rede é, na verdade, uma mera abstração” (SANTOS, 1997, p.209).

Sendo assim, compreendemos que o conceito de rede é um dos recortes possíveis para entender a organização do espaço contemporâneo e também das relações, impactantes ou não, na produção e comercialização do artesanato nas feiras Híppie e do Cerrado.

## **2.2 As redes e a análise geográfica**

Fazendo-se a referência à teoria das localidades centrais, formulada primeiramente por Christaller<sup>15</sup> em 1933, podemos encontrar alguns elementos para entender as relações comerciais de distribuição varejista<sup>16</sup> e de serviços dadas na atualidade. Segundo Corrêa, um dos principais estudiosos dessa teoria,

A recuperação da teoria das localidades centrais é importante porque ela trata de um tema relevante que é o de organização espacial de distribuição de bens e serviços, portanto, de um aspecto da produção e de sua projeção espacial, sendo assim, uma faceta da totalidade social. Recuperá-la porque se torna necessário enriquecer a visão geográfica da sociedade, isto é, enriquecer nossa compreensão sobre as diferentes formas de espacialização da sociedade (2001, p.17).

A teoria das localidades centrais trata de uma forma de organização territorial criada no capitalismo, que resulta em relações dinâmicas e hierárquicas entre os lugares. Nesses espaços diferenciados há produtos e serviços que atendem aos anseios e necessidades de pessoas de diferentes faixas de consumo. Portanto, “a rede de

---

<sup>15</sup> Christaller, no entanto, discute não apenas os elementos e mecanismos que definem e estruturam uma rede de localidades centrais, mas também suas condições e natureza variáveis, incluindo mudanças na organização social e econômica (Corrêa, 2001, p. 42).

<sup>16</sup> Pretende-se discutir o comércio varejista, mais especificamente o que prevalece nas feiras, visto este ser o predominante na maioria das feiras pesquisadas. Por mais que a feira híppie se caracterize atualmente como pólo revendedor atacadista, a maior parte da venda de artesanatos é destinada ao varejo.

localidades centrais constitui-se um meio através do qual a reprodução do modo de produção capitalista se verifica”. (CORRÊA, 2001, p.24). Esta teoria é de extrema importância dado que através dela podemos compreender como a organização territorial de bens de consumo e serviços está engendrada.

A rede de localidades centrais está caracterizada por Corrêa (2001) em três modelos de organização, que não são mutuamente excludentes, podendo coexistir em uma mesma rede regional. São elas: redes dendríticas, mercados periódicos e o desdobramento da rede em dois circuitos da economia.

A contribuição e o entendimento desses modos de organização da rede de localidades centrais são importantes para a explicação das configurações existentes na atualidade. Corrêa observa que esta situação, para o caso nacional,

reside no fato que o caráter desigual do subdesenvolvimento brasileiro suscita a necessidade de se conhecer os diferentes modos como estão organizadas as diferentes redes regionais de localidades centrais. Elas constituem uma dimensão do subdesenvolvimento em sua realização espacialmente desigual, refletindo diferenciais de demanda das atividades produtivas, de densidade demográfica, nível de renda e padrões de consumo, afetando assim a oferta de bens e serviços (2001, p.86).

Faz-se necessário, assim, entender como são as relações sociais dentro das redes e porque as principais redes de produção são cada vez mais globalizadas, sendo notória a seguinte contradição: o maior contingente da mão de obra é local, porém só a elite dos especializados, de grande importância estratégica, é realmente globalizada e usufrui dos benefícios e do lucro.

A rede dendrítica é um dos modos de organização da rede de localidades centrais, sendo caracterizada por um arranjo estrutural e espacial que tem características do período colonial, mas que ainda se manifesta em várias interações na atualidade. Nesta há um excessivo número de pequenos centros, pequenos pontos de venda indiferenciados entre si (no que se refere ao comércio varejista), que concentram as principais funções econômicas e políticas da hinterlândia<sup>17</sup>. Estes, por sua vez, convergem para um centro estrategicamente mais importante, ou, como afirma Corrêa,

Seu ponto de partida é a fundação de uma cidade estratégica e excentricamente localizada em face de uma futura hinterlândia. Essa cidade, de localização junto ao mar, é o ponto inicial de penetração do território e sua porta de entrada e saída (2001, p.43).

---

<sup>17</sup> Hinterlândia: Área de influência próxima a um pólo ou centro econômico, ou uma região entre outras duas regiões distintas.

Um outro modo de organização que está estruturado a rede de localidades são os mercados periódicos. As feiras, por sua vez, têm sido comumente estudadas pelos geógrafos sob a orientação desse conceito por autores como Bromley, Symansky e Good (1980) e Corrêa (1989) e mais especificamente do comércio varejista periódico de Maia e Coelho (1997) e Corrêa (2000 e 2001). Em todas as análises se busca compreender que a origem dos mercados e o avanço do capitalismo são variáveis importantes para o entendimento do comércio atual devido suas implicações no meio social. Além do mais, esses estudos vão além da visão econômica e levam em consideração o costume, o peso da tradição e os processos culturais em que estas sociedades estão inseridas.

Os mercados periódicos, e posteriormente as feiras, podem ser considerados como as primeiras formas de relações de troca comerciais, já que, em tempos passados, a produção era voltada para subsistência. Somente com início da produção e venda racionalizada e sistemática de excedentes é que enceta-se esse tipo de atividade. Segundo Bromley, Symansky e Good:

os primeiros comerciantes e consumidores eram também produtores, e o mercado periódico permitia uma divisão racional de tempo entre produção, comércio e outras atividades. Para os mercados primitivos era eficaz lógico e conveniente que fossem periódicos, e assim permaneceram, ou somente se modificaram com notáveis efeitos tardios devido às vantagens crescentes que advieram dos primeiros mercados. As análises econômicas tradicionais não interpretaram mal a história, mas ignoraram-na. Consequentemente, as condições de origem dos mercados periódicos e o papel do *feedback* positivo na permanência dos fenômenos sociais e econômicos foram também ignorados (1980, p.194).

Christaller, ao estudar os comércios varejistas, observa que é através do comércio varejista que se podem identificar “centros elementares, centros locais, centros de zona, centros sub-regionais, capitais regionais e centros de metrópolis regionais e nacionais, cada um desses tipos sendo caracterizado por um específico conjunto de bens e serviços e por um outro também existente em centros dos níveis hierárquicos inferiores” (CHRISTALLER, 1996 *apud* CORRÊA, 2000). Daí a complexidade dos padrões locacionais do comércio varejista e a dificuldade em sua análise.

É necessário também acrescentar a esse debate a análise dos dois circuitos da economia, dado que estes configuram no terceiro modo de organização da teoria de localidades centrais.

### 2.3 Os dois circuitos da economia

Segundo Santos (2004) logo após a Segunda Guerra Mundial, criam-se dois circuitos econômicos, que são responsáveis não só pelos processos econômicos, como também pelo processo de organização do espaço. As principais características são demonstradas na figura abaixo:

**Figura 09. Quadro: Características dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**

<b>Características</b>	<b>Circuito Superior</b>	<b>Circuito inferior</b>
Tecnologia	capital intensivo	trabalho intensivo
Organização	burocrática	primitiva
Capitais	importantes	reduzidos
Emprego	reduzido	volumoso
Assalariado	dominante	não-obrigatório
Estoque	grandes quantidades	pequenas quantidades
	e/ou alta qualidade	qualidade inferior
Preços	fixo em geral	submetidos a discussão entre comprador e vendedor (haggling)
Crédito	bancário institucional	pessoal não institucional
Margem de lucro	reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios (exceção: produtos de luxo)	elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios
Relações com a clientela	impessoais e/ou com papéis	diretas/personalizadas
Custos fixos	importantes	desprezíveis
Publicidade	necessária	nula
Reutilização dos bens	nula	freqüente
Overhead capital	indispensável	dispensável
Ajuda governamental	importante	nula e quase nula
Dependência direta do Exterior	grande, atividade voltada para o exterior	reduzida ou nula

**Fonte:** SANTOS, 2004, p.4.

O circuito superior originou-se diretamente da modernização tecnológica e é constituído por bancos, comércios e indústrias voltados para a exportação, pela indústria e serviços modernos, empresas atacadistas e de transportes. Já o circuito inferior é formado de atividades de pequena dimensão e de interesse principalmente das

populações de baixa renda. Compreende as atividades de fabricação tradicional, certas formas de atividades comerciais e prestação de serviços.

Os dois principais critérios para identificar se o circuito é inferior ou superior são, 1) o conjunto das atividades realizadas em certo contexto e 2) o setor da população que se liga a ele essencialmente pela atividade e pelo consumo. Assim, a origem desses circuitos está relacionada ao progresso tecnológico e as mudanças constantes da contemporaneidade:

Os dois circuitos têm a mesma origem, o mesmo conjunto de causas e são interligados. Contudo, é necessário precisar que, apesar de sua aparente interdependência, o circuito inferior aparece como dependente do circuito superior, do mesmo modo que as atividades rurais tradicionais dependem das atividades modernas (SANTOS, 2004, p.56).

O circuito superior não pode ser datado, porém há como se saber como este é organizado e seu comportamento. Já o circuito inferior está em processo de transformação e adaptação permanente, pois, em todas as cidades, uma parte de seu abastecimento vem, direta ou indiretamente, dos setores ditos modernos da economia. Por isso, o circuito inferior depende do circuito superior. Um exemplo disso é o que demonstra Santos:

O atacadista está no topo de uma cadeia decrescente de intermediários, que chega frequentemente ao nível do “feirante” ou do simples vendedor ambulante. Através desses intermediários e pelo crédito, o atacadista leva um grande número de produtos aos níveis inferiores da atividade comercial e fabril e, assim, a uma gama extensa de consumidores. O volume global dos negócios que realiza no circuito inferior dá a dimensão de seus negócios bancários e também de sua participação no circuito superior. Elemento integrante do circuito superior, o atacadista é também o cume do circuito inferior (2004, p.41).

A diferença dos dois circuitos está baseada nas diferenças de tecnologia, organização e dimensão.

O circuito superior utiliza uma tecnologia importada e de alto nível, uma tecnologia ‘capital intensivo’, enquanto no circuito inferior a tecnologia é ‘trabalho intensivo’ e frequentemente local ou localmente adaptada ou recriada. O primeiro é imitativo, enquanto o segundo dispõe de um potencial de criação considerável (SANTOS, 2004, p.43).

Quanto à sua organização espacial, o circuito superior sustenta-se na organização nacional ou internacional, pois não são todas as regiões que são capazes de produzir os bens tecnológicos necessários à sua forma de produção. Já o circuito inferior é formado de atividades de pequena dimensão, que se ajustam ao mercado local e dependem totalmente dele, e por isso mantém relações principalmente com sua região.

Apesar do esforço para a sistematização das características que distinguem os dois circuitos, é importante entender que esta divisão não é absoluta. Há uma continuidade apesar das diferenças. Sobre isto Santos afirma: “Apesar da interação entre os dois circuitos, as características que distinguem um subsistema de outro provêm exatamente da oposição das características de cada um dos conjuntos” (2004, p.75).

É importante também destacar que a teoria dos dois circuitos da economia de Santos (2004) já recebeu algumas críticas que se referem ao limite e abrangência de cada circuito. A caracterização do circuito inferior, enquanto possuidor de uma organização rudimentar é criticada por Maia, quando o mesmo pondera que: “é lógico que em algumas de suas manifestações isso se torna patente, mas em outras (por exemplo, cooperativas de vans e tráfico de drogas) predomina uma estrutura organizacional bem aperfeiçoada” (1999, p.1007).

Outra crítica proposta por Maia é a de que há relação entre o circuito inferior e o comércio exterior ao contrário do que diz Santos:

em segundo lugar, se pensa na dependência que os camelôs de algumas grandes cidades brasileiras têm de produtos importados do Paraguai – e procedentes, em grande parte, dos Tigres Asiáticos -, bem como nos traficantes de coca que escoam a produção boliviana ou colombiana, a premissa da pequena ou nula relação com o comércio exterior também é posta em xeque (1999, p.107).

Maia acrescenta ainda que “determinadas atividades do circuito inferior de alcance local/regional (...) são serviços de alta qualidade, de forma alguma realizada por elementos que estabelecem relações indiretas com a modernização tecnológica” (1999, p.1007).

Mesmo conscientes de possíveis lacunas na teoria dos dois circuitos, utilizaremos esse instrumental como referencial neste trabalho, por acreditar que ainda mantém um forte caráter explicativo para o que nos propomos neste estudo. Compreendemos que cada circuito mantém com o espaço e com a cidade um tipo particular de relação, formando, portanto, duas zonas de influências distintas, porém interligadas. Por isso, estudamos não só os aspectos da produção, como também os da distribuição, consumo, comercialização e emprego que estão engendrados em forma de redes nesse sistema econômico. É o que ratifica Santos: “o problema de uma sociedade econômica não pode ser estudado de modo fragmentário. Ao lado dos aspectos da produção, é indispensável considerar e analisar os da distribuição e do consumo, assim como os do emprego, quer dizer, trata-se do sistema por inteiro” (2004, p.55).

Ressalte-se que a teoria dos dois circuitos da economia de Santos (2004) pretende analisar os fenômenos de acordo com a realidade sócio-histórica da atualidade, por isso será útil em nossos estudos e investigações.

### **2.3.1 O circuito inferior e a dinâmica organizacional das feiras**

Para nossa análise trabalharemos com o circuito inferior, pois é nele que encontramos suporte teórico para estudar o artesanato das feiras Híppie e do Cerrado, ambas em Goiânia. Por isso,

É necessário doravante levar em conta o circuito inferior como elemento indispensável à apreensão da realidade urbana e encontrar as medidas a serem adotadas para atribuir a esse circuito uma produtividade mais elevada e um crescimento sustentado, ao mesmo tempo conservando o seu papel de fornecedor privilegiado de empregos (SANTOS, 2004, p.22).

Todavia, a questão não se reduz ao simples estudo das feiras, mas deve fazer-se em termos de sistema ou, antes, estas como um subsistema dentro do comércio em geral. Pode se obter melhores resultados estudando o fenômeno das feiras no seu contexto, no qual a cidade é um dos centros ou um dos elementos.

Consideramos, assim, que as feiras que vendem artesanatos aqui estudadas fazem parte desse circuito inferior. Para estudá-las é imprescindível entender a dimensão organizacional de comercialização do artesanato nessas feiras; pois, nessas redes, prevalecem processos de produção e comercialização que envolvem pouco desenvolvimento tecnológico. Também os recursos alocados para o aluguel dos locais de comercialização não chegam a agregar tanto valor às mercadorias.

Como já dito anteriormente, alguns elementos da cidade podem ser estudados a partir dos dois circuitos da economia; já que são derivados do processo de modernização e desenvolvimento tecnológico, gerando disparidades sociais cada vez mais crescentes e interferindo na organização do espaço e da sociedade<sup>18</sup>.

O atual modelo de crescimento econômico é responsável por uma distribuição de rendas cada vez mais injusta e impede a expansão do emprego, assim como o desenvolvimento de um mercado interno para os produtos modernos. A existência do circuito inferior da economia urbana é uma das conseqüências principais dessa situação (SANTOS, 2004, p.187).

O circuito inferior compreende atividades do circuito econômico não-moderno, pequeno comércio e multiplicidade de serviços de toda espécie. É o que salienta Maia, ao dizer que este é uma válvula de escape ao fenômeno do desemprego:

---

<sup>18</sup> Apesar do circuito inferior ser caracterizado pela baixa utilização de produtos de alta tecnologia, a adoção destes no circuito superior traz reflexos para todo o sistema, interferindo de forma direta no circuito menos tecnológico.

O circuito inferior da economia, especialmente os setores de comércio e serviços (ambulantes, camelôs, feirantes, catadores de papel, transporte pirata etc.) acolhe a mão de obra não qualificada, subempregada e desempregada dos grandes centros urbanos e é, por conseguinte, uma válvula de escape para o problema do desemprego. A flexibilidade e a adaptabilidade desse circuito diante de novas exigências de consumo, das políticas locacionais instituídas pelo poder público e da concorrência como o circuito superior favorecem sua perpetuação no espaço citadino (1999, p.105-106).

Há uma dificuldade de se encontrar empregos e participação nos meios mais privilegiados da produção capitalista. Sendo assim, o circuito inferior se constitui em possibilidade de atividades para as camadas desprivilegiadas que buscam uma alternativa, uma forma de sobrevivência, a nosso ver, a finalidade desta rede organizacional.

Assim, surgem os subempregos, desemprego e desigualdade de renda; estes são os principais elementos que alimentam a existência do circuito inferior da economia, fazendo com que hajam atividades precarizadas, irregulares e ilegais, como observa Santos:

O circuito inferior constitui, portanto, um mecanismo de integração permanente, que interessa em primeiro lugar a toda uma massa de migrantes insolventes e não-qualificados. Fornece uma quantidade de empregos máxima para uma imobilização mínima de capital. Responde, ao mesmo tempo, às necessidades do consumo e à situação geral do emprego e do capital (2004, p.260).

As feiras livres ou especiais de Goiânia podem ser estudadas, deste modo, utilizando esse referencial teórico. Elas são caracterizadas por serem, em sua maioria, informais e/ou ilegais, constituídas de trabalhadores das classes desprivilegiadas e populares, absorvendo assim a maioria dos desempregados que, segundo Corrêa (2001), seriam os agentes sociais da rede organizacional.

Vale ressaltar que essa problemática vai de encontro àquela em que se discute a inserção dessa atividade (comércio em feiras) no setor terciário da economia. Esta classificação é feita com a utilização do pressuposto de que a economia pode ser dividida em três setores: primário, secundário e terciário<sup>19</sup>. Porém, essa noção ainda é muito discutida e há alguns que até se aventuram a dizer da existência de um setor quaternário. Por isso, utilizaremos a classificação de Santos (2004), que analisa as atividades ditas não-modernas como sendo parte do circuito inferior da economia. A escolha de Santos por esse termo parte do pressuposto que o circuito inferior tem maior

---

<sup>19</sup> Essa idéia de setor terciário segundo Santos “é uma herança direta da divisão tripartite da economia, proposta por Colin Clark em 1957” (2004, p.200).

abrangência do que a do setor terciário e ainda compreende a realidade dos países subdesenvolvidos.

Ora, pensamos que a apreensão do ‘circuito inferior’ recobre uma realidade muito mais ampla que a expressa pelo termo ‘terciário’. Na realidade, trata-se mais de um conceito que de uma denominação; o circuito inferior é o resultado de uma situação dinâmica e engloba atividades de serviço como a doméstica e os transportes, assim como as atividades de transformação como artesanato e as formas pré-modernas de fabricação, caracterizadas por traços comuns que vão além de suas definições específicas e que têm uma filiação comum (2004, p.201).

Por isso, nossa análise se pauta nas condições de comercialização do artesanato nas feiras e também aquelas referentes ao emprego e consumo.

### **2.3.2 Emprego e desemprego no circuito inferior: trabalho informal**

O emprego<sup>20</sup> no circuito inferior é de difícil compreensão, dada a realidade em que ele está inserido. Por isso, é também de difícil conceituação, pois engloba justamente as condições de subemprego e de precarização do trabalho. Inclui o trabalho mal remunerado, trabalho temporário, subemprego, trabalho irregular e todo tipo de contratos atípicos existentes. Sobre isto, Santos comenta:

O emprego no circuito inferior é uma realidade difícil de definir, pois compreende tanto o trabalho mal remunerado como o trabalho temporário ou instável. Em que critérios se apoiar para separar emprego e subemprego, de um lado, e subemprego e desemprego, de outro? E que dizer do trabalho irregular? (2004, p.203)

O fenômeno da informalidade não costuma ser medido de forma precisa e nem é constante. Desse modo, é difícil de definir e encontrar um termo ou interpretação adequada. Várias são as discussões atualmente a esse respeito, as quais versam sobre a economia informal, economia submersa e outras interpretações segundo o IBASE:

A dificuldade em identificar os elementos que dão unidade a um conjunto diversificado de práticas econômicas acabou gerando a proliferação de tentativas de conceituação. Fala-se e, economia informal, submersa, invisível, criptoeconomia, etc. A percepção da economia informal como um espaço desordenado que contrasta com o sistema rigoroso que, supostamente, ordena a economia formal é comum a estes conceitos e/ou noções. As noções tendem a ser formuladas pela negação, pelo que o setor

---

<sup>20</sup> Singer (2003) diferencia o emprego e ocupação, conceitos que atualmente segundo ele não são compreendidos de maneira adequada e que muitas das vezes não levam em consideração os fenômenos que acontecem na atualidade como a precarização do trabalho: “o emprego resulta de um contrato pelo qual o empregador compra a força de trabalho ou capacidade de produzir do empregado” (2003, p.13) “ocupação compreende toda atividade que proporciona sustento a quem a exerce” (2003, p.14). Sendo assim: “emprego assalariado é um tipo de ocupação – nos países capitalistas o mais freqüente, mas não o único. Temos aqui outra generalização provavelmente enganadora. Como a falta de ocupação é chamada de ‘desemprego’, pressupõe implicitamente que a única maneira de alguém ganhar a vida é vender sua capacidade de produção ao capital. Deixam-se de lado as múltiplas formas de atividade autônoma que, na realidade, estão crescendo no mundo inteiro e no Brasil, na medida mesma em que o capital contém seu ritmo de acumulação e tendencialmente reduz o volume de força de trabalho que emprega” (2003, p.14).

informal apresenta de ausência ou carência em relação ao formal, ao hegemônico (1997, p.14).

Além do mais, as atividades informais não se enquadram nos moldes de produção tipicamente capitalista “quer por razões de ordem econômica, propriamente dita, quer de ordem jurídica. Ou seja, o que aglutina essas atividades em torno de um mesmo conceito não é a proximidade que guardam entre si, mas o afastamento que todas mantêm do modelo de organização capitalista” (Oliveira, 1998, p.15).

Para alguns autores como Noronha (2003), o termo “contratos atípicos”, define melhor essa forma de trabalho, dado os diversos tipos de contratos que podem ser estabelecidos. Isso porque juridicamente está estabelecido que o trabalho informal seja composto de empregados que não possuem carteira assinada<sup>21</sup>. No entanto, Noronha questiona justamente restringir o termo informalidade a uma questão jurídica ou não.

Ao formal (no sentido legal) contrapõem-se diversos tipos de contratos ‘informais’, sejam os claramente ilegais (ou criminosos, como, por exemplo, o trabalho escravo), sejam trabalhos familiares ou diversos outros tipos de contratos, cujo estatuto legal está freqüentemente em disputa – por exemplo, cooperativas ou contratos de terceirizados (2003, p.112).

Noronha (2003) esclarece que o par formal/ informal, de forma isolada, não possibilita o entendimento do fenômeno como um todo. Portanto, esta díade acaba por nos fornecer uma visão parcial e limitada dos diversos contratos que são estabelecidos no Brasil. Além disso, há também duas discussões propostas por Pamplona e Romeiro (2001) que remetem às diversas maneiras de se definir o que é formal e informal. Uma das vertentes utiliza o critério da ilegalidade. Essa vertente denomina a economia informal como “um conjunto de atividades econômicas não-registradas, não-declaradas ao Estado, extralegais, porém socialmente lícitas. Neste conceito não são considerados fatores de natureza tecnológica, nem tamanho das unidades produtivas, nem interações com os mercados” (PAMPLONA e ROMEIRO, 2001, p.3).

A outra forma de conceituar trata a economia informal de maneira diferenciada, a partir da forma de organização da produção<sup>22</sup>, considerando-a como:

<sup>21</sup> Leão e Leite concordam com os estudos que dizem que “a carteira tem significados simbólicos e que funciona como uma verdadeira carteira de identidade ou como comprovante para a garantia de crédito ao consumidor, o que mostra que o trabalhador é confiável e pode comprovar um vínculo empregatício” (2005, p.121).

<sup>22</sup> Segundo Pamplona e Romeiro (2001, p.4) “a conceituação do ‘informal’ a partir da ‘forma de organização da produção’ foi desenvolvida e adotada por autores como Tokman (1987); Souza (1980 1981); Cacciamali (1983, 1989, 1991). A OIT (Organização Internacional do Trabalho), na sua 15ª Conferência Internacional das Estatísticas do Trabalho, adotou também o critério da ‘forma de organização da produção’. Para a OIT (1993), o setor informal pode ser descrito de uma forma genérica como um conjunto de unidades que produzem bens e serviços tendo em vista principalmente criar emprego e renda para as pessoas envolvidas (são excluídas unidades que produzem apenas para auto consumo). O critério (legalidade), para a OIT não apresenta uma clara base conceitual, ou seja, não se presta a comparações históricas e internacionais e pode levar a resistência junto aos informantes. No Brasil, a partir desta

o conjunto de unidades de produção não tipicamente capitalistas (critério da forma de organização da produção). A forma de organizar a produção define o setor informal. Sendo assim, são informais os trabalhadores das unidades de produção não tipicamente capitalistas no interior do capitalismo. O conjunto destas unidades de produção compõe a economia informal. Nelas há reduzida ou nenhuma separação entre trabalho e propriedade dos meios de produção (o proprietário trabalha diretamente na produção com a ajuda freqüente de familiares e, em alguns casos, com poucos assalariados) (PAMPLONA e ROMEIRO, 2001, p.4).

Para nossa pesquisa preferimos tratar o fenômeno da informalidade concordando com a última vertente, já que, o circuito inferior, também é composto por essas características acima citadas. É o que confirma Mascarenhas:

o circuito inferior emerge da incapacidade do sistema capitalista em oferecer o pleno emprego, o que encontraria em contradição com os princípios da economia de mercado. Os desempregados recorrem assim a expedientes diversos e improvisados, resultando daí ao grau primário de organização e o baixo grau de tecnológico das atividades deste setor (2005, p.3).

No circuito inferior a principal preocupação das pessoas é como conseguir uma forma de sobrevivência, diferente do circuito superior no qual o que interessa é o recebimento do salário. Como analisa Oliveira, “se nos moldes da empresa tipicamente capitalista, o traço essencial da organização da produção seria dado pela separação entre o capital e o trabalho, o da economia informal seria, inversamente, a não separação entre o capital e o trabalho” (1998, p.15). Isso acontece porque as pessoas no circuito superior têm a garantia que ao fim do mês receberão um salário, já no circuito inferior os trabalhadores não sabem ao certo quanto ganham ao mês e não há um salário fixo. Vejamos o caso da venda de artesanatos nas feiras, o total da venda do mês pode variar conforme “n” fatores que vão desde a quantidade de peças produzidas, mês de férias (menos pessoas na cidade e mais turistas), ou se houve alguma data comemorativa naquele mês.

O desemprego<sup>23</sup>, assim é um dos fatores que levam os trabalhadores a exercerem atividades informais, no caso específico, como comerciante. Essa falta de emprego ou falta de ocupação é mais uma das conseqüências da modernização tecnológica, que gerou o aumento da produtividade, maior especialização, flexibilização do trabalho e desaparecimento de vários postos de trabalho, conforme assinala Santos:

A expansão da atividade industrial impõe uma especialização e ao mesmo tempo acarreta a redução relativa e mesmo absoluta do número de

---

conceituação, o IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) realizou a ECINF 97 (Pesquisa da Economia Informal de 1997)”.

<sup>23</sup> Alguns autores como Singer (2003, p.29) preferem não falar desemprego e sim precarização do trabalho, pois, “inclui tanto a exclusão de uma crescente massa de trabalhadores do gozo de seus direitos legais como a consolidação de um ponderável exército de reserva e o agravamento de suas condições”.

empregos. O circuito inferior, por sua capacidade de inchamento, intervém então para absorver o excesso de mão de obra (2004, p.255).

Singer aponta a globalização também como um dos fatores que proporciona o desemprego. Só que o desemprego determinado por ele é ‘desemprego estrutural’, pois, “ele não aumenta necessariamente o número total de pessoas sem trabalho, mas contribui para deteriorar o mercado de trabalho para quem precisa vender sua capacidade de produzir” (2003, p.23). Esse desemprego estrutural que nos fala Singer (2003) tem efeitos não muito diferentes do desemprego tecnológico. Este último é aquele em que há substituição do trabalho humano pelo trabalho computadorizado, tendo a ver, então, com as inovações tecnológicas.

Em nossa análise, o desemprego estrutural e o tecnológico fazem parte da mesma lógica, na atualidade. As inovações tecnológicas contribuem também para que cada vez mais os trabalhadores necessitem de qualificação mais refinada e sejam mais flexíveis. Isto gera uma alteração nas relações trabalhistas, fazendo com que os menos qualificados sejam excluídos do mercado formal de trabalho, sendo impelidos ao exercício de trabalhos autônomos e que exijam menor qualificação.

Assim, ao procurar compreender o desemprego em contextos de intensa flexibilização do trabalho, verifica-se uma alteração nas relações sociais de trabalho, caracterizada pela retração das formas ‘atípicas’ de emprego, além de um aumento no trabalho por conta própria. (LEÃO e LEITE, 2005, p.120).

Na tentativa de saírem da condição de desempregados, os trabalhadores buscam novas alternativas de trabalho e vão de encontro ao trabalho informal. O trabalho informal surge, assim, como uma forma de complemento da renda ou mesmo única fonte de renda dos trabalhadores excluídos do trabalho formal. Outro fator que faz com que determinadas camadas de trabalhadores busquem a informalidade, ainda que este motivo seja menos freqüente, é a rejeição à submissão ao empregador. Este aspecto é ressaltado por Leão e Leite, quando dizem: “A escolha pelo trabalho autônomo também pode se dar com o intuito de obter liberdade de empreendimento, para fugir do ‘relógio de ponto’ e, com isso, não se submeter a um patrão” (2005, p.120).

Devido a essa pressão constante gerada pelo desemprego, o trabalhador aceita a perda de parte de seus direitos trabalhistas (férias, 13º salário, aviso prévio etc.) através da inserção no trabalho informal. Para o empregador é mais vantajoso substituir os empregados formais por pessoal temporário ou fornecidos por empresas locadoras de

mão-de-obra e por prestadores de serviços<sup>24</sup>. Além disso, cresce o número de trabalhadores que preferem ter seu próprio negócio, de forma autônoma, em suas próprias casas, em feiras ou comércio de rua. Sobre isto, Singer observa:

a redução do emprego formal condena quantidades cada vez maiores de trabalhadores, com graus mais diferentes de qualificação, a se engajar por conta própria, em geral prestando serviços ou comerciando em pequena escala na rua, na própria casa ou visitando locais de trabalho etc. Esta miríade de pequenos operadores, quando utiliza assalariados, quase sempre os emprega informalmente (2003, p.45).

Além dessas questões, os artesãos do Brasil se deparam com outra dificuldade: a falta de uma legislação que regule e que reconheça o artesão como uma profissão. Desde 07/07/2004 o projeto de lei nº. 3.926 de autoria do Deputado Eduardo Valverde foi apresentado à câmara dos deputados e não foi aprovado. O projeto de lei quer instituir o Estatuto do Artesão, definir a profissão de artesão, a unidade produtiva artesanal e quer que o Poder Executivo crie o Conselho Nacional do Artesanato e o Serviço Brasileiro de Apoio ao Artesanato. Segundo o Art.2º do projeto de lei, o estatuto tem por objetivos:

- a) Identificar os artesãos e as atividades artesanais, conferindo lhes maior visibilidade e valorização social e contribuindo, também, para a dignificação das profissões ligadas ao artesanato;
- b) Contribuir para uma adequada definição e ajustamento das políticas públicas afirmativas objetivando a proteção da atividade, a organização e a qualificação profissional dos artesãos;
- c) Reforçar a consciência social da importância das artes e ofícios artesanais como meio privilegiado de preservação dos valores da identidade cultural do País e como instrumento de dinamização da economia solidária, da renda e da ocupação a nível local; (projeto de lei n.3926, 2004).

A regulamentação da profissão de artesão, segundo o coordenador da Associação de Artesãos de Goiás, Júlio Israel Furer, traria benefícios para os artesãos, como por exemplo, a carteira assinada e reconhecida e isenção de impostos. Isso porque a lei prevê ainda um registro profissional de artesão e registro da unidade produtiva que facilitará a abertura de oficinas de artesanato e estabelecimentos próprios para este tipo de atividade. Além do mais, segundo o Projeto de Lei, “o Serviço de Apoio ao Artesanato se for criado terá como missão divulgar em nível nacional e internacional o artesanato brasileiro; realizar programas de capacitação e qualificação do artesão brasileiro; desenvolver programas de gerenciamento e organização empresarial para as

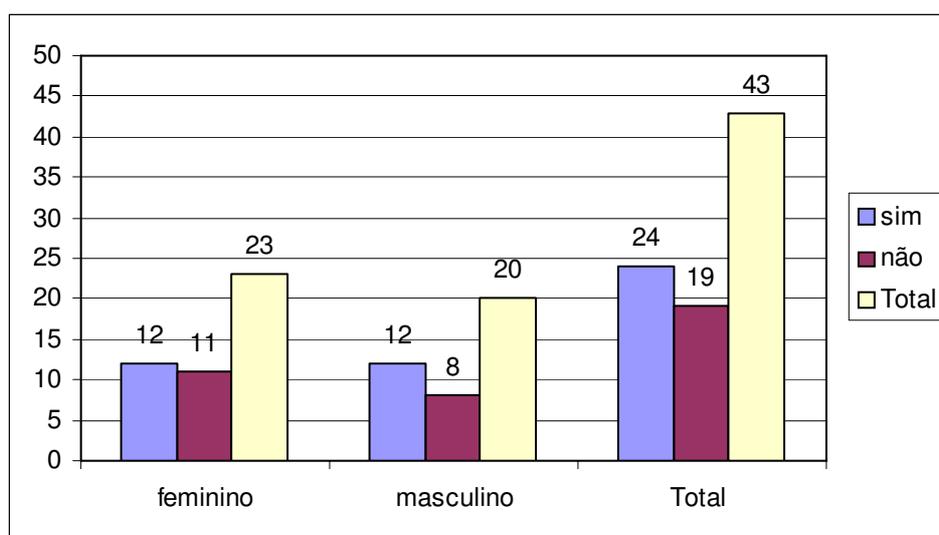
---

<sup>24</sup> Esta lógica diz que o custo da produção é alto pelos gastos gerados pelos direitos trabalhistas. Desta forma, procura-se como solução a desproteção do trabalho como forma de aumento do lucro do capital.

unidades produtivas artesanais; capacitando assim os artesãos facilitando sua entrada no mercado de trabalho” (2004).

No caso do comércio realizado nas feiras, objeto de nosso estudo, verifica-se que a maioria dos comerciantes-artesãos, tem como principal fonte de renda esse tipo de atividade, sejam homens ou mulheres, como demonstra a figura 10:

**Figura 10. Gráfico: Principal Fonte de Renda relacionada ao Sexo Feira Hippie e do Cerrado**



**Fonte:** FERNANDES, C. A. Trabalho de campo jul./07.

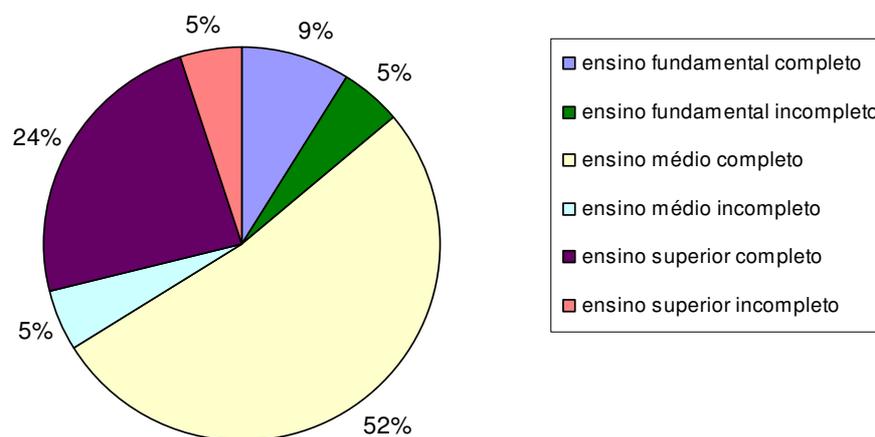
Observando o gráfico verifica-se que não há muita diferença na variável principal fonte de renda entre os sexos, a não ser na questão de ter outra atividade. Um total de onze mulheres entrevistadas responderam não ser principal fonte de renda à venda de artesanato ao contrário de oito homens entrevistados. Os números demonstram também que há um equilíbrio entre homens e mulheres no qual a venda de artesanato é a principal fonte de renda. O que pode ser explicado devido à inserção cada vez maior da mulher no mercado de trabalho e o número maior de mulheres cuja fonte de renda é que sustenta e mantém suas famílias.

A predominância do exercício desta atividade talvez se justifique por causa da estruturação das duas feiras estudadas, uma vez que se constituem em locais já estabelecidos e reconhecidos na dinâmica econômica e cultural da cidade, abrangendo muitas pessoas em sua visitação e obrigando os feirantes a se organizarem de maneira mais profissional para a manutenção de seus pontos.

Os feirantes que têm na venda de artesanato o complemento de suas rendas geralmente são pessoas aposentadas, caracterizando cerca de 31,57% dos artesãos entrevistados. Suas outras atividades profissionais variam, sendo citados os trabalhos de funcionário público, professor, músico, estudante, vigilante e encarregado de manutenção.

Com o crescimento da informalidade podem-se encontrar também muitas pessoas com alto grau de escolaridade, que também foram excluídas do mercado formal. Constatamos que há pessoas que possuem nível superior e que estão vendendo artesanato nas feiras, conforme nota-se na figura 11:

**Figura 11. Gráfico: Escolaridade dos artesãos Feira Hippie e do Cerrado**



**Fonte:** FERNANDES, C. A. Trabalho de campo jul./07.

Nota-se que 52% dos artesãos feirantes nos locais pesquisados possuem o ensino médio e que 24% possuem ensino superior completo. Na feira do Cerrado isso é mais marcante: 36% possuem ensino superior completo e 8% ensino superior incompleto, totalizando 44% de universitários nesta feira. Sugerimos que isto relacione-se ao fato da feira ser “elitizada”, estar em um bairro nobre e até o artesão ser mais “elitizado”, mais “esclarecido” e tentar se aperfeiçoar mais em sua atividade do que os artesãos de outras feiras, já que constantemente recebe apoio e participa de palestras e cursos promovidos pelo SEBRAE. A título de exemplo temos o caso de um artesão que faz peças em argila,

que quando começou na feira não possuía nível superior, mas há pouco tempo se formou em artes plásticas na UFG.

Pensamos também que as pessoas em situação de desemprego acabam optando pela informalidade, enquanto esperam uma possibilidade no mercado formal. Como isso não ocorre rapidamente, ou constantemente, elas acabam se adaptando na atividade informal, e até vêem mais vantagem nesse tipo de atividade, por causa da isenção de impostos, baixo custo na produção e possivelmente maiores lucros e salários do que nas atividades formais. Sobre isto Maia e Coelho afirmam:

As atividades informais embora burlam o fisco e, com isso, reduzam a porcentagem de impostos arrecadados, garantem, por outro lado, a sobrevivência, o sustento e um padrão de consumo, em alguns casos, superior àquele dos que exercem um trabalho formal. Com efeito, é comum que um indivíduo, após experimentar os benefícios da economia informal, nem pense mais em retornar à condição de empregado (1997, p.2).

Como esta ocupação se torna fonte significativa da renda da família, há um grande número de pessoas que trabalham na venda de artesanato em mais de uma feira ou em outros locais, como demonstra a tabela 01:

**Tabela 01: Comercializa em outros locais - Feira Hippie e do Cerrado**

	Frequência	Porcentagem
sim	28	65,2
não	15	34,8
Total	43	100,0

**Fonte:** FERNANDES, C. A. Trabalho de campo jul/07.

Dos 65% de artesãos/feirantes que expõem em outros locais muitos fazem em outras feiras, visto que estas em Goiânia também têm tido um crescimento significativo. É o que pode ser visualizado na tabela 02.

**Tabela 02. Outras feiras de comercialização\*- Feira Hippie e Feira do Cerrado**

Locais	Quant.	Respostas %
<b>Feira da Lua</b>	9	45%
<b>Feira do Sol</b>	2	10%
<b>Feira em Brasília</b>	3	15%
<b>Feira do Setor Jardim América</b>	1	5%
<b>Feira do Setor Pedro</b>	1	5%

<b>Ludovico</b>		
<b>Feira das Nuvens</b>	1	5%
<b>Feira do Setor Universitário</b>	1	5%
<b>Feira do Setor Sul</b>	1	5%
<b>Feira do Setor Novo Horizonte</b>	1	5%
<b>Total</b>	20	100%
* questões de múltipla escolha		
<b>Fonte:</b> FERNANDES, C. A. Trabalho de campo jul./07.		

A feira da Lua se destaca entre os outros locais de comercialização: 45% dos feirantes entrevistados também comercializam nesta feira, que é a segunda maior feira de Goiânia, tanto em extensão, quanto em popularidade. Esta feira possui aproximadamente 950 expositores, sendo realizada aos sábados e estando localizada na Praça Tamandaré, no setor Oeste. Nela podem se encontrar artigos como quadros, bordados e bijuterias, roupas, calçados, doces, tortas, salgados e produtos místicos, característica comum a todas as feiras especiais. Esta também é uma feira voltada para um público diferenciado, por estar situada em um setor nobre de Goiânia, sendo seus produtos um pouco mais caros do que os encontrados em outras feiras.

Merece também destaque a quantidade de pessoas que comercializam em Feiras de Brasília: 15% dos artesãos entrevistados se disseram adeptos desta prática. Em Brasília também há um crescimento no número de feiras, por isso muitos goianos se deslocam até lá como forma de aumentar suas vendas e lucros, já que os produtos lá são vendidos com preços mais altos. Vale ressaltar que, em 2001, se criou em Brasília uma Feira da Lua. Esta, porém, ocorre uma vez por mês e já reúne cerca de 180 expositores com artigos de moda, arte e decoração, sendo a feira mais citada entre os artesãos/feirantes que comercializam em Brasília.

Cerca de 10% dos artesãos pesquisados também comercializam na feira do Sol. Esta é considerada a terceira feira mais importante e tradicional de Goiânia. Localiza-se na Praça do Sol, no setor Oeste, e segundo dados da Secretaria de Desenvolvimento possui aproximadamente 230 bancas (dados de campo, SEDEM, fev.2007). Uma característica que podemos ressaltar desta feira é que ela, como a feira Hippie, se iniciou com o comércio somente de produtos artesanais e se chamava feira do Doce.

Atualmente, vendem-se produtos industrializados e animais de estimação, além de artesanatos.

Apesar de sua origem e trajetória terem sido parecidas, em relação à inserção de produtos não artesanais em seus mostruários, a Feira do Sol e a Feira Hippie distinguem-se quanto ao público alvo. A Feira do Sol é considerada a mais elitizada e a Feira Hippie a mais “popular”. A área reservada ao artesanato da feira do Sol é mais organizada e ainda conta com presença de hippies, características que não são encontradas na Feira Hippie a não ser no seu entorno, como por exemplo, na Avenida Goiás e/ou Independência.

Em Goiânia, a cada 2,2 bairros há uma feira, segundo dados da Prefeitura, seja ela especial ou livre. Penido explica da seguinte maneira estes acontecimentos:

É grande a demanda da população pela implantação de novas feiras especiais na cidade, principalmente por parte das microempresas, cujo objetivo é comercializar seus produtos diretamente ao consumidor, sem as despesas de um comércio convencional. O consumidor também, seja ele local ou de outras regiões, pode adquirir produtos por um preço acessível e com maiores variedades concentradas em um mesmo lugar (PENIDO, 2002, p.54).

A Prefeitura de Goiânia não autoriza mais a implantação de novas feiras. A solução encontrada pelos feirantes é invadir o local da feira e se instalarem: as 20 feiras clandestinas já chegam a somar mais de 3 mil bancas (O Popular, 13 jan. 2008).

O que se observa também é que, como as feiras se tornaram importantes pontos de absorção de mão-de-obra não qualificada na cidade, é difícil o controle e a expulsão destes trabalhadores, já que esta é única maneira encontrada por estes para manterem suas famílias, tornando-se uma das últimas formas não criminosas de trabalho. Em anexo são citadas algumas das principais feiras especiais e livres (dias da semana, nome, local e horário) que estão distribuídas em toda cidade. Segundo a relação de feiras que está em anexo, encontrada no site da Prefeitura de Goiânia, são ao todo 26 feiras especiais e 112 feiras livres.

Os outros locais de comercialização, fora às feiras (dados já discutidos em outro momento neste trabalho), são geralmente lojas, ateliê<sup>25</sup> ou em casa, eventos, associação de artesanato, galerias e lojas de arte, como demonstra a tabela 03.

---

<sup>25</sup> Os Ateliês são chamados pelos artesãos muitas das vezes de “quartinhos”, locais improvisados dentro da própria casa que servem para produção do artesanato e às vezes para a comercialização de algumas peças, isso será discutido mais aprofundamente no capítulo 3.

**Tabela 03. Outros locais de comercialização\*- Feira Hippie e do Cerrado**

<b>Locais</b>	<b>Quant.</b>	<b>Respostas %</b>
<b>Lojas</b>	8	17,8
<b>Em casa/ateliê</b>	7	15,6
<b>Eventos</b>	2	4,4
<b>Associação de artesanato</b>	1	2,2
<b>Galerias e lojas de arte</b>	1	2,2
<b>Sebrae</b>	2	4,4
<b>Outros</b>	3	6,7
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>100,0</b>
* questões de múltipla escolha		
<b>Fonte:</b> FERNANDES, C. A. Trabalho de campo jul/07.		

Como se observa na tabela é significativo o número de artesãos que também comercializam em lojas e têm como atividade complementar a atividade de feirante. A comercialização também é feita em casa, em sua maioria os compradores (geralmente seus próprios vizinhos) os procuram para fazer encomendas, por isso é comum encontrar casas com placas se referindo: “faz-se bordados” ou “vende-se artesanato”.

Observa-se também que não é comum eles participarem de associações ou cooperativas, apesar destas lhes trazerem benefícios, como a regularização fiscal da comercialização. Isto se deve, segundo os entrevistados, ao excesso da burocracia na concessão das notas e à pouca vantagem comparativa. Para ser um associado é necessário se cadastrar e pagar uma taxa anual de cento e oitenta e cinco reais anualmente, que lhe dá direito à obtenção de nota fiscais (o artesão deve levar o nome e dados do comprador e valor para pegar a nota) e podem comercializar também na própria exposição, os preços são colocados pelo próprio artesão e 20% da venda fica para associação. As vendas segundo um artesão entrevistado são poucas e quando há vendas o que é repassado ao artesão é pouco significativo, tornando assim desvantajoso para os artesãos. Vale destacar que há falta de divulgação da associação, por isso também há poucas adesões.

Cerca de 4,4 % artesãos expõem em eventos promovidos pelo SEBRAE - Serviço de Apoio às Pequenas e Médias Empresas de Goiás. Este atualmente é um órgão que incentiva e valoriza muito o artesanato em Goiânia, promovendo diversos

eventos como feiras e cursos de aprendizagem de artesanato. No caso da Feira do Cerrado é constante a participação de seus expositores nestes eventos devido a constante parceria com o SEBRAE.

Esse caráter constante do aumento das feiras em diferentes setores e lugares colabora para que os feirantes possam expor seus produtos em mais de uma feira ou em outro local, caracterizando, para Corrêa (2001), uma sincronização espaço-temporal das atividades humanas. Característica presente também nos mercados periódicos como Corrêa confirma:

Os dias de funcionamento de cada mercado acham-se articulados aos dos demais, numa lógica de tempo e espaço, envolvendo o deslocamento periódico e sincronizado dos participantes de um dado mercado. Em outros termos, os comerciantes e prestadores de serviços reúnem-se a cada dia em um determinado núcleo de povoamento, para onde converge a clientela de uma área próxima ao núcleo. (p.51)

Isso traduz, para Maia e Coelho, “na ampliação das possibilidades dos expositores maximizarem as suas vendas e satisfazerem públicos diferenciados” (1997, p.7).

A rede de comercialização das feiras pesquisadas também é virtual, visto que a Feira Hippie e a Feira do Cerrado possuem sites de divulgação na internet. No site da Feira Hippie é possível até mesmo comprar peças de artesanato é só enviar o pedido via e-mail para o coordenador da feira e o mesmo entra em contato com o comerciante. No caso da Feira do Cerrado o site está em construção e ainda não possibilita esse tipo de serviço.

No que se refere ao público que compra o artesanato, podemos observar que este é variado, sendo composto tanto de moradores goianienses, quanto por turistas. É o que demonstra a tabela 04:

**Tabela 04: Público que geralmente compra o artesanato  
Feira Hippie e Feira do Cerrado**

	Frequência	Porcentagem
moradores de Goiânia	13	30,2
turistas	3	7,0
turistas e moradores	25	58,1
outros	2	4,7
Total	43	100,0

**Fonte:** FERNANDES, C. A. Trabalho de campo jul/07.

Vale ressaltar que, no caso da Feira Hippie, é maior o número de pessoas que vêm de fora como demonstra a tabela abaixo.

**Tabela 05: Público que geralmente compra o artesanato - Feira Hippie**

	Freqüência	Porcentagem
Moradores de Goiânia	3	16,7
Turistas	11	61,1
turistas e moradores	3	16,7
Total	17	94,4
não sabe/não responde	1	5,6
Total	18	100,0

**Fonte:** FERNANDES, C. A. Trabalho de campo jul/07.

Estes compradores, que na tabela chamamos de turistas, em sua maioria, viajam com intuito de comprar no atacado para comercializarem no varejo em suas cidades, obtendo assim maiores lucros. A maioria dos turistas que participa destas feiras é revendedor vindo de cidades do interior e outros estados como Ceará, Bahia, Pernambuco, Pará, Minas Gerais, São Paulo e Brasília. Em vésperas de datas comemorativas que possuem alto volume de vendas, a Feira Hippie chega a funcionar 24 horas seguidas: foi isto que aconteceu em 2007, quando às vésperas do Natal a feira funcionou de sábado a domingo direto. Isto tem acontecido também como forma dos feirantes concorrerem com o comércio formal e ambulantes informais da rua 44 no Centro (rua próxima a Feira Hippie), que está funcionando em horários não comerciais e garantindo fatias consideráveis das compras dos comerciantes de fora. A feira assim chega a receber mais de 40 mil visitantes em datas como Natal, segundo dados da Sedem, 2008.

A Feira Hippie, na atualidade, se caracteriza como um “chamariz” para esse tipo de venda e revenda e tem se destacado nesse aspecto. É que confirma Penido:

a diversidade de produtos e o preço acessível atraem sacoleiros e comerciantes de todo o país o que transformou a feira Hippie no maior centro aberto de comercialização da Região Centro-Oeste. Junto a isso dado também o numero de bancas que é de aproximadamente 8.000 ela pode ser considerada a maior feira da América Latina (2002, p.60).

Assim, a Feira Hippie é um “chamariz” na questão dos preços baixos, pois, apesar dos preços oscilarem a partir da oferta e da demanda, a facilidade, o volume de vendas e o custo baixo para manterem a bancas são propícios para um baixo preço nos produtos. Diferentemente da Feira do Cerrado na qual o valor das mercadorias é maior.

Os preços nesse tipo de atividade é relacionado à própria condição dos vendedores (SANTOS, 2004), já que o ganho nas vendas é mais uma forma de sobrevivência para alguns do que uma tentativa de lucro ou acumulação de dinheiro. “Se, em princípio, o lucro é o motor da atividade comercial, nos escalões inferiores do circuito inferior a maior preocupação é, antes de tudo, a sobrevivência. Poucos comerciantes podem pensar em termos de venda a preço de custo mais x%” (Santos, 2004, p.246).

Um outro aspecto que pode ser destacado nesse tipo de atividade é a pechincha, pois além dos preços baixos, a relação comprador e comerciante também é muito significativa e prevalece na maioria das vezes. Segundo Santos essa é também uma característica presente no circuito inferior: “Os preços no circuito inferior dependem, de um lado, das condições em que o comerciante é abastecido e, de outro, das formas de relações com sua clientela” (2004, p.248).

A pechincha na Feira Hippie ocorre tanto no comércio a varejo quanto no atacado. Vale ressaltar que quando a venda é feita no atacado o preço é diferente e mais barato, isso leva em conta o número de peças adquiridas pelo comprador. Já na Feira do Cerrado a comercialização é feita em sua maioria a varejo.

Logo a seguir podemos observar na tabela 06 o valor médio das peças vendidas na Feira Hippie e a tabela 07 referente ao valor das mercadorias na Feira do Cerrado.

**Tabela 06. Valor médio das peças - Feira Hippie.**

	Frequência	Porcentagem Válida
até 10 reais	5	27,8
11 a 30 reais	7	38,9
31 a 120 reais	3	16,7
acima de 120 reais	3	16,7
Total	18	100,0

**Fonte:** FERNANDES, C. A. Trabalho de campo jul/07.

Os preços de artesanato nesta feira variam entre 11 a 30 reais, com a frequência de 38,9%; fato que pode ser explicado por esta feira atender um público de baixo poder aquisitivo, mais popular e também se encontrar em lugar central e de fácil acesso, atraindo assim um maior número de pessoas e havendo um número maior de vendas.

**Tabela 07. Valor médio das peças - Feira do Cerrado.**

	Frequência	Porcentagem Válida
até 10 reais	2	8,0
11 a 30 reais	4	16,0
31 a 120 reais	11	44,0
acima de 120 reais	8	32,0
Total	25	100,0

**Fonte:** FERNANDES, C. A. Trabalho de campo jul/07.

Nota-se que na Feira do Cerrado possuem maior frequência os produtos que são vendidos em torno de 31 a 120 reais. Os valores são mais altos já que esta atende um público relativamente restrito e com maior poder aquisitivo. Ali vendem-se somente produtos artesanais e também situa-se em um setor nobre de Goiânia, atraindo assim, um público “seleto”. Os vendedores da feira do Cerrado seguem mais a lógica mercadológica de que um objeto vendido como *artesanato* deve ser mais valorizado, portanto mais caro.

### **III. ARTESANATO PARA O MERCADO: ASPECTOS ORGANIZACIONAIS DA REDE DE PRODUÇÃO DO ARTESANATO NAS FEIRAS HIPPIE E DO CERRADO**

Neste capítulo aprofundaremos as discussões referentes à produção do artesanato comercializado nas feiras Híppie e do Cerrado, através da análise da dimensão organizacional do seu processo produtivo. Toma-se como base Corrêa (2001) e seus estudos sobre redes, que procura entender como as novas formações capitalistas reorganizam as noções de espaço até então existentes, analisando como esta nova configuração territorial constrói novas dinâmicas urbanas, influenciando diretamente a vida das pessoas. Segundo o autor:

Os resultados de um processo de desenvolvimento capitalista que, longe de gerar uma tendência à homogeneização social e da organização espacial, acentua as diferenças entre os diversos segmentos da rede urbana brasileira, revelando, através da rede urbana, uma efetiva integração de parte da população ao sistema social e, simultaneamente, uma menor integração, senão exclusão, de parcela importante da população (2001, p.104).

Por isso, Corrêa propõe que a análise também seja feita por meio da rede geográfica, entendendo que esta é um conjunto de pontos interconectados materialmente e imaterialmente, onde aspectos econômicos e culturais se entrelaçam e se modificam, criando variadas formas de interconexões; assim, segundo o autor, “há em realidade, inúmeras e variadas redes que recobrem, de modo visível ou não, a superfície terrestre” (2001, p.107).

Como dissemos, neste trabalho tem-se como pressuposto que o espaço é coberto por redes geográficas e estas podem ser desvendadas pela consideração das dimensões organizacional, temporal e espacial propostas por Corrêa (2001). A dimensão organizacional se refere à configuração interna da rede bem como os elementos que a compõem. Já a dimensão temporal “envolve a duração da rede, a velocidade com que os fluxos nela se realizam, bem como a frequência com que a rede se estabelece” (2001, p.109) e “A escala, a forma e a conexão são as características que constituem a dimensão espacial da análise das redes geográficas” (CORRÊA, 2001, p.110).

Para nossa análise focaremos de forma especial a dimensão organizacional<sup>26</sup>, visto que esta dará respaldo ao melhor entendimento da produção do artesanato das

---

<sup>26</sup> Deve se ressaltar, no entanto, que não serão desvinculadas as categorias tempo e espaço: “os aspectos organizacionais não adquirem concreticidade se estiverem desvinculados do tempo e do espaço” (Corrêa, 2001, p.109).

feiras Hippie e do Cerrado. As variáveis principais que ajudarão na explicação da concretude dessas redes são: agentes sociais, origem, natureza dos fluxos, função, finalidade, existência, construção e conseguinte formalização e organicidade. Pensamos que estas variáveis são importantes para análise daquilo que Santos entende como elementos caracterizadores da produção no circuito inferior. Nos termos de Santos “A definição do setor de fabricação do circuito inferior deve ser buscada nas técnicas e nas **condições de organização** e de inserção da empresa na economia não moderna” (2004, p.202, grifos nossos).

O esquema proposto por Corrêa é demonstrado na próxima figura a qual também iremos aprofundar nos próximos tópicos.

**Figura 12. Quadro: Dimensão organizacional**

<b>Redes analisadas segundo</b>	<b>Especificação</b>	<b>Exemplo</b>	
<b>Dimensão organizacional</b>	Agentes sociais	Estado	Ministério da saúde, delegacia regional, posto de Saúde
		Empresas	Sede, fábricas, filiais de vendas, depósitos
		Instituições	Sé, Dioceses, paróquias católicas
		Grupos sociais	Sede, núcleo regional, equipe local de ONG
	Origem	Planejada	Diversas redes do estado e das corporações
		Espontânea	Mercados periódicos
	Natureza dos fluxos	Mercadorias	Matérias-primas, produtos industrializados
		Pessoas	Migrantes
		Informações	Decisões, ordens
	Função	Realização	Rede bancária
		Suporte	Rede de transmissão de energia
	Finalidade	Dominação	Rede de unidades de segurança dos estados totalitários
		Acumulação	Rede das grandes corporações
		Solidariedade	Rede de ONG ligada ao movimento popular
	Existência	Real	Cidades articuladas de fato via telefonia
		Virtual	Cidades potencialmente articuláveis via telefonia
	Construção	Material	Rede ferroviária
		Imaterial	Ligações entre cidades via TRANSDATA
	Formalização	Formal	Rede das grandes corporações

		Informal	Rede de contrabando e vendedores de rua
	Organicidade	Hierárquica complementaridade	Rede de lugares centrais Redes de centros especializados

Fonte: CORRÊA, 2001, p.111.

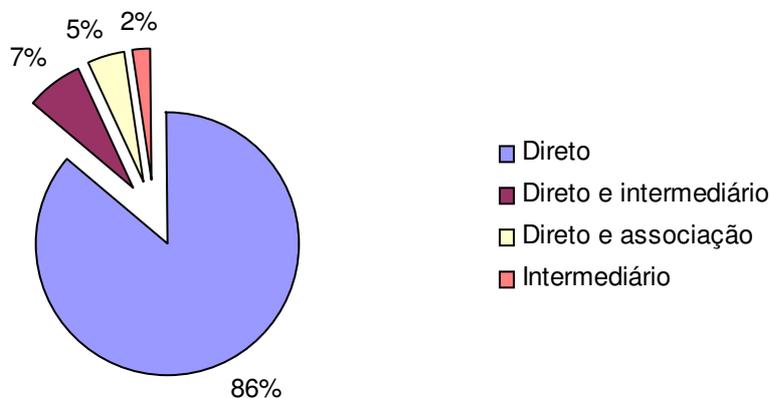
Vale ressaltar que aqui consideramos produção todo o processo pelo qual o artesão atravessa para chegar ao produto final. Podemos definir como fases deste processo os momentos de obtenção e tratamento da matéria-prima, técnicas utilizadas, organização do trabalho e as inspirações do artesão.

### 3.1 Agentes sociais:

As feiras Híppie e do Cerrado têm como principais agentes sociais os comerciantes, os artesãos, os ambulantes, os consumidores e o poder público que a freqüentam. Nesta parte do trabalho daremos ênfase aos agentes sociais responsáveis pela produção do artesanato, os artesãos. Observa-se a coincidência de que a comercialização destes também é feita pelos próprios artesãos com uma freqüência de 88%.

Em alguns casos, há venda de produtos próprios juntamente com os de outra pessoa, sendo que esse modo de comercialização direto e intermediário totaliza 7%. Isto é demonstrado na figura 13, referente aos dados de modo de comercialização na Feira Híppie e do Cerrado.

**Figura 13. Gráfico: Modo de comercialização – Feira Híppie e do Cerrado**



Fonte: FERNANDES, C. A. Trabalho de campo jul./07.

O modo de comercialização direto e intermediário é caracterizado por artesãos-feirantes que também vendem artesanato para parentes, ou são de artesãos-feirantes que oferecem a matéria-prima a outra pessoa e esta lhe repassa o produto acabado, negociando-se um valor apenas que pague a mão de obra do artesão, ficando o intermediário com liberdade de escolha do preço final de venda. Um exemplo disso foi notado em um relato de uma artesã: “Eu faço algumas e outras eu pago para fazer, dou o barbante, eu pago as peças e depois comercializo” (entrevista 01-06-2008). Isto acontece geralmente na produção de bordados e peças em tricô e crochê como por exemplo, panos de prato, caminhos de mesa, toalhas, tapetes e colchas.

Como mostram-nos os dados, há poucos artesãos/feirantes que procuram se associar em cooperativas ou associações, isso porque, segundo os entrevistados, não há muita vantagem nesse tipo de organização. Nota-se também que às vezes recorrem a trabalhos de terceiros na produção das peças na fase de acabamento. Por exemplo, na confecção dos bordados em pano de prato, o ponto cruz é feito pelo próprio artesão-feirante e outra pessoa faz o “bico” de crochê.

Na feira do Cerrado observa-se também que o expositor de doces, licores e conservas não é quem fabrica os produtos, assim como os feirantes das diversas barracas de comidas e picolés. Ele adquire os produtos de outros produtores e comercializa na feira. Segundo estes expositores, eles não produzem os doces porque é difícil ter licença na vigilância sanitária para produzir. Esse caso, por exemplo, burla o discurso comum dito na feira de que todos expositores são também os próprios produtores, que segundo os feirantes é o principal princípio do estatuto<sup>27</sup> que regulamenta a feira. No depoimento de um dos artesãos, que faz bonecos de jatobá e quadros com matéria orgânica do Cerrado, por exemplo, está presente essa preocupação:

tem o estatuto da feira, porque essa feira, é de gestão dos expositores então não tem nenhuma chance de entrar produto industrializado porque se não houver regra, senão houver norma, essa feira vai perde esse sentido bonito dela, essa feira vai vira uma atacadão de roupas e calçados, igual uma feira hippie, uma feira lua, uma feira do sol, igual uma feira comum, aqui na feira do Cerrado não, são tradições preservadas, cultura preservada.(entrevista 01-06-08)

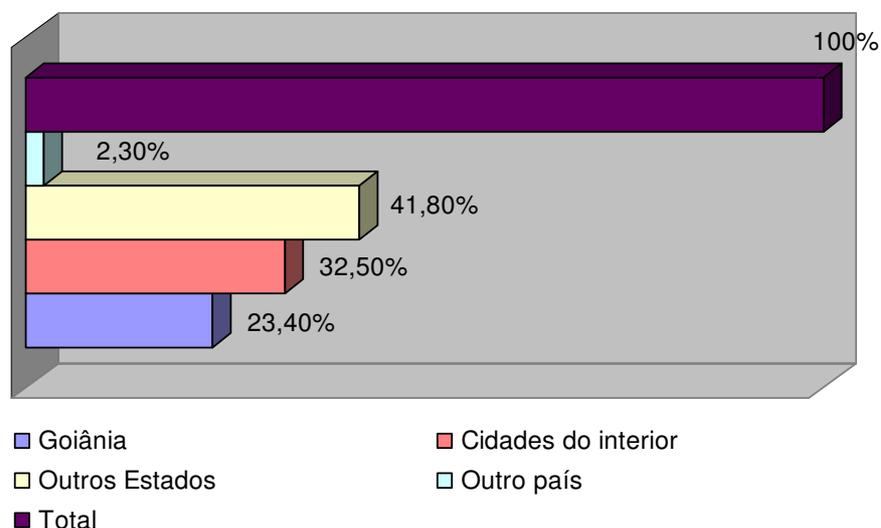
Como já foi destacado anteriormente, uma outra característica importante para se analisar o artesanato e as redes de produção é a procedência dos artesãos, representada

---

<sup>27</sup> O presidente da feira não disponibilizou o estatuto da feira para a pesquisa.

na figura 14. Esta categoria está diretamente relacionada ao artesanato e ligada ao modo como ele é produzido.

**Figura 14. Gráfico: Naturalidade dos artesãos - Feira hippie e do Cerrado**

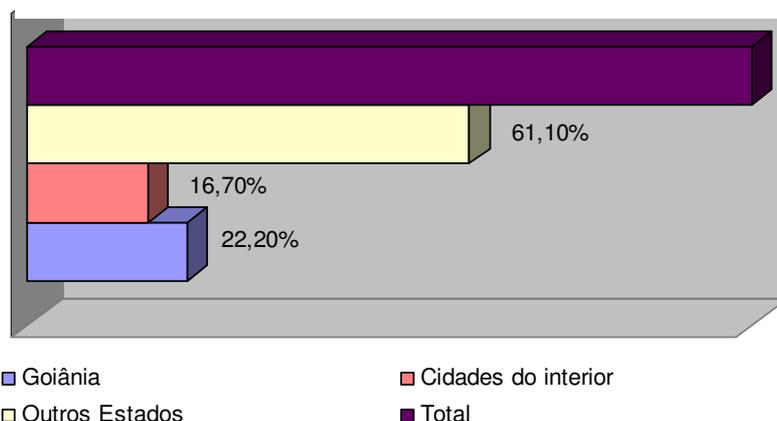


Fonte: FERNANDES, C.A.abril/07.

Nota-se que dos 43 entrevistados, a maioria é de outras cidades, principalmente de outros estados (41,8%). Devido a fatores como desemprego, informalidade e centralidade, Goiânia atrai pessoas que estão tendo dificuldades em se manter em suas cidades e não as identifica como locais onde a produção e a comercialização de seus produtos possam lograr êxito. Vale destacar que, no caso da produção de artesanato, esses migrantes trazem consigo aspectos da sua cultura de origem e, por mais que haja massificação, há embutido nesses objetos um saber, às vezes passado de geração em geração e carregado de simbologia da sua cidade de procedência.

Na Feira Hippie, como se nota na figura 15, há uma porcentagem maior de pessoas que nasceram em outros estados:

**Figura 15. Gráfico: Origem dos artesãos da Feira Hippie**



Fonte: FERNANDES, C.A.abril/07.

Isso pode ser ocasionado por Goiânia oferecer maiores oportunidades de trabalho do que outros centros que, por razões diversas, já não atraem tantos migrantes, o que favorece o surgimento de feiras e aumento da informalidade, inclusive na produção de mercadorias. Não se pode negar o fato de Goiânia ser uma das cidades com melhor qualidade de vida do Brasil, segundo um estudo feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), divulgado na folha de São Paulo em 2005 que demonstra o ranking das cidades com melhor qualidade de vida. Neste estudo, Goiânia ocupa o 6º lugar no ranking atrás de cidades como Palmas (5º); Belo Horizonte (4º); Curitiba (3º); Vitória (2º) e Brasília 1º lugar.

Um exemplo de um artesanato diferenciado trazido para Goiânia por um migrante é o artesanato feito em jatobá por um tocantinense na Feira Hippie, mostrado nas figuras 16 e 17. O artesão faz pequenos bonecos utilizando o fruto jatobá, madeira, arame, palha, barbante, coco babaçu e pequenos pedaços de pano. Esta técnica foi aprendida por ele há um ano, em uma associação de artesanato em Tocantins. Esse é um artesanato diferenciado na Feira Hippie, pois é totalmente manual e foge ao padrão dos outros artesanatos encontrados, que são ditados por alguma tendência da moda. Podemos encontrar esse mesmo tipo de artesanato também sendo comercializado na Feira do Cerrado, porém por outro artesão e com formatos e detalhes mais elaborados. É o que demonstram as figuras 18 e 19.



**Figura 16. Foto. Artesão ao lado de artesanato feito em jatobá - Feira Hippie**  
Fonte: FERNANDES, C.A.abril/07.



**Figura 17. Foto. Artesanato feito em Jatobá – Feira Hippie**  
Fonte: FERNANDES, C.A.abril/07.



**Figura 18. Foto. Artesanato feito em jatobá - Feira do Cerrado.**

Fonte: BRAGA, N. fev.08



**Figura 19. Foto. Artesanato feito em jatobá - Feira do Cerrado**

Fonte: BRAGA, N. fev.08

Percebe-se que os bonequinhos de jatobá da Feira do Cerrado são diferentes na pintura: são envernizados e mais coloridos. Há pessoas nesta feira que até dizem que os bonecos de jatobá da Feira do Cerrado foram copiados do artesão da Feira Hippie; ao que próprio replica. Segundo aquele artesão (em primeira entrevista na Feira do Sol em jul.2007) a técnica foi aprendida em um curso na igreja de São Pedro, aqui de Goiânia, e se aperfeiçou com cursos realizados pelo Sebrae. Já em junho de 2008, quando entrevistado novamente na Feira do Cerrado, este se disse autodidata<sup>28</sup> e que aprendeu sozinho a fazer os bonecos de jatobá. A diferença dos dois artesanatos vai além do trato e acabamento das peças. A diferença está na motivação e recursos de cada artesão.

O artesão da Feira Hippie teve muitas dificuldades na comercialização, por isso em 2008 não estava mais expondo na feira. Em abril de 2007, estava há dois meses na Feira e não conseguiu um espaço fixo. Há alguns lugares que são “demarcados”<sup>29</sup>, por isso cada dia estava em um lugar, já que tinha chegado há pouco tempo na feira. Segundo o artesão “as pessoas até compram porque acham interessante e diferente, mas como cada dia eu estou em lugar muitas pessoas me procuram e não acham, daí perco vendas” (abril, 2007). Essa atividade na feira era a principal fonte de renda do artesão, que “aproveitou” seu saber-fazer para conseguir sobreviver, porém como as vendas eram poucas e não possuía um lugar fixo, acredita-se que por isso acabou desistindo das

<sup>28</sup> Autodidata: Que ou quem aprendeu ou aprende por si, sem auxílio de professores.

<sup>29</sup> Nos espaços destinados ao artesanato na feira, os lugares ainda não são demarcados e regulamentados, cada um expõe onde quer ou onde está vazio, porém alguns feirantes se apropriaram de alguns lugares e se estabeleceram e, quando um outro feirante novo ou “desavisado” chega e expõe em um espaço de outro, logo tem que sair e encontrar outro lugar vazio.

vendas ou arrumou outro emprego que lhe garantisse sua sobrevivência. Vale ressaltar que na entrevista ele demonstrava desmotivação devido às poucas vendas.

Já o artesanato da Feira do Cerrado é mais divulgado, mais elaborado, tem mais destaque, pois os artesãos são mais orientados, têm melhores condições de espaços<sup>30</sup> e venda. O Sebrae é também um dinamizador desse processo, já que este tem parceria e é um dos criadores da feira. Esta entidade constantemente orienta e ensina muitas técnicas de divulgação<sup>31</sup> das peças, principalmente direcionadas a marketing pessoal e dos produtos. Isso acontece através de cursos e palestras e por isso o artesão também sabe lidar mais com as pessoas, sabe vender o produto e consegue vender mais.

Como parte da pesquisa de campo foi observada uma dessas palestras promovidas pelo Sebrae voltada exclusivamente para artesãos-feirantes de Goiânia. A palestrante, Malba Aguiar<sup>32</sup>, no início de sua fala deixa claro que a palestra é para quem faz artesanato para comercializar. Para aqueles que não fazem por lazer, para usar, ou para educar. Pois, segundo ela “as feiras que surgem com intuito de vender somente artesanato são voltadas para o mercado, artesão empreendedor sem amadorismo”.

Um dos objetivos segundo a palestrante era de estimular e resgatar o desenvolvimento do setor artesanal com ações de conscientização do que é artesanato com planos e estratégias para a inserção do artesanato no mercado e como auferir maiores lucros. Ou seja, planos para entender e trabalhar no mercado.

Um dos planos propostos é de que deve haver melhoria na qualidade e durabilidade das peças, pois o cliente é mais consciente e exigente e quer uma peça que dure e resista a traças, por exemplo. Uma das sugestões também dadas é a criação de folders e catálogos para a divulgação dos produtos. É nítida, portanto, a preocupação empresarial da palestrante, frases como: “Se não vende pra que fazer?”, “Se o seu artesanato não tem história, crie uma!”, “Mercado e artesanato caminhando juntos!” eram comuns na fala da palestrante. Quando vamos a Feira do Cerrado podemos notar a interferência desses aspectos no discurso dos artesãos. Como é o caso do artesão ao falar da produção de bonequinhos de jatobá:

---

<sup>30</sup> Na Feira do Cerrado, cada artesão paga 20 reais por domingo para possuir um espaço fixo delimitado e uma banca montada.

<sup>31</sup> A divulgação é feita em feiras e eventos também promovidos pelo Sebrae que os artesãos feirantes participam, como por exemplo, a feira de artesanato mundial (anual) que ocorre no Shopping Flamboyant na qual a Feira do Cerrado tem um stand para exposição de seus produtos.

<sup>32</sup> Malba Aguiar, consultora do SEBRAE, especialista em artesanato e design.

sou eu que pego no cerrado, tiro a polpa e a semente, trato a casca para não dar problema com caruncho, dá envernizada para tornar um bem durável igual os quadros, a moldura é uma madeira velha que dá pra ver até onde os bichinhos passavam e andavam, tudo é tratado antes para não dá problema de inseto, na casa do cliente, depois da peça pronta ainda leva mais três camadas de verniz para dar uma impermeabilizar para tornar um bem durável (entrevista 01-06-2008).

Um outro aspecto importante a se considerar é o perfil desses artesãos, dos 43 entrevistados 24 eram mulheres e 19 homens. Nota-se também a partir da tabela seguinte que a maioria dos artesãos tem idade acima 39 anos. Isso pode estar relacionado à questão da produção dos objetos ser um saber fazer tradicional e por estas pessoas tentarem complementar a renda com essa atividade.

**Tabela 08. Idade dos artesãos - Feira Hippie e Feira do Cerrado**

	Frequência	Porcentagem Válida
acima de 59 anos	7	16,3
de 49 e 58 anos	10	23,3
de 39 a 57 anos	11	25,6
abaixo de 39 anos	15	34,9
Total	43	100,0

**Fonte:** FERNANDES, C.A. Trabalho de Campo jul./2007.

Um outro agente social que está presente nessa rede é o poder público, mais precisamente a prefeitura. Segundo o código de postura do município para a instalação de circos, teatros de arena, parques de diversões, pavilhões e feiras é necessária a prévia licença do órgão próprio da Prefeitura, mediante requerimento do interessado, a localização e o funcionamento. O decreto nº. 2834 de 30 de julho de 2001, artigo 16, institui esse órgão próprio como sendo o Conselho Gestor<sup>33</sup> para as feiras livres e

<sup>33</sup> Os próximos artigos demonstram a composição e atribuições do Conselho Gestor:

Art. 4º O conselho gestor instituído em cada feira livre e especial no município de Goiânia será composto na seguinte proporção: I- 35% de moradores, comunidade do setor bairro onde se realiza a feira e respectiva suplência;

II- 35% de feirantes titulares da concessão pública da feira livre ou especial, e respectiva suplência;

III- 30% por servidor da SEDEM e respectiva suplência.

Art. 12. São atribuições do conselho diretor de feiras livres e especiais do município de Goiânia, entre outras:

a) Estar presente na feira livre e/ou especial onde representa em local destinado pela SEDEM ao Conselho Gestor;

b) Fixar junto com a SEDEM, as diretrizes gerais para o bom funcionamento da feira e/ou espaço onde se realiza a feira;

c) Fornecer apoio material e estratégico, como estímulo ao bom funcionamento da feira;

d) Divulgar junto aos feirantes e comunidade circunvizinha à feira, as normas de funcionamento das feiras livres e especiais, bem como dos estabelecimentos constantes em decreto nº. 2.834, 30 de julho de 2001;

especiais. Segundo o Artigo 2º do mesmo decreto o conselho gestor instituído é a instância colegiada de caráter permanente que, juntamente com a Secretaria de desenvolvimento – SEDEM-, desenvolverá ações de coordenação e organização das feiras livres e especiais, bem como do mercado aberto e Cepal.

É comum, por exemplo, na Feira Hippie, agentes da fiscalização urbana juntamente com a polícia militar fazerem a apreensão de mercadorias de feirantes em locais inadequados e não permitidos.

No caso da Feira do Cerrado, os artesãos são os próprios gestores da feira. Um dos expositores é o coordenador da feira. Para expor nessa feira não é necessário pagar taxa para a prefeitura, pois esta não a fiscaliza. É cobrada apenas uma taxa de 20,00 reais para a concessão da banca. Se o poder público regulariza o espaço de venda, não encontramos uma legislação específica para o espaço de produção do artesanato, o que facilita sua informalidade e constituição como locais refuncionalizados dentro da própria casa ou em outro ambiente, como discutiremos a seguir.

### **3.2 Origem:**

Goiânia tem sido alvo de políticas públicas municipais para conter a formação de espaços não planejados, construções e descaracterizações do planejamento inicial. Como ela foi desenvolvida, como outras cidades, a partir de um plano urbanístico, devido ao crescimento demográfico e expansão urbana exarcebados nota-se um aumento do número de feiras e espaços informais, por exemplo. Há espaços em Goiânia que foram planejados para tal fim, de origem planejada, como o Mercado Aberto da Paranaíba, e outros que surgem devido à expansão do fenômeno da informalidade como é o caso dos ambulantes da rua 44 em torno da Feira Hippie.

Esse comércio formal e vários outros empreendedores então se aproveitam da movimentação que as feiras proporcionam e criam galerias com pequenos boxes, espaços para eventos e stands que são muitas vezes voltados exclusivamente para os proprietários de bancas das feiras livres como mais uma chance de comercializar seus

---

e) Zelar pelo cumprimento integral das obrigações do feirante, conforme o decreto nº. 2.834, de 30 de julho de 2001;

f) Zelar e estimular a conservação e limpeza do local de funcionamento das feiras;

g) Promover atividades educativas, como cursos, palestras, etc., com perspectivas de ampliar o conhecimento e qualificação do feirante.

produtos nos demais dias da semana. A título de exemplo tem-se a galeria popular Shopping Hippie, que funciona na Avenida Independência ao lado da Praça do Trabalhador.

Podemos afirmar que uma das feiras tem origem espontânea, como é o caso da Feira Hippie derivada, como já dito, de um grupo de hippies. Igualmente suas dimensões atuais são espontâneas, apesar do poder público via de regra tentar organizar e planejar mudanças para controlar o aumento da feira e de seu espaço. A feira do Cerrado é de origem planejada, pela fundação pró-Cerrado e tem limitações e demarcações planejadas.

A preocupação primordial nessas questões é que com aumento de locais de vendas há também o aumento da produtividade para suprir as demandas dos consumidores. Dissemos, amiúde, que o aumento da produtividade faz com que as peças sejam modificadas, pois além destas serem produzidas em série, há o auxílio de máquinas no processo produtivo. É necessário aumentar a produtividade também para que haja peças suficientes para vender em todas as feiras que o artesão comercializa, dado que a maioria dos artesãos expõe em mais de uma feira<sup>34</sup>. É o caso relatado por exemplo, por artesão na Feira do Cerrado, que faz peças em argila, sendo terceirizada parte da produção, no caso a queima da cerâmica, para facilitar e agilizar o processo de produção, já que essa parte do processo é um trabalho dispendioso. Assim, se os mercados periódicos, como observa Corrêa, 2001, têm origem, na maioria das vezes, espontânea, a partir do momento em que são perpetuados pela tradição e inércia, há a preocupação de que a produção do que ali se vende torne-se cada vez mais planejada, satisfazendo os tipos de consumidores, a moda e as políticas públicas de gestão e controle, o que influencia no modo como estes espaços de produção se inserem no contexto urbano, o que se materializa, por exemplo, na capacidade dos produtores criarem, adaptarem e/ou refuncionalizarem locais para este fim.

### **3.3 Natureza dos fluxos:**

Com relação à natureza dos fluxos, na tabela abaixo notamos os dados referentes aos principais locais de compra da matéria-prima, já que esta é uma importante variável para saber em quais redes de produção o artesanato pesquisado está inserido:

---

<sup>34</sup> Ver mais sobre isso no capítulo 2.

**Tabela 09. Local de compra da matéria-prima – Feira Hippie e Feira do Cerrado**

<b>Categorias</b>	<b>Respostas</b>	<b>% respostas válidas</b>
<b>Campinas</b>	11	26,2
<b>Centro</b>	7	16,7
<b>Cidades do interior</b>	4	9,5
<b>Outros Estados</b>	8	19,0
<b>Setor Novo Mundo</b>	4	9,5
<b>Setor Rodoviário</b>	1	2,4
<b>Cidade Jardim</b>	2	4,8
<b>Setor Coimbra</b>	1	2,4
<b>Ceasa</b>	2	4,8
<b>Outros</b>	2	4,8
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100,0</b>
<b>4 casos não válidos</b>		
<b>42 casos válidos</b>		
*questões de múltipla escolha		
* outros equivale a matéria-prima não comprada, mas sim cedida por outros		
<b>Fonte:</b> FERNANDES, C. A. Trabalho de campo jul/07.		

Verifica-se nesta tabela que o principal local de compra da matéria-prima é o Setor de Campinas, que responde por 26% dos locais de compras feitas pelos artesãos. Isso pode ser explicado pela concentração de diversas lojas de atacadistas e serviços que são úteis aos produtores; pelo fácil acesso e pelo preço das mercadorias. Campinas é uma centralidade, levando em consideração que há uma concentração de atividades comerciais, bem como infra-estrutura e acesso adequado. Vale ressaltar que este setor possui característica de pólo comercial desde o surgimento de Goiânia. É o que comenta Campos:

Ocorreu que nos primórdios de Goiânia as empresas de comércio atacadista, grandes armazéns, pequenas indústrias de transformação, frigoríficos estabeleceram-se preferencialmente no bairro de Campinas (...). Aberta a Avenida Amazonas, hoje Anhanguera, ao longo dela instalaram-se casas especializadas e artigos de couro (...), produtos e implementos agrícolas (...), cujo ramo vem se diversificando de maneira sempre surpreendente, dando ao bairro aspecto tipicamente comercial (1985, p. 54).

No que diz respeito às lojas que comercializam matéria-prima para artesanato estas variam desde a venda de sementes e frutos de diversas plantas a miçangas e linhas de diversas cores. A matéria prima utilizada pelos artesãos é bem diversa como constatamos nos questionários aplicados: Frutas e frutos do cerrado, sementes, sementes de açaí, fibras, buriti, cabaça, toco de árvore, folhas, capim dourado, palha de bananeira, palha de milho, bambu, bambu cana da índia, cabaça, cedrinho, tamboriru, flamboyant, vupuruvu, tilica, pau brasil, coco babaçu, jatobá, pedras, penas, fibra de coco, areias coloridas, argila, cristais, borracha, couro, papel, garrafa pet, cola, copinho de iogurte, espiral para caderno, papel, fivelas, madeira maciça (pinos), MDF, molduras, barbante, lã, linha de algodão e de seda, barbante de bacalhau, tecido, manta acrílica, lã, malha, botões, estopa, pano, espuma, algodão cru, tinta a óleo, tinta acrílica, soda, cal, verniz, porcelana fria, vidro, esmaltes, cerâmica, azulejos, biscuit, flores de plástico, vasos, lantejoulas, miçangas, pedrarias, bijuterias, peças de resina, arames inox entre outros.

Cerca de 16,7 % dos artesãos compram matéria-prima no Centro, isso também pela centralidade característica do setor e também por ali, nas ruas 2 e 3, se encontrarem lojas de armarinhos, costura e bijuterias que também oferecerem cursos de aprendizagem e aperfeiçoamento de artesanato.

É comum também os artesãos comprarem a matéria-prima em outras cidades ou estados. Cerca de 19% buscam em outros estados e 9,5% em cidades do interior totalizando, nesta categoria, um percentual de 28,5%. Isso acontece devido aos artesãos encontrarem as mercadorias a menor custo fora de Goiânia e também por estes serem, em alguns casos, seus locais de origem e aprendizado da técnica artesanal. Observa-se então que as feiras, na etapa de produção do artesanato, produzem interações espaciais que ultrapassam as fronteiras da cidade, estabelecendo conexões horizontais não só intra-urbanas.

Uma outra forma de obtenção da matéria-prima é a retirada do material diretamente na natureza. O artesão coleta a matéria-prima em fazendas nos arredores de Goiânia ou na região Metropolitana (fazenda própria ou de amigos), ou até mesmo em seu próprio quintal. Isso acontece quando o artesanato é feito principalmente de materiais naturais como cascas de árvores, barro, sementes, palhas, folhas e frutos diversos. O custo e o acesso para o artesão, nesse caso, são menores, dado que diversos

desses materiais podem ser encontrados na vegetação de Cerrado na qual Goiás está inserido, como demonstra a figura 20.



**Figura 20. Foto: artesanato em casca de árvore – Feira do Cerrado**

Fonte: BRAGA, N. fev.08

Há também aqueles que utilizam material reciclado na produção das peças e por isso não possuem muitos gastos na obtenção da matéria-prima, pois reutilizam o que tem em suas próprias casas ou recebem doações de amigos e vizinhos.

Em decorrência da diversidade de matéria-prima e técnicas utilizadas na produção do artesanato é comum encontrar uma variedade de artesanatos nas feiras Híppie e do Cerrado. Podem ser encontrados objetos que variam desde doces, brinquedos, bijuterias, bolsas a instrumentos musicais.

Nos questionários estabelecemos 5 categorias – acessórios e peças de vestuário; móveis/utilidades domésticas; objetos de decoração; brinquedos e outros (doces, instrumentos musicais) - para classificar os tipos de artesanatos encontrados. Esta classificação é útil para agrupar os artesanatos de acordo com sua funcionalidade e baseiam-se em características semelhantes tanto na técnica utilizada quanto na utilização da matéria-prima. O que se nota é uma maior diversidade de produtos e maior visibilidade na Feira do Cerrado, justamente por esta ser exclusiva de venda de artesanato, característica que a Feira Híppie perdeu dada à inserção de produtos industrializados.

A tabela seguinte demonstra a quantidade de artesanato encontrado nas duas feiras:

**Tabela 10. Tipos de artesanatos-Feira Hippie e Feira do Cerrado**

<b>Categorias</b>	<b>Quantidade*<sup>1</sup></b>	<b>Respostas %</b>
<b>Acessórios e peças de vestuário</b>	12	27,9
<b>Móveis/utilidades domésticas</b>	10	23,2
<b>Objetos de decoração</b>	22	51,1
<b>Brinquedos</b>	4	9,3
<b>Outros</b>	3	6,9
<b>Total de questionários</b>	43	
* <sup>1</sup> questões de múltipla escolha		
Fonte: FERNANDES, C. A. Trabalho de campo, jul/2007.		

Esta questão era de múltipla escolha, pois é comum um artesão-feirante vender mais de um tipo de artesanato por banca. A Feira do Cerrado, apesar de ser menor em extensão do que a Feira Hippie, teve mais bancas estudadas pelo fato de que nela aglomera-se uma maior variedade de objetos artesanais e há utilização de materiais diversificados para a construção do mesmo objeto. Isto fica claro, por exemplo, na construção de colares, em que para a fabricação é utilizada matéria-prima natural e industrial, como sementes, vidro, miçangas e linha de algodão, sendo que na Feira Hippie havia apenas colares construídos de sementes e miçangas.

Nota-se que a frequência de objetos de decoração nas duas feiras é maior, 51,1% dos artesanatos, e objetos como brinquedos têm menor frequência cerca de 9,3%. A categoria “outros” que engloba objetos como doces, sabonetes e instrumentos musicais só aparece na Feira do Cerrado. Na Feira do Cerrado também podemos encontrar picolés, sucos e comidas caseiras típicas de Goiás e de elementos naturais do cerrado, pois a comercialização destes produtos também vai de encontro ao objetivo precípua da feira - preservar o saber tradicional e elementos da cultura goiana.

Os principais objetos de decoração encontrados são: quadros à óleo ou em acrílico, esculturas em gesso, argila ou madeira, oratórios em madeira, móveis, imãs de geladeira, porta retratos de madeira ou vidro, mago em miniatura, mini jardins, peças para centro de mesa em vidro, bonecos feitos em jatobá, azulejos pintados, estátuas em gesso, relógios para parede em vidro, miniaturas de ofícios como tear e máquina de

costura, carro de boi em miniatura, cangas pintadas à mão, tapetes feitos em tear, cabaças pintadas, santos em madeira, mensageiros do vento, arranjos de flores, caixas de presentes e vasos decorativos.

Os acessórios e peças de vestuário são o segundo tipo de artesanato mais encontrado nas duas feiras, totalizando 27,9 % das bancas entrevistadas. Os mais encontrados são: bolsas - em técnicas de crochê ou macramé, feitos de madeira, tecido ou barbante-, chapéu, cintos e tiaras de crochê, colares, pulseiras, brincos, anéis - em sementes ou miçangas-, pingente de pedras, relógios, faixa, gorro, boina, cartucheira, flor de cabelo em crochê, pentes, chinelos e sandálias em couro e cangas pintadas à mão.

Os móveis e utilidades domésticas perfazem 23,2% do total. São encontrados móveis em bambu, porta chaves, porta trecos, potes, espelhos, tapetes em barbante e retalhos, passarelas, caminhos de mesa, forros de sofá, almofadas, colchas de retalho, porta retratos, porta recado, porta incenso, jogos de cama, mesa e banho bordados e feitos em crochê. A variedade de materiais utilizados em cada categoria ratifica a ampla gama de fluxos materiais e a necessidade de conexões horizontais, ou seja, interações espaciais, diversas na etapa produtiva.

### **3.4 Finalidade:**

Para Marx qualquer ato de trabalho é uma “atividade produtiva de um determinado tipo, que visa a um objetivo determinado” (1999, p.211), assim todo trabalho tem como finalidade principal a reprodução da vida material ou a sobrevivência, já que em tempos de capitalismo esse é um meio, uma necessidade para sobreviver. A mercadoria assim possui um valor de uso e um valor de troca já que é embutida de valor e objetividade para quem a produz.

No caso do artesanato não é diferente, a finalidade da venda e da produção para a maioria dos artesãos feirantes é a sobrevivência. Buscam na venda do artesanato sustentar suas famílias e sobreviver.

Santos também reflete sobre isto:

Os pequenos ofícios, em geral, foram considerados mais como ‘coberturas de um parasitismo social’ (...). Na realidade, não há parasitismo, mas esforço desesperado para subsistir, adaptando-se totalmente às condições, cuja causa deve ser procurada na organização da economia em todos os níveis (2004,

p.203).

A tabela abaixo demonstra há quanto tempo os artesãos pesquisados trabalham e/ou fazem artesanato:

**Tabela 11. Há quanto tempo trabalha e/ou faz artesanato**

	Frequência	Porcentagem válida (%)
menos de 1 ano	3	7,5
de 1 a 5	14	35,0
de 6 a 10	8	20,0
de 11 a 15	4	10,0
de 16 a 20	3	7,5
21 a 25	4	10,0
26 a 30	1	2,5
mais de 30	3	7,5
Total	40	100,0
Casos inválidos	3	
Total de questionários	43	

**Fonte:** FERNANDES, C.A. Trabalho de campo, jul./2007.

Se agruparmos a frequência de alguns dados percebemos que cerca de 57,5% dos artesãos possuem mais de 6 anos que estão neste trabalho, o que demonstra que, apesar de ser um mercado difícil de se obter muitos lucros, eles ainda persistem nesse ofício. Talvez por ser a única possibilidade de se inserirem no mercado de trabalho ou porque para muitos artesãos este é um saber-fazer aprendido com os pais e/ou familiares ou pessoas próximas. Para alguns é um tipo de trabalho que além de lhe gerar renda lhes dá prazer.

Uma outra variável a ser analisada é a questão do mercado, já que este está em expansão, como já dito, devido ao grande número de lojas e de feiras com objetivo precípuo de venda de peças artesanais e a grande procura por parte dos consumidores por tais objetos. Segundo Alegre, “pode se encontrar uma incrível variedade de objetos feitos artesanalmente, que se espalham pelas calçadas e praças do interior e dos povoados à beira-mar, distribuindo-se em feiras e mercados regionais” (1994, p.19). Esse crescimento da demanda e da procura faz com que não só pessoas com “talento” se aventurem nesse mercado e sim pessoas que vêm nisso uma saída para o desemprego e um meio de gerar renda. Nesse caso, na maioria das vezes, o artesanato produzido também é diferenciado, já que é feito em série, em grande escala, com novas

tecnologias, sem significação identitária. É o caso do artesanato pataxó, já citado em nota no capítulo 1.

### **3.5 Existência:**

O artesanato encontrado nas feiras Híppie e do Cerrado geralmente é produzido pelos artesãos em suas próprias casas. Cerca 15,6 % dos artesãos entrevistados destacam que possuem ateliê e que lá também se comercializam alguns objetos. Muitos dizem ter um “quartinho”, um lugar reservado e improvisado dentro da própria casa para a produção das peças, já que “As pequenas atividades têm necessidade de pouco espaço e podem até ser alojadas nas casas dos agentes” (SANTOS, 2004, p.212).

Nesses espaços não é comum a presença de visitantes devido ser um lugar mais de trabalho, separado de suas casas, no qual guardam e organizam suas peças.

Percebe-se também que a maioria dos artesãos entrevistados não possui um local fixo ou um ateliê para a produção do artesanato, principalmente aqueles que exercem uma outra atividade profissional, dado que é nas horas vagas que costumam fazer o artesanato. Sendo assim, o espaço privado acaba se tornando espaço de produção. Muitos assistem TV e fazem as atividades domésticas juntamente com a produção das peças. Isso porque segundo Santos:

Em casa o trabalho pode se prolongar por longos horários, prática muito corrente no circuito inferior (...) Esses longos horários podem ser exigidos pelo caráter sazonal da própria atividade ou das atividades que estão ligadas a ela. Mas podem exprimir também a necessidade de aumentar a renda, principalmente quando os lucros não são elevados (2004, p.217).

Há também aqueles que produzem algumas peças nas próprias feiras, aproveitando o tempo livre entre uma venda e outra, como mostra as figuras 21 e 22. Percebe-se, portanto, que não há uma divisão propriamente dita entre os momentos de produção e os de venda, sendo que, juntamente com os produtos a serem demonstrados e vendidos, os artesãos levam consigo alguns dos instrumentos de trabalho e insumos. A elaboração de artesanato durante os momentos de venda serve, às vezes, até para convencer o cliente a levar uma peça.



**Figura 21. Foto Artesão fazendo peça na Feira do Cerrado**  
Fonte: BRAGA, N. fev.08



**Figura 22. Foto Artesã fazendo peça na Feira Híppie**  
Fonte: FERNANDES, C.A. abr. 07

Um dos artesãos que faz peças em argila da Feira do Cerrado concorda com essa posição e diz que:

comercializo e mostro o trabalho, eu penso que por ser uma feira diferenciada, uma feira de artesanato, uma feira onde as tradições serão preservadas, que é o slogan da Feira do Cerrado, eu vejo vantagem em produzir porque as pessoas não conhecem o processo artesanal, vendo o processo valoriza até mais o trabalho, entende como vai fazer, que vai seca, que vai queima e a partir do momento que vai vendo o processo entende que às vezes acontece imprevistos no processo de produção com isso a própria pessoa que vai compra sensibiliza com a produção do artista (entrevista dia 1-06-08)

### **3.6 Construção:**

A construção das redes de produção do artesanato envolve fluxos de mercadorias, pessoas e informações, os quais articulam a capital, o interior do estado e outras regiões.

A construção material desta rede é demonstrada ainda na relação que os produtores mantêm com o maquinário. Tupia (máquina de fazer molduras), pirográfos e máquinas de costura, morsa ou torno de bancada são alguns exemplos e a maioria delas destina-se ao acabamento das peças. Outras ferramentas auxiliares também são

utilizadas, como furadeiras, alicates, palitos, facas e ferramentas de marcenaria. Muitas ferramentas são improvisadas para ajudar na confecção das peças. É comum eles reaproveitarem diversos objetos, como por exemplo, motores de tanquinho como lixadores de madeira. É o que também explica Santos “Muitos utensílios comerciais e domésticos são produtos de recuperações e a vida de uma peça, aparelho ou motor pode ser prolongada pela engenhosidade dos artesãos” (2004, p.199).

Conforme já dissemos, em virtude disto o trabalho se torna simplificado, interferindo diretamente no sentido e significado da produção. Desta forma, a habilidade e criatividade do artesão nem sempre são determinantes neste tipo de atividade. Vale lembrar que há técnicas na produção que também agilizam o processo e fazem com que artesão produza mais peças. Este tipo de técnica é utilizada pelo fato de que a inserção no mercado faz com que o ganho de tempo e a padronização dos produtos seja fator essencial para a obtenção de lucros, uma vez que propiciam maior produtividade.

Em uma radicalização desta lógica, há “artesanatos” onde a predominância do trabalho está na ação das máquinas. Dentre os questionários aplicados há dois casos como este na Feira Hippie e um na Feira do Cerrado. Vale ressaltar que a pesquisa foi feita na área destinada ao artesanato e a escolha dos entrevistados foi aleatória.

No caso da Feira Hippie o “artesanato” que não é feito manualmente são caixas, baús, mesas, abajur, cadeiras, porta batom e porta-jóias feitos em madeira MDF<sup>35</sup>. Estes são produzidos de forma industrializada com máquinas como desempenadeira, desfibrador, lixadeira e furadeira, sendo que só a montagem final das peças é feita manualmente. Vale ressaltar que esses artigos são vendidos para outros artesãos e se tornam matéria-prima de outros artesanatos, já que são acrescentados a eles pinturas, tecidos e acabamento final para também serem comercializados. Na Feira do Cerrado são comercializados pilões em madeira (artesanato utilitário e decorativo) feitos industrialmente com a utilização, por exemplo, de máquinas de torno na sua produção.

---

<sup>35</sup> MDF: Medium-density fiberboard é um material derivado da madeira. Em português a designação correta é placa de fibra de madeira de média densidade. Ele é fabricado através da aglutinação de fibras de madeira com resinas sintéticas e outros aditivos. É um produto relativamente recente foi fabricado pela primeira vez no início dos anos 60 nos Estados Unidos. Em meados da década de 70, chegou a Europa, quando passou a ser produzido na antiga República Democrática Alemã e, posteriormente (1977), foi introduzido na Europa Ocidental através da Espanha. No Brasil, a primeira indústria iniciou sua produção no segundo semestre de 1997. É utilizado principalmente na indústria de móveis. Na construção civil pode ser utilizado como pisos finos, rodapés, almofadas de portas, divisórias, portas usinadas, batentes, balaústres e peças torneadas. Na indústria gráfica ela também é utilizada para confecção de facas para estampas em materiais diversos. Fonte: Disponível em <http://www.fimatmadeiras.com.br/> acesso em mar/2008.



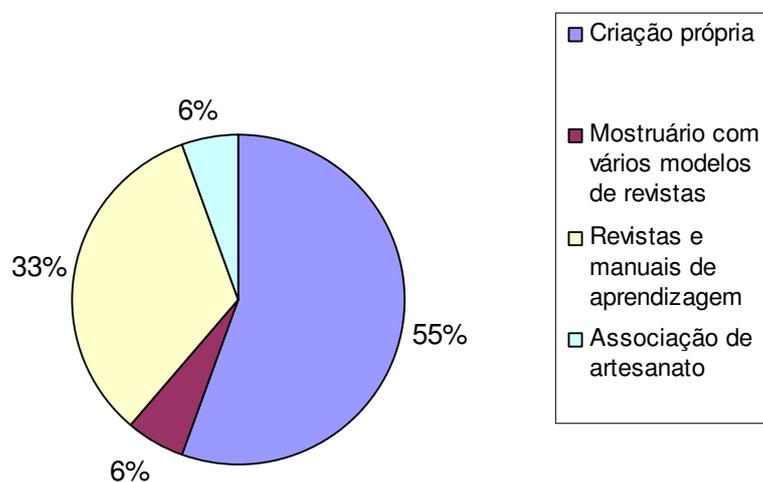
**Figura 23. Foto Pilões em madeira – Feira do Cerrado**

Fonte: BRAGA, N. fev.08

Apesar de ser em pequena quantidade a produção é toda feita industrialmente contrariando, por exemplo, o estatuto da feira e o discurso dos vários artesãos de que ali não há produtos totalmente industrializados.

Uma outra característica que podemos analisar nos artesanatos das feiras Híppie e do Cerrado refere-se aos moldes ou modelos que geralmente os artesãos seguem para fazer as peças, os quais também expressam a dimensão material de sua construção.

**Figura 24. Gráfico: Modelos ou moldes para fazer as peças Feira Híppie e do Cerrado**



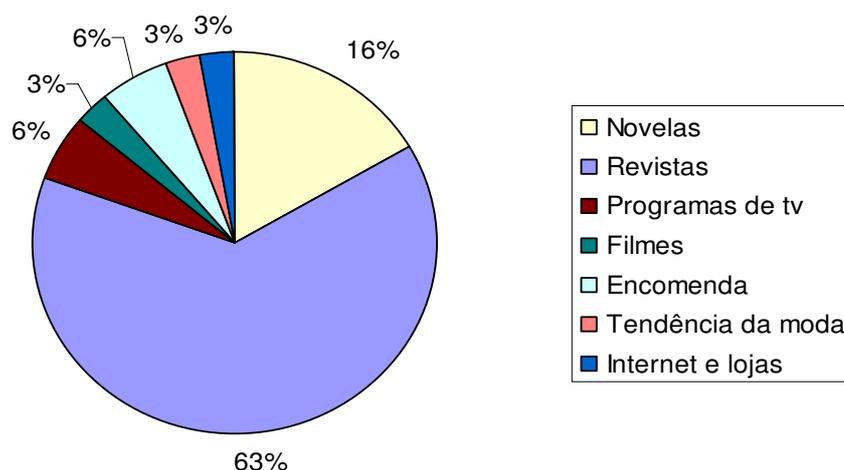
Fonte: FERNANDES, C. A. Trabalho de campo jul/07.

De acordo com a figura 24 a maioria dos artesãos, aproximadamente 55%, cria seus próprios moldes ou modelos para a produção dos objetos. Na Feira do Cerrado,

isso ocorre com maior frequência, pois 88% dos artesãos feirantes responderam que o artesanato produzido é criação própria. Isso porque esta feira surgiu com o intuito de valorizar o artesanato e o saber fazer tradicional. Por isso características tais como rústico, tradicional, produção totalmente artesanal, peças que não tem interferência e não seguem a lógica do mercado são primordiais para que a feira tenha êxito e cumpra o papel social a que se propõe desde sua fundação.

É significativo também o percentual de 33 % relativo aos artesãos que utilizam revistas e manuais de aprendizagem para confecção dos artesanatos. Essas revistas, no entanto, não são somente utilizadas como moldes ou modelos na produção do artesanato, mas também como fonte de inspiração para a maioria dos artesãos. É o que demonstra a figura 25,

**Figura 25. Gráfico: Inspirações para fazer as peças  
Feira Hippie e do Cerrado**



**Fonte:** FERNANDES, C.A. Trabalho de Campo jul/07.

Percebe-se que 63% dos artesãos, nas duas feiras, utilizam revistas de moda e de artesanato na produção. Estas revistas possuem notícias relativas às tendências da moda e do mercado e que são úteis para a produção e comercialização. Com esse mesmo intuito é que eles também buscam inspiração nas novelas, cerca de 16%, programas de tv (como por exemplo Ana Maria Braga), cerca de 6%, e filmes, aproximadamente 3% dos artesãos. É importante essa influência da mídia e do mercado na produção dos artesanatos, pois dessa forma o artesanato perde sua singularidade e autenticidade, já que exige dos artesãos a imitação ou cópia de algum objeto ou motivo exibido em novelas ou programas de Tv. Sobre isso Baudrillard explica que “O objeto não tem mais

função e sim uma virtude: é um signo.” (1968, p. 90) e ainda completa “o objeto é assim, no seu sentido estrito, realmente um espelho: as imagens que devolve podem apenas se suceder sem se contradizer. É um espelho perfeito já que não emite imagens reais, mas aquelas desejadas” (1968, p.98). Visto dessa maneira o artesanato não possui apenas função. Brandão nos lembra muito bem, que esses objetos, quando compramos, “mais do que necessários porque úteis são desejados porque são símbolos” (1989, p.48).

### 3.7 Formalização:

No que se refere à variável formalização da dimensão organizacional, podemos verificar que o espaço de produção das peças é informal, levando em consideração que quase todos estabelecimentos de produção não são legalizados junto à prefeitura. Neste aspecto o que aparecem são tentativas de regularização, como fazer parte do Simples Nacional<sup>36</sup> e inserção em células do SEBRAE. Santos sobre isso defende que:

Na atividade individual ou familiar, com frequência realizada em casa, é fácil fugir parcial ou totalmente dos impostos. Por outro lado, essa atividade exige pouco no plano dos equipamentos e de sua renovação e é sustentada pela exigência de uma demanda na cidade, adaptando-se facilmente às oscilações dessa última. (p.211)

Segundo dados do IBGE de 2003 sobre a economia informal urbana brasileira<sup>37</sup>, a não formalização das empresas e estabelecimentos é constante. “Os dados demonstram que dentre as empresas do setor informal, 88% não possuíam constituição jurídica, o que correspondia a 93% das empresas de conta própria e 56% das empresas de empregadores”. (IBGE, 2003, s/p)

Os dados do IBGE demonstram ainda que

em média, 74% das empresas pesquisadas não possuíam licença municipal ou estadual, padrão que oscilava de acordo com a atividade, enquanto que 58% das empresas de transporte, armazenagem e comunicação, 58% das empresas de atividades imobiliárias, alugueis e serviços, e 52% das empresas de educação, saúde e serviços sociais não tinham licença municipal ou estadual. Aproximadamente 90% não tinham registro de microempresas, proporção que se altera pouco entre os diversos agrupamentos de atividades (2003,s/p).

<sup>36</sup> Simples Nacional é um regime tributário diferenciado, simplificado e favorecido previsto na Lei Complementar nº 123, de 14.12.2006, aplicável às Microempresas e às Empresas de Pequeno Porte, a partir de 01.07.2007 Faz parte do Estatuto Nacional da Micro empresa e da empresa de pequeno porte, apelidado de super simples desde o dia 01-07-2007 substitui o simples Federal (Lei 9.317/1996 e é também um regime de arrecadação, de caráter facultativo que abrange diversos impostos e contribuições. Disponível no site <http://www8.receita.fazenda.gov.br/SimplesNacional/> acesso em jul.2008.

<sup>37</sup> O IBGE não forneceu dados específicos para municípios, estados ou regiões.

Sobre a adesão ao sistema tributário SIMPLES até o final de 2003, “apenas 2% do total, sendo a maior parte delas no comércio e reparação (53%). A participação era muito pequena, embora seja fato que nem todas as empresas poderiam ter optado por este sistema de tributação, haja vista as limitações quanto a receita anual, a atividade desenvolvida e o fato da empresa ter registro” (IBGE,2003).

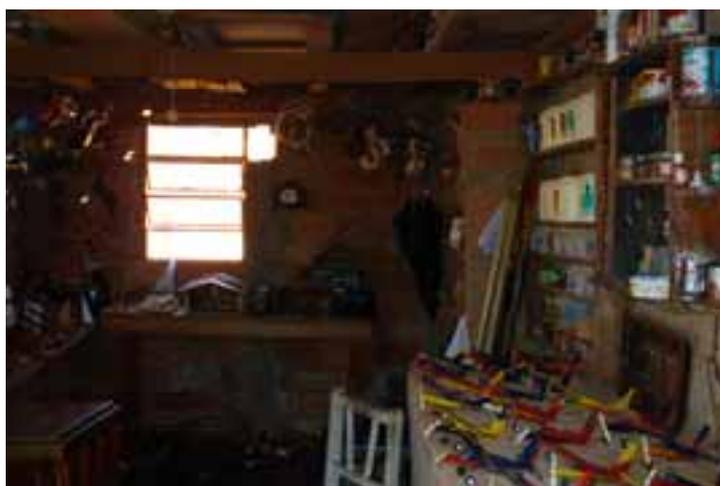
Vale ressaltar que todos esses indicadores de formalização variaram de acordo com o tipo de empresa e demonstram um quadro geral da economia informal urbana brasileira, conforme pode ser observado na tabela abaixo:

**Tabela 12 - Proporção de empresas do setor informal em relação ao total de empresas, por tipo, segundo indicadores de formalização - Brasil – 2003.**

Indicadores de formalização	Proporção de empresas do setor informal em relação ao total de empresas, por tipo de empresa (%)		
	Total	Conta própria	Empregador
Possuía registro de microempresa	10	6	38
Aderiu ao sistema SIMPLES	2	1	9
Possuía licença municipal	23	19	52
Era filiado a sindicato	11	8	28
Tinha constituição jurídica	12	7	44

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Economia Informal Urbana 2003.

No trabalho de campo foram observados 3 espaços de produção que, segundo os próprios artesãos, são “quartinhos”, ou seja, lugares improvisados dentro ou fora da própria casa para tal atividade. Como mostra a figura 26:



**Figura 26. Foto. Lugar de produção de pequenos aviões de madeira - artesanato da Feira Hippie**

Fonte: FERNANDES, C.A. Trabalho de campo, jun.2007.

Observamos também a conta de energia e o IPTU dessas residências. A energia nesses estabelecimentos é monofásica e o IPTU é residencial. Em alguns casos o gasto com consumo de energia é insignificante, já que para produção de algumas peças artesanais não há utilização de energia, como é o caso de bordados e crochês feitos por uma artesã da Feira Híppie.

Um dos artesãos, que faz bonecos de jatobá e quadros com matéria orgânica do Cerrado, gasta em média 80 reais de energia com a produção, já que utiliza serra de fita para cortar a madeira, esmeril para lixar e furadeira para furar sementes e madeira. O mesmo informa que se sua residência fosse trifásica seria mais vantajoso, pois o custo com a energia seria menor.

Um artesão da feira Híppie, que faz aviões e peças em madeira, já se cadastrou no regime tributário simplificado<sup>38</sup>, que tem como benefícios a concessão de nota fiscal e registro da empresa. Porém, o mesmo está em dívida com o serviço, já que tem dois anos que não paga a taxa anual, assim as notas fiscais que ele possuía estavam vencidas.

Outro elemento que caracteriza a fabricação analisada é a produção familiar, dado que não é comum a terceirização da mão de obra, pois esta gera mais ônus ao produtor com os trâmites legais, como carteira de trabalho e leis trabalhistas. Assim, é comum filhos, esposas e maridos ajudarem e fazerem parte do processo produtivo. Essa é uma característica freqüente nas pequenas empresas ou pequenas produções do circuito inferior, pois:

permite que se aumente a produção sem que haja necessidade de mobilizar mais capital de giro. Apelar para assalariados tornaria a pequena empresa pouco competitiva e a obrigaria a pagar encargos sociais e impostos. Em certos casos, sobretudo quando a demanda é flutuante, a transformação de uma empresa familiar em empresa capitalista acarretaria sua falência. (SANTOS, 2004, p.219)

Dois dos artesãos da Feira do Cerrado entrevistados fazem parte de células do Sebrae. Essas são denominadas Células Empresariais parte do Projeto MetrÓpole que foi criado pelo Sebrae em Goiás para trabalhar o desenvolvimento setorial, por meio da organização de grupos de trabalho.

---

<sup>38</sup> Segundo as informações gerais para o cadastramento no regime tributário simplificado “o Regime Tributário Simplificado, ou simplesmente Cadastro no RTS, apresenta-se como uma solução da Secretaria de Estado da Fazenda, para resolver o problema da informalidade do pequeno comerciante feirante, ambulante, mercador de rua, sacoleiro e da pequena indústria familiar, fornecendo-lhes uma Inscrição Estadual e a possibilidade de emitir notas fiscais a seus compradores”. Disponível no site <http://www.sefaz.go.gov.br/DIEF/RST/v2rtscartilhadief.htm> acesso em jul.2008

As Células Empresariais são formadas por empresários e pequenos comerciantes do mesmo segmento econômico, com o objetivo de identificar os problemas comuns e as soluções a serem trabalhadas de forma associativa. As células empresariais visam o desenvolvimento e fortalecimento das empresas participantes. Em reuniões de trabalho, os participantes identificam os principais problemas de seu setor e levantam propostas de soluções que possam ser implementadas com o apoio do Sebrae e de parceiros específicos.

### **3.8 Organicidade:**

Na questão da organicidade observa-se que as feiras pesquisadas possuem características hierárquicas e de complementaridade com o espaço e o artesanato exposto. Assim, em uma das feiras, a Feira Hippie, por mais que seja um lugar central e de referência na cidade em relação a compras, o artesanato é algo complementar, faz parte e não é a principal atração da feira. Diferente do que ocorre na feira do Cerrado que é uma feira voltada para a venda de produtos artesanais, assim sendo especializada e hierarquicamente superior em relação a outras feiras. Ressalta-se que no caso da produção um produto elaborado para uma feira de artesanato é diferente daquele produzido para uma feira de variedades. De outro modo, na Feira do Cerrado há normas e regras que regulamentam a produção das peças e os artesãos, por mais que encontremos alguns produtos industrializados sendo vendidos como artesanal, como é o caso de doces e outros objetos já comentados neste capítulo.

Vale ressaltar que as características dessas variáveis e considerações vão de encontro aos aspectos encontradas no circuito inferior já que a produção no circuito inferior compreende a pequena produção, comumente artesanal sendo que “as unidades de produção e de comércio, de dimensões reduzidas, trabalham com pequenas quantidades” (SANTOS, 2004, p.197).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa e construção da dissertação analisou-se como são os artesanatos expostos nas feiras Híppie e do Cerrado, bem como a caracterização de seus principais agentes sociais, espaços e relações sociais engendradas em redes, mais especificamente estudou-se a dimensão e dinâmica organizacional dessas feiras.

Através de observação e entrevistas com diversos artesãos, notou-se que o artesanato exposto nas feiras é um meio de sobrevivência para diversos feirantes, que aproveitam-se de seu saber-fazer para se inserirem no mercado e conseguem manter suas famílias, apesar das inúmeras dificuldades que o mercado informal possui.

No caso do artesanato exposto nas feiras Híppie e do Cerrado, notamos que tanto a produção quanto a comercialização são partes do circuito não moderno da economia (circuito inferior), por possuírem características como informalidade, construção por sistema de pequena produção familiar e trabalhos individualizados. Porém, estes sofrem influências diretas proporcionadas pelo circuito superior, como dificuldades em comercialização e na aquisição de recursos para a produção. Assim, os aspectos globais agem diretamente nos locais, fazendo com que o artesanato seja modificado, refuncionalizado e ressignificado.

Percebeu-se que o artesanato *no e para* o mercado é fruto de um processo que leva em consideração aspectos de um drama e uma trama organizacionais complexas, que abrangem desde as relações de trabalho e produção até o espaço em que estas ocorrem. Assim sendo, o artesanato tem se modificado devido a vários fatores, como o desenvolvimento urbano, a mercantilização dos objetos, a indústria cultural, o consumo cultural, o turismo e a ampliação do mercado e dos meios comunicacionais.

Deste modo, nota-se que o artesanato encontrado nas feiras pesquisadas possui algumas semelhanças, principalmente aquelas relacionadas à influência da televisão e das tendências da moda. Porém, devido a contextos específicos, como local de comercialização e público que compra as peças, ressaltamos que o artesanato apresenta algumas modificações em cada uma das feiras estudadas. Isso fica claro, por exemplo, quando analisamos o artesanato da Feira do Cerrado. Nesta, os artesãos têm uma maior preocupação em chamar atenção dos clientes e de divulgar seu trabalho através de produtos mais elaborados, com maior durabilidade, além da diferenciação das embalagens e panfletos, que são de melhor qualidade e identificam a feira. Estes

participam de cursos onde são informados de que a produção de artesanato para o mercado deve ser diferenciada e que as peças precisam ser melhor tratadas para atrair um maior público e lucros. Esses cursos são promovidos pelo SEBRAE – que tem o slogan Pequenas empresas, Grandes negócios – e versam sobre a utilização de conhecimentos e tecnologia para a melhoria dos produtos, além de propostas de marketing e de afirmação como Marca, tanto para os produtos vendidos como para a própria feira. Engendra assim uma lógica empresarial que movimenta e dinamiza a feira e seus produtos, imprimindo nestes um conjunto de valores que modifica a produção e a venda dos produtos artesanais. Acerca desse tipo de feira podemos analisar também que esse apelo à uma identidade local (Feira do Cerrado), como forma de valorização das peças produzidas, possibilita um novo ânimo à produção artesanal, uma vez que aqueles objetos tornaram-se um elemento identificador da presença do turista em determinado local, servindo como uma espécie de prova autenticadora, que pode ser utilizada por si próprio ou pela pessoa que receberá o objeto como souvenir, por exemplo.

Desta forma, encontramos na feira do Cerrado um artesanato diferenciado, por ser mais variado e elaborado, caracterizado pela diversificação das matérias primas utilizadas na produção. A produção das peças ainda é pequena, mas há casos de artesãos que terceirizam parte do processo produtivo. Como exemplo, podemos citar a existência de colares feitos de vidro, sementes, crochê, miçangas, aço e bijuterias, diferenciando-se dos artesanatos produzidos para serem comercializados na Feira Hippie, onde se encontra uma menor diversificação dos mesmos, sendo estes mais simples e menos elaborados. Estes são feitos de forma mais tradicional e com uma menor preocupação em afirmar uma identidade ou valorizar aspectos rústicos e tradicionais, aspectos em voga na atualidade.

A fabricação e venda dos produtos, para aqueles que compõem o setor de artesanato da Feira Hippie, é um meio de sobrevivência, um trabalho no qual utilizam um saber tradicional, passado de geração em geração, para ganhar dinheiro mais do que afirmação de uma classe ou identidade, não que estes aspectos não sejam demonstrados na Feira do Cerrado. Isso porque a feira Hippie também possui contexto e características diferentes. Apesar de sua origem ser predominantemente artesanal, a feira tomou outras dimensões, o que fez com que seu artesanato e os artesãos sejam relegados às vezes ao esquecimento. É constante, por exemplo, a reclamação dos artesãos-feirantes sobre a

dificuldade em vender suas mercadorias, por estarem em um espaço de difícil visibilidade e acesso e também devido à procura maior por outros artigos, já que a feira se tornou um grande pólo de vendas, principalmente de roupas.

Também é importante perceber que há na feira Híppie a preocupação por parte dos artesãos em fazerem artesanato de acordo com as tendências da moda, visualizadas na televisão, para aumentar o preço e quantidade de produtos vendidos. Por isso, o artesanato encontrado nos revela também uma contradição porque, apesar de fazer parte do circuito inferior, segue a lógica do capital e do mercado artístico, adequando-se às tendências lançadas pela grande indústria da mídia. Sobre isso, García Canclini nos lembra bem: “O artesanato conserva uma relação mais complexa em termos de sua origem e do seu destino, por ser simultaneamente um fenômeno econômico e estético, sendo não capitalista devido à sua confecção manual e seus desenhos, mas se inserindo no capitalismo como mercadoria” (1983, p.91).

Fica clara a diferença nos artesanatos produzidos nas duas feiras dado também às condições dos artesãos. Se na Feira do Cerrado os artesãos são instruídos a fazerem peças com cuidado, com materiais apropriados e com melhor qualidade para vender e chamarem a atenção de um público maior, na Feira Híppie percebemos que muitos artesãos fazem artesanato no improviso mesmo, haja vista um dos artesãos que entrevistamos que usava até produtos tóxicos à sua saúde na fabricação do artesanato. Esclarecer e definir essas questões são elementos interessantes para um próximo estudo.

Outra discussão é de que os objetos produzidos nessa lógica são uma forma ou uma tentativa de sobrevivência desses artesãos, dado às dificuldades encontradas por eles no mercado de trabalho. Sobre isso, observa que a reprodução das tradições não exige fechar-se à modernização. Nesse sentido, o artesanato pode ser uma saída, ou melhor, uma “*entrada*” nessa modernidade, já que além de uma obtenção de renda extra é a principal fonte de renda de muitos trabalhadores.

Portanto, sugere-se que o artesanato seja uma forma desses artesãos se inserirem no mercado de trabalho sem que haja tantas modificações no artesanato. Muitas das vezes devido à falta de apoio e dificuldade nas vendas, os artesãos-feirantes acabam vendendo qualquer coisa, só porque está na moda ou porque aparece na TV e o saber artesanal acaba sendo modificado. Por isso, é necessária uma maior valorização do artesanato bem como da profissão de artesão. Uma das vias para que isso aconteça seja

a aprovação do estatuto do artesão que desde 2004 está “esperando” aprovação na Câmara dos Deputados. Esta é uma outra questão que poderíamos ter aprofundando em nosso estudo, ou seja, a luta dos artesãos dos Estados do Paraná, Pernambuco, Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro pelo reconhecimento de seu ofício, e que ainda possui pouca visibilidade até mesmo entre os próprios artesãos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Trad. Almeida, G.A. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1947.

ALEGRE, Sylvia Porto. *Mãos de Mestre*: itinerários da arte e da tradição. São Paulo: Maltese, 1994.

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular?* São Paulo: Coleção primeiros passos, v. 36: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_, Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural. *Cultura, patrimônio e preservação*. Texto II. Eunice Ribeiro Durham. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1984.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

AVINA. Quem somos e o que fazemos? *Missão-estratégia*. Disponível em: < <http://www.avina.net>>. Acesso em jul. 2008.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

BOTTOMORE, Tom.(editor) *Dicionário do pensamento marxista*.Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. Campinas – SP: Papyrus, 1989.

BRASIL. Projeto de Lei n.3926, 07 de jul. 2004. *Estatuto do Artesão*. Disponível em:< <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/233096.pdf>>. Acesso em jul.2008.

BROMLEY; SYMANSKY; GOOD. Análise Racional dos mercados periódicos. *Revista brasileira de geografia*. RJ. 42 (1) Jan/ Mar. 1980.

CAMPOS, I. F. *Notícias Históricas do Bairro de Campinas*. Goiânia: Prefeitura Municipal, Assessoria Especial de Cultura, 1985.

- CARVALHO, José Jorge. A Ciência do Folclore. *Revista INIDEF*, Caracas, v. 4, p. 124-125, 1980.
- \_\_\_\_\_. As Duas Faces da Tradição. O Clássico e o Popular na Modernidade Latino Americana., México: Conselho Nacional para la Cultura, 1991.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.
- CASELLI, Giovanni. *As primeiras civilizações*. São Paulo: Melhoramentos. 1983.
- CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem, introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- CATENACCI, Vivian. Cultura popular: entre a tradição e a transformação. *São Paulo Perspec.*, Abr. 2001, vol.15, no.2, p.28-35. Disponível em <http://www.scielo.br> acessado em janeiro/2007.
- CAVALCANTI, M. L. V. C. . Cultura e Saber do Povo: uma perspectiva antropológica. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 147, p. 69-78, 2002.
- CLEPS, Geisa Daise Gumiero. O Comércio e a cidade: novas territorialidades urbanas. *Sociedade e Natureza*. ano 16. n.30. Uberlândia, jun., 2004.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *A rede urbana*. São Paulo: Ática, 1989.
- \_\_\_\_\_, A rede de localidades centrais nos países subdesenvolvidos. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, 1992, v.54, n.1, p.95-121.
- \_\_\_\_\_, Comércio e espaço: uma retrospectiva e algumas questões. *Textos LAGET*. Série Pesquisa e ensino. n.2. UFRJ, abril, 2000.
- \_\_\_\_\_, *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- DIAS, Leila Christina. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (Orgs.). *Redes, Sociedades e Territórios*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0*. 3 ed. Positivo informática, 2004.
- FPC, Fundação Pró-Cerrado. *Como funciona a Fundação*. Disponível em: < <http://www.fpc.org.br> > . Acesso em jul. 2008.

FROTA, Lélia Coelho. Referências: entrevista. *Revista Raiz* nº. 1 Disponível em <http://revistaraiz.uol.com.br/>. Acessado em ago. 2007.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GARCÍA CANCLINI, Nestor, *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_, O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 23. Brasília: Iphan/ Minc, 1989. pp. 94- 115.

\_\_\_\_\_, *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EdUSP, 1997.

GEORGE, Pierre. *Dicionário de geografia*. 1970.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Turismo e o “resgate” da cultura Pataxó. In: BANDUCCI JR. Álvaro e BARRETO, Margarita (Orgs). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas, SP: Coleção Turismo, Papirus, 2001.

HOBBSAWN, Eric J. *Mundos do trabalho; novos estudos sobre história operária*. Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

IBASE, Instituto Brasileiro de Análises Sociais Econômicas. *Informalidade e cidadania: empreendimentos informais no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBASE, 1997.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Economia informal urbana, 2003*. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: < <http://www.sebraego.com.br/site/site.do?idArtigo=1226> >. Acesso em: jul. 2008.

LEÃO, Carlos; LEITE, Aline T. Borghi. Caracterização das atividades informais – o comércio de rua de Goiânia. *Sociedade e Cultura*. v.8, n.02 jul./dez. Goiânia: UFG, 2005.

LEITE, Rogério Proença. Modos de vida e produção artesanal: entre preservar e consumir. *Olhares Itinerantes - reflexões sobre artesanato e consumo da tradição*. Cadernos ArteSol 1. 2005. Disponível em:< <http://www.artesol.org.br/principal2.php>>. Acesso em ago. 2007.

LEITE, Rogério Proença. Patrimônio e Consumo Cultural em Cidades Enobrecidas. *Revista Sociedade e Cultura, Goiânia*, v.8. n. 2, jul./dez. 2005.

LÉVI-STRAUS. *A oleira ciumenta*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LIMA, Ricardo. *Artesanato: cinco pontos para discussão*. São Paulo, 2005. p.12. Palestra artesanato solidário, Central Artesol. Disponível em: <<http://www.revista.iphan.gov.br/>>. Acesso em jul. 2007.

MAIA, Carlos E. Santos. Informalidade e ilegalidade: faces e disfarces na economia urbana. *Boletim goiano de geografia*. v.19, n.02 jan./dez. Goiânia, UFG, 1999.

MAIA, Carlos E. Santos; COELHO, Tito Oliveira. O comércio varejista periódico no espaço urbano no contemporâneo: um estudo na feira hippie de Goiânia. *Boletim Goiano de Geografia*. V. 17 n.02 Jul./Dez. Goiânia, UFG, 1997.

MARCOS, Almiro. Goiânia, capital da feira clandestina. *O popular*, Goiânia, 13 de jan. 2008. Cidades, p.5.

MARX, Karl. *Contribuição para a critica da economia política*. 3. ed. Lisboa: Estampa, 1974. 365 p.

\_\_\_\_\_, *O capital: critica da economia política*. Livro 1, v. 1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1989.

MASCARENHAS, Gilmar. Feiras livres: informalidade e espaços de sociabilidade. In: Colóquio Internacional: Comércio, cultura e políticas públicas em tempos de globalização, 2005, Rio de Janeiro. *Anais do Colóquio Internacional: Comércio, cultura e políticas públicas em tempos de globalização*, v.1, 2005.

MELO, Victor Andrade. Arte. In: GOMES, Christianne Luce. (org.) *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MENDONÇA, Anaí. *Feira Hippie de Goiânia*. Goiânia: Kelps, 2008.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. *Simples Nacional*. Disponível em: <<http://www8.receita.fazenda.gov.br/SimplesNacional/>>. Acesso em jul.2008.

NORONHA, Eduardo G. “Informal”, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v.18, n.53. out., 2003.

OLIVEIRA, Jane Souto. Repensando o informal em tempos de globalização. In: CARVALHO, Fernanda Lopes (Org.) *Economia Informal: legalidade, trabalho e cidadania*. Brasília: SEBARE; Rio de Janeiro: IBASE, 1998.

PAMPLONA, João Batista; ROMEIRO, Maria do Carmo. Desvendando o setor informal: relatos de uma experiência brasileira. In: IV Encontro de Economistas de Língua Portuguesa, 2001, Évora / Portugal. *Anais IV Encontro de Economistas de Língua Portuguesa*, 2001. v. 1.

PAZ, Octavio. O uso e a contemplação. Trad. Alexandre Bandeira. *Revista Raiz*, n.3., ano 2. n.11. Disponível em: < <http://revistaraiz.uol.com.br/portal/>>. Acesso em jan. 2007.

\_\_\_\_\_, Ver e usar: arte e artesanato. Convergências: ensaios sobre arte e literatura. Editora Rocco, Rio de Janeiro 1991, pág.45-57. Disponível em: < <http://www.artesol.org.br/principal2.php>>. Acesso em ago. 2007.

PENIDO, Valéria Fleury de Carvalho. A feira hippie e o desenvolvimento do turismo em Goiânia. Monografia (Especialização em capacitação e planejamento em Turismo), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

PIMENTEL, Thiago Duarte; SILVA Alfredo Rodrigues Leite. Artesão ou pequeno industrial: ambigüidades identitárias na “Feira Hippie”. In: Encontro de estudos organizacionais 2006, Porto Alegre. *Anais do IV Encontro de estudos organizacionais*. Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.

PREFEITURA de Goiânia. Legislação. *Leis – Código de Postura e Locais históricos: Tombamento do Centro histórico de Goiânia*. Disponível em: <<http://www.goiania.go.gov.br/>> . Acesso em jul. 2008.

REZENDE FILHO, Cyro de Barros. *História econômica geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo séc. XVII-XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_, *Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo: Edusp, 2004.

\_\_\_\_\_, *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SEFAZ, Secretaria da Fazenda. Informações gerais para o cadastramento no regime tributário simplificado. Disponível em: < <http://www.sefaz.go.gov.br> >. Acesso em jul.2008.

SILVA, Miguel Antônio de Mello. De Homo Laborans a Homo Faber: Criatividade e Equilíbrio Psicossomático no Trabalho. *Revista Técnica IPEP*, São Paulo, SP, v. 6, n. 2, p. 9-21, ago./dez. 2006.

SINGER, Paul. *Globalização e desemprego: Diagnóstico e alternativas*. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUSA, Luis Gonzaga de. Origem das feiras. *Memórias de Economia*, 2004. Disponível em: < [www.eumed.net/cursecon/libreria/](http://www.eumed.net/cursecon/libreria/)>. Acesso em jul. 2007.

SOUSA FILHO, Pedro Gomes. Trabalho informal em Goiânia: projeto mercado aberto. Dissertação (Mestrado Sociologia). Universidade federal de Goiás, 2005.

SP é só 11<sup>a</sup> em ranking de qualidade de vida das 27 capitais brasileiras. *Folha de São Paulo*: online, São Paulo, 27 de out. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u101796.shtml>>. Acesso em jun.2008.

TEDESCO, João Carlos. O artesanato como expressão de um sistema de autarcia econômico-familiar no meio rural: subsídios para uma história econômica regional. *Teor. e Evid. Econ.* Passo Fundo v. 14 Ed. Especial p. 221-246, 2006.

TESAURO de Folclore e Cultura Popular Brasileira. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/MinC. Disponível em: < <http://www.museudofolclore.com.br/tesouro/apresentacao.html>> Acesso em jan. 2007.

VITORELI, Adrienne. Feira do Cerrado tem programação especial no Dia do Artesão. *Agência Sebrae de Notícias*, Goiás, 14 de mar. 2006. Disponível em: <<http://www.sebraego.com.br/site/site.do?idArtigo=1507>>. Acesso em jun.2008.

ZUBEN, Newton Aquiles von. O "Homo Faber" e a Mundanidade no Pensamento Político de Hannah Arendt. *Filosofia, Educação e Sociedade*. MORAIS, João Francisco Regis de (Org.). São Paulo, Campinas: Papirus, 1989.

## ANEXO 1

### Questionário sobre artesanato Comercialização e Produção dos produtos nas feiras

**Nome da feira:** \_\_\_\_\_

**Modo de comercialização** ( ) direto ( ) intermediário ( ) cooperativa/associação

**Quem comercializa** ( ) só vende ( ) é artesão ( ) é artesão e vende

**Caso só venda, quem faz as peças?**

( ) amigo ( ) parente ( ) desconhecido ( ) outros \_\_\_\_\_

**Caso seja artesão, há quanto tempo trabalha neste ofício?**

( ) menos de 1 ano ( ) de 1 a 5 anos ( ) de 6 a 10 anos ( ) de 11 a 15 anos

( ) de 16 a 20 anos ( ) de 21 a 25 anos ( ) de 26 a 30 anos ( ) + de 30 anos

**Qual o público que geralmente compra as peças:** ( ) moradores de Goiânia ( )

turistas ( ) Outros

Especifique: \_\_\_\_\_

**Há quanto trabalha nesta feira:**

( ) menos de 1 ano ( ) de 1 a 5 anos ( ) de 6 a 10 anos ( ) de 11 a 15 anos

( ) de 16 a 20 anos ( ) de 21 a 25 anos ( ) de 26 a 30 anos ( ) + de 30 anos

**Comercializa o produto em outros locais?** ( ) sim ( ) não

**Onde?**

( ) outras feiras Quais? \_\_\_\_\_ ( ) lojas Quais? \_\_\_\_\_

( ) Outros: especificar \_\_\_\_\_

**A venda deste produto é sua principal fonte de renda** ( ) sim ( ) não

Que outra atividade exerce? \_\_\_\_\_

**Quantas peças produz:**

por dia \_\_\_\_\_ por mês \_\_\_\_\_ por ano \_\_\_\_\_

Qual é valor médio das peças: \_\_\_\_\_

Quantas peças vende por dia? \_\_\_\_\_

Quanto arrecada mensalmente com a venda de artesanato? \_\_\_\_\_

Tipo de artesanato vendido:

( ) acessórios e peças de vestuário ( ) móveis/utilidades domésticas ( ) objetos de decoração

( ) brinquedos

Quais são as peças vendidas?

Quais são os principais materiais e instrumentos utilizados?

Onde é comprada a matéria prima?

Para os artesãos: Quais são os modelos ou moldes para fazer as peças:

Quais as inspirações para fazer as peças ( ) novelas ( ) revistas programas de tv ( ) filmes ( ) Outros: especificar: \_\_\_

Outras observações:

Data de nascimento \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Sexo ( ) Feminino ( ) Masculino

Onde nasceu: \_\_\_\_\_

Bairro onde mora: \_\_\_\_\_

Grau de escolaridade: Ensino fundamental ( ) Completo ( ) Incompleto

Ensino Médio ( ) Completo ( ) Incompleto

Ensino Superior ( ) Completo ( ) Incompleto

Questionário N°. \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

## **Roteiro de entrevista sobre a produção de artesanato**

**Modo de comercialização** ( ) direto ( ) intermediário ( ) cooperativa/associação

**Quem comercializa** ( ) só vende ( ) é artesão ( ) é artesão e vende

**Caso só venda, quem faz as peças?**

( ) amigo ( ) parente ( ) desconhecido ( ) outros \_\_\_\_\_

**Há quanto trabalha nesta feira:**

( ) menos de 1 ano ( ) de 1 a 5 anos ( ) de 6 a 10 anos ( ) de 11 a 15 anos ( ) de 16 a 20 anos ( ) de 21 a 25 anos ( ) de 26 a 30 anos ( ) + de 30 anos

**Sobre a produção:**

**Há quanto tempo trabalha como artesão?**

( ) menos de 1 ano ( ) de 1 a 5 anos ( ) de 6 a 10 anos ( ) de 11 a 15 anos ( ) de 16 a 20 anos ( ) de 21 a 25 anos ( ) de 26 a 30 anos ( ) + de 30 anos

**Você já ensinou ou ensina outras pessoas a fazer artesanato?**

---



---

**Com quem aprendeu? E porque aprendeu?**

---



---

**Você já fez cursos? Onde?**

---



---

**Há outras pessoas que te ajudam na produção do artesanato? Quem são? São pagas para ajudar? Como pagam? Qual é o horário do trabalho? Quem contratou? Possui pessoas da família ajudando?**

---



---

**Qual é o local de produção do artesanato?**

---



---

**Se for em casa, qual é o espaço da casa em que é feito? As pessoas da família também ajudam? Qual o horário você costuma produzir?**

---



---

**Possui o ateliê? Você permite a entrada de clientes? É aberto para que os clientes vejam você produzindo?**

---

---

---

**Possui micro-empresa? Quem te ajuda na empresa, tanto na confecção das peças quanto os tranmites legais?**

---

---

---

**Descreva o processo de produção do artesanato?**

---

---

---

**Quais são as inspirações para fazer as peças**

---

---

---

**Tem influência de: ( ) novelas ( ) revistas programas de tv ( ) filmes**

**Quantas peças você produz aproximadamente:**

por dia \_\_\_\_\_ por mês \_\_\_\_\_ por ano \_\_\_\_\_

**Quanto mais ou menos você ganha por mês?**

---

---

---

**O que vocês consideram como artesanato?**

---

---

---

**Por que você produz artesanato?**

---

---

---

**Qual a vantagem em trabalhar com artesanato?**

---

---

---

**A venda deste produto é sua principal fonte de renda ( ) sim ( ) não**

**Que outra atividade exerce? \_\_\_\_\_**

**Já teve outro trabalho?**

---

---

---

**Se caso for sim, porque você trabalha nessa profissão e não em outra coisa?**

---

---

---

**Você resolveu trabalhar de feirante por quê?**

---



---



---

**Tipo de artesanato vendido:**

( ) acessórios e peças de vestuário ( ) móveis/utilidades domésticas ( )  
objetos de decoração ( ) brinquedos Quais são as peças vendidas?

---

**Quais são os principais materiais e instrumentos utilizados?**

---



---



---

**Onde é comprada a matéria prima?**

---



---



---

**Você tem algum problema na produção do artesanato? E na comercialização?**

---



---

**Para Feira do Cerrado: Há alguma lei ou regulamento na feira sobre a produção de objetos artesanais? Vocês são obrigados a fazerem somente peças artesanais?**

---



---



---



---



---

**Data de nascimento** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Sexo** ( ) Feminino ( ) Masculino

**Onde nasceu:** \_\_\_\_\_

**Bairro onde mora:** \_\_\_\_\_

**Grau de escolaridade: Ensino fundamental** ( ) Completo ( ) Incompleto

**Ensino Médio** ( ) Completo ( ) Incompleto

**Ensino Superior** ( ) Completo ( ) Incompleto

**Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## ANEXO 2

## Relação das Feiras Especiais de Goiânia

<b>NOME DA FEIRA</b>	<b>ENDEREÇO</b>	<b>DIA</b>	<b>HORÁRIO</b>	<b>Nº. BANCA</b>
Hippie	Praça do Trabalhador	Domingo	07 às 14: hs	6.800
Nuvens	St. Coimbra	Domingo	16 às 22: hs	500
Parque das Laranjeiras	Parque das Laranjeiras	Domingo	16 às 22: hs	150
Da Felicidade	Avenida Transbrasiliana	Domingo	16 às 22: hs	*
Setor Sudoeste	Praça C-08/Rua c-69	Domingo	16 às 22: hs	200
Sol	Praça do Sol	Domingo	16 às 22: hs	230
St.Universitário	Praça Universitária	Domingo	16 às 22: hs	320
Estrelas	Novo Horizonte	Quarta-Feira	16 às 22: hs	290
Setor Bueno	T-14 St. Bueno	Quarta-Feira	16 às 22: hs	212
Feira da Cidade Jardim	Praça Abel Coimbra	Quarta-Feira	16 às 22: hs	*
Cepal do Jd. América	Cepal do Jd. América	Quinta-Feira	16 às 22: hs	300
Setor União	Rua u-55/Av. dos Alpes	Quinta-Feira	16 às 22: hs	221
Do Amor	Al. Moisés Santana. Vila Redenção	Sexta-feira	16 às 22: hs	100
Do Jacaré	Praça Dom Prudêncio, Criméia Oeste.	Sexta-feira	16 às 22: hs	*
Entardecer	Rua 115, Cepal do St. Sul	Sexta-feira	16 às 22: hs	240
Girassóis	Avenida Circular , St. Pedro Ludovico	Sexta-feira	16 às 22: hs	293
Feira dos Imigrantes Italianos	Praça dos Imigrantes Italianos, Jd. América	Sexta-feira	16 às 22: hs	*
Monte Cristo - São José	Avenida Dom Eduardo, Praça S. Redentor	Sexta-feira	16 às 22: hs	200
Requinte	Vila Canaã	Sexta-feira	16 às 22: hs	190
Conjunto Riviera	Conjunto Riviera	Sábado	16 às 22: hs	150
Doce	Rua-08 (do lazer)	Sábado	07 às 14: hs	30
Lua	Praça Tamandaré	Sábado	16 às 22: hs	1.281
Parque Amazônia	Praça Sen. J. Rodrigues, Parque Amazônia	Sábado	16 às 22: hs	207
Das rosas	Avenida Liberdade, Conj. Riviera.	Sábado	16 às 22: hs	*

Vera Cruz I	Avenida Gercina Borges, Vera Cruz I	Sábado	16 às 22: hs	200
Vila nova	Av. Cel. Cosme/R. 208 e Av. A	Sábado	16 às 22: hs	195

\* dados não fornecidos pela SEDEM

**FONTE:** SEDEM/ Departamento de Controle das Atividades Informais

Divisão de Habilitação e Controle de Feiras Especiais

Disponível em <http://www.goiania.go.gov.br/html/sedem/smsde704.htm>. Acesso em fev.2008.

Organização Final: Cristiana de A. Fernandes.

## ANEXO 3

### Relação de feiras livres de Goiânia

#### Segunda-feira

Codg	SETOR	TURNO	ENDEREÇO
02	Setor Fama	Diurna	Rua 27, qds. 10 e 11, esquina com rua 3

#### Terça-feira

Codg	SETOR	TURNO	ENDEREÇO
04	Dom Bosco	Diurna	Rua 29, esquina com R1 e R4
03	Cepal Vila Abajá	Diurna	Rua Benjamim Constant esquina com rua 05 e Marginal Sul
05	Castelo Branco	Diurna	Rua 55, entre qds. 10 e 13
06	Nova Suíça	Noturna	Av. T-13 com rua T-5 e T-38
07	Conjunto Riviera	Diurna	Av. da Liberdade com rua 14
09	Vila Lucy	Noturna	Av. B, entre Av. Araxá e Av. A
61	Bairro João Vaz	Noturna	Av. Rio Branco, entre qds. 20 e 24
65	Goiânia II	Noturna	Av. Frei Nazareno Confaloni, entre qds. 26 e 30
83	Parque Oeste Industrial	Noturna	Rua Egerineu Teixeira, entre rua Petróleo e rua Amianto, qd. 148
90	Jardim Curitiba IV	Noturna	Av. do Povo
98	Jardim Primavera	Noturna	Av. Comercial

#### Quarta-feira

Codg	SETOR	TURNO	ENDEREÇO
08	Bairro Goiá	Diurna	Av. Felipe Camarão, qds. 38 e 39
10	Parque Amazonas	Diurna	Praça José Rodrigues de Moraes Filho, qds. 197 e 198
11	Jardim Novo Mundo	Diurna	Rua Estádio Galifórnia, qd. 136
12	Criméia Oeste	Diurna	Rua João Alves de Castro, qd. 20, Praça Dom Prudêncio
13	Vila Canaã	Diurna	Av. Aderup com Av. Nendemeyer, entre qds. 217 a 221
14	Vila Nova	Diurna	Av. 10ª Avenida, entre qds. 46 e 66
16	Cepal Setor Sul	Diurna	Rua 115 esquina com Av. Fued José Sebba
15	Setor Coimbra	Diurna	Av. Perimetral, entre T-1 e T-6
17	Setor Ferroviário	Diurna	Rua 44 em frente à 67-A, qd. 144A

18	Conjunto Vera Cruz II	Diurna	Av. Gercina Borges Teixeira, Etapa II, qds. C48 e C49
64	Urias Magalhães	Noturna	Rua Rondônia, lt. 08, qd. D até qd. 12
84	Jardim Nova Esperança	Noturna	Rua São Geraldo, entre qds. 136 e 150

#### Quinta-feira

Codg	SETOR	TURNO	ENDEREÇO
20	Setor Aeroporto	Diurna	Rua 11-A, entre qds. 15-A e 22-A
21	Setor Centro-Oeste	Diurna	Rua 510 com rua P-25
22	Setor Universitário	Diurna	Rua Uberaba com rua 307, entre qds. I e 116
23	Bairro Capuava	Diurna	Rua Tomaz A. Gonzaga, entre qds. 20 e 26
24	Jardim Planalto	Diurna	Av. Marco Polo, entre qds. 41 e 51
25	Conjunto Vera Cruz I	Diurna	Av. Gercina Borges Teixeira c/ rua Heliezer Qd. C16 e C17
60	Cidade Jardim	Noturna	Rua dos Ferroviários com rua Santarosa, qd. H, lt. 16
66	Modelo	Noturna	Rua 68 com rua 77, qd. 144, Setor Central
19	Cepal Jardim América	Diurna	Praça C-108, entre rua C-105, rua C-115 e Av. C-1
67	Jardim Novo Mundo	Noturna	Rua Maldonado, qds. 229 a 231
70	Conjunto Monte Carlo	Noturna	Rua MC-6, qds. 5 a 7
84	Conjunto Vila Bela	Noturna	Rua Jequitibá, frente à Av. Flemington
85	Feira do Sonho	Noturna	Rua 1.004, Setor Pedro Ludovico
97	Balneário Meia Ponte	Noturna	Av. Ormazena Neves Machado, entre qds. 70 e 75

#### Sexta-feira

Codg	SETOR	TURNO	ENDEREÇO
26	Setor Sudoeste	Diurna	Praça C-8, C-12 com C-15
27	Criméia Leste	Diurna	Av. Couto Magalhães, qd. G com qd. L
28	Vila São José	Diurna	Av. Padre Wendel, entre qds. 564 e 566
29	Dom Bosco	Diurna	Rua 29, esquina com rua 1 e rua 4, Setor Oeste
30	Rua Ipameri	Diurna	Rua Ipameri, entre qds. 109 e 133
31	Bairro Feliz	Diurna	Rua 810 com rua 823, entre qds. 937 e 939
62	Jardim Presidente	Noturna	Rua Presidente Lincoln, qd. 51
63	Vila Regina	Noturna	Rua São Miguel com rua Monte Olívia e rua Patriarca, qd. 27
68	Jardim Dom Fernando I	Noturna	Av. 27 de Janeiro, qds. 12, 14 e 15
69	Vila Finsocial	Noturna	Rua VF-65 com rua VF-102
76	Chácara do Governador	Noturna	Rua DF-2, entre qds. DF-17 e DF-20
86	Conjunto Baliza	Diurna	Rua BL-2, Qd. B-1
93	Jardim Guanabara II	Noturna	Av. GB-5, entre GB-7 e GB-3
96	Solange Park	Noturna	Rua Umbelina Maria, qd. 09

**Sábado**

Codg	SETOR	TURNO	ENDEREÇO
32	Jardim Novo Mundo	Diurna	Rua Alegrete com rua Joinville, entre qds. 38 e 45
94	Residencial Solar Ville	Noturna	Al. Higino Pires Martins
95	Alphaville	Noturna	Rua Alpha-15
59	Finsocial	Diurna	Rua VF-52
81	Bairro Goiás	Noturna	Av. Felipe Camarão, entre qds. 16 e 23
82	Conjunto Parque Atheneu	Noturna	Rua 2013, Unidade 2001
78	São Francisco	Noturna	Rua Rocha Pombo, entre qds. 33 e 40
34	Setor Perim	Noturna	Av. Timbiras, qd. 31
35	Parque Laranjeiras	Diurna	Rua C2A, fim ruas C2A/C4
36	Cepal Setor Sul	Diurna	Rua 115 esquina com Av. Fued José Sebba
37	Setor Bueno	Diurna	Rua T-49, com Av. T-1
38	Novo Horizonte	Diurna	Av. Domiciano Peixoto
39	Cidade Jardim	Diurna	Av. Dom Emanuel
40	Setor Fama	Diurna	Av. Marechal Rondon com rua 3, qd. 11
41	Conjunto Itatiaia	Diurna	Rua R-11
33	Pq. Ind. João Brás	Diurna	Av. Berlim com Rua Oriente s/n

**Domingo**

Codg	SETOR	TURNO	ENDEREÇO
42	Conjunto Riviera	Diurna	Av. da Liberdade
43	Jardim Guanabara	Diurna	Av. Contorno qd. 37-A
45	Conjunto Vera Cruz I	Diurna	Av. Gercina Borges Teixeira com Rua Heliezer, qds. C-16 e C-17
46	Conjunto Vera Cruz II	Diurna	Av. Gercina Borges Teixeira
47	Jardim Nova Esperança	Diurna	Av. Sol Nascente
48	Urias Magalhães	Diurna	Av. Francisco Bibiano entre Av. Central e qd. 53
49	Balneário Meia Ponte	Diurna	Av. Circular
51	Vila Redenção	Diurna	Praça do Comércio, qd. C-01
50	Setor Universitário	Diurna	Rua Uberaba com rua 307, qd. I com qd. 116
52	Setor Palmito	Diurna	Av. Cristóvão Colombo, qds. 212 e 213
53	Setor Pedro Ludovico	Diurna	Praça Isidória de Almeida Barbosa
54	Cepal Jardim América	Diurna	Praça C-108, entre rua C-105, rua C-115 e Av. C-1
55	Vila Nova	Diurna	Av. Nona Avenida, entre a 5ª Avenida e rua 207
56	Setor União	Diurna	Rua U-55
57	Setor Centro-Oeste	Diurna	Rua P-25 com rua 510 e rua 509, qd. 21

58	Vila Mutirão	Diurna	Av. do Povo, entre a rua Transversal e qd. Q
77	Bairro da Vitória	Diurna	Av. Comercial
44	Vila Pedroso	Diurna	Rua 2, qd. K
Diurna : início às 07 horas; término às 14 horas Noturna: início às 16 horas; término às 22 horas. <b>Fonte:</b> Prefeitura de Goiânia Disponível em: <a href="http://www.goiania.go.gov.br/html/sedem/smsde705.htm">http://www.goiania.go.gov.br/html/sedem/smsde705.htm</a> . Acesso em fev.2008			